UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

William Kyoshi Fugii

**JOVENS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS NAS LINHAS DE
PRODUÇÃO JAPONESAS:**

Uma contribuição ao estudo do fenômeno migratório entre o Brasil e o Japão
(1908-2008)

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

**JOVENS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS NAS LINHAS DE
PRODUÇÃO JAPONESAS:**

Uma contribuição ao estudo do fenômeno migratório entre o Brasil e o Japão
(1908-2008)

William Kyoshi Fugii

Dissertação apresentada ao Departamento de Geografia
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Geografia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Margarida Maria de Andrade

São Paulo
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

William Kyoshi Fugii

Jovens universitários brasileiros nas linhas de produção japonesas: uma contribuição ao estudo do fenômeno migratório entre o Brasil e o Japão (1908-2008).

Dissertação apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Geografia Humana

Aprovado em: ____ / ____ / 200__.

Banca examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Manifesto minha mais profunda e sincera gratidão a todas as pessoas que direta e/ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho de pesquisa. Em particular,

- a todos os professores do curso de Geografia da Universidade de São Paulo (graduação e pós-graduação), por quem tenho grande admiração e respeito. Em especial,
 - à *Profa. Dra. Léa Francesconi*, pela fundamental contribuição no exame de qualificação, por acompanhar de perto minha pesquisa desde a graduação e pelas valiosas sugestões oferecidas ao longo de todos esses anos;
 - à *Profa. Dra. Maria Mónica Arroyo*, pelas contribuições da disciplina cursada durante a pós-graduação e também por acompanhar de perto minha pesquisa desde a graduação;
 - ao *Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann*, que tem contribuído bastante para os meus estudos sobre a migração, instigando “olhares” e perspectivas importantes;
- ao *Prof. Dr. Fábio Ocada*, pela valiosa contribuição no exame de qualificação e pelas importantes sugestões que ajudaram a definir os rumos da minha pesquisa;
- ao *Prof. Dr. Roberto Silva*, da Faculdade de Educação da USP, pelas contribuições da disciplina cursada durante a pós-graduação, além do encorajamento especial oferecido pela sua história de vida;
- à *Profa. Dra. Núria Hanglei Cacete*, da Faculdade de Educação da USP, pelos diálogos, não muito frequentes, mas que quando ocorrem são sempre muito bons para mim;

- à pesquisadora *Dra. Elisa Sasaki* (Unicamp) pelas indicações de leitura e pelo fornecimento de dados importantes, relacionados aos trabalhadores dekaseguis;
- aos meus avós, imigrantes japoneses, que com muita sabedoria, construíram no Brasil uma história de esforços, superação e vitória.
- à minha família, pelo apoio incondicional de sempre;
- aos amigos dos grupos de estudo, pelas experiências compartilhadas;
- aos amigos e familiares que me receberam com muita hospitalidade durante o trabalho de campo realizado no Japão;
- às empresas, associações e escolas que me ofereceram especial atenção durante o trabalho de campo realizado no Japão;
- a todos os entrevistados, no Brasil e no Japão, pela grande contribuição à minha pesquisa;
- ao Consulado Geral do Brasil em Nagoya, pela receptividade e informações fornecidas;
- ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, pelas imagens e bibliografia fornecidas;
- ao CIATE – Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior, pelos valiosos dados fornecidos.
- ao mestre, Daisaku Ikeda;

E por fim, não poderia deixar de agradecer à Professora Dr^a *Margarida Maria de Andrade*, orientadora deste trabalho, pela dedicação, direcionamentos e pela elevada sabedoria para orientar e incentivar os estudos, sempre com muita disposição. Nesta etapa, em que concluímos este trabalho, gostaria de manifestar que mais do que gratidão, admiração e respeito, fica meu sincero carinho por tudo. Muito obrigado!

RESUMO

FUGII, William Kyoshi. Jovens universitários brasileiros nas linhas de produção japonesas: uma contribuição ao estudo do fenômeno migratório entre o Brasil e o Japão (1908-2008). Dissertação de mestrado. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

A partir de meados da década de 1980, teve início o fluxo migratório de nipo-brasileiros para o Japão, que ficou conhecido como *Movimento Dekasegui*. A gênese desse movimento no período mencionado está relacionada, entre outros aspectos, à realidade sócio-econômica diferenciada entre os dois países. O Brasil sentia de maneira profunda os impactos da crise mundial do sistema capitalista iniciada na década de 70 que, entre outros efeitos, aumentou significativamente a taxa de desemprego no país. O Japão, berço das inovações tecnológicas correspondentes ao período pós-fordista, via seu desenvolvimento econômico comprometido pela falta de mão-de-obra para suas indústrias em expansão. Houve, portanto, um encontro de interesses entre as partes que culminou com o início do movimento.

A reforma da Lei de Imigração do Japão de 1990, que passa a autorizar descendentes dos imigrantes japoneses até a segunda geração, ou seja, os *niseis* e *sanseis* (e seus cônjuges) a ingressarem legalmente no país para trabalhar, abre caminho para o vertiginoso crescimento do movimento, atualmente representado por cerca de 350.000 brasileiros trabalhando no Japão.

No final da década de 1990, contudo, o movimento dekasegui apresenta sinais de enfraquecimento, devido à redução dos ingressantes no mesmo. Em outras palavras, parece que os nipo-brasileiros suscetíveis à experiência imigratória no Japão estavam se esgotando.

Nesse contexto, passamos a visualizar as estratégias das empresas contratadoras para atrair um novo segmento da comunidade nipo-brasileira, até então pouco envolvido no movimento: os *jovens universitários*. Sob a fachada de

programa de férias, estágio ou algo parecido, a inserção desses jovens no movimento dekasegui tem crescido a cada dia, revelando uma das especificidades do fenômeno dekasegui, que são as constantes transformações em sua dinâmica.

Para a compreensão dessa dinâmica, contudo, passamos a reconhecer – principalmente a partir da realização de pesquisa de campo no Japão em julho de 2006 – que além das motivações econômicas e macro-estruturais do movimento, existem também as motivações subjetivas dos imigrantes nipo-brasileiros, pois trata-se de imigrar para o país dos antepassados. Ou seja, existem elementos subjetivos – simbólicos, afetivos e identitários – dos nipo-brasileiros envolvidos nesse movimento que, entre outros aspectos, têm legitimado a aceitação resignada de postos de trabalho “sujos, perigosos e pesados” por esses trabalhadores.

Palavras-chave: Japão; migração; dekasegui; arubaito; centenário.

ABSTRACT

From the mid-80's, the Nippo-Brazilian migratory flow to Japan began in the dynamics that became known as *Dekasegui Movement*. The genesis of this movement in such period is related, among other aspects, to different social and economic reality between both countries. Brazil deeply experienced the impacts of the global crisis of the capitalist system of the 70's, which, among other effects, increased significantly the unemployment rate in the country. Japan, which was the cradle of the technological innovations corresponding to the post-fordist period, realized that its economic development was affected by the lack of labor for its industries in expansion. There were, therefore, common interests between the parties, which culminated with the beginning of the dynamics.

The reform of the Japanese Immigration Law of 1990, which starts to authorize descendants of Japanese immigrants until the second generation, i.e., *niseis* and *sanseis* (and their spouses) to enter legally in Japan to work, clears the way to a very fast growth of the development, presently represented by about 350,000 Brazilians working in Japan.

At the end of the 90's, however, the *dekasegui* movement presented signs of weakness because of the reduction of people joining it. In other words, it seemed that the Nippo-Brazilians susceptible to the immigration experience in Japan were dwindling.

In this context, we start to visualize the strategies of contracting companies to attract a new segment of Nippo-Brazilian communities that, up to that time, were not so involved in the movement: *young universitarians*. Behind the façade of vacation programs, internships or the like, the insertion of these young people in the *dekasegui* movement has increased day by day, revealing one of the peculiarities of the *dekasegui* phenomenon, which is the continuous transformation in its dynamics.

In order to understand such dynamics, however, we recongnized – specially based on the field research in Japan, in July 2006 – that besides the economic and

macrostructural motivations of the movement, there are also subjective motivations of the Nippo-Brazilian immigrants, since it is a matter of immigrating to the country of the ancestors. In other words, there are subjective elements – symbolic, affective and identity – of the Nippo-Brazilians involved in the movement which, among other aspects, have legitimated a resigned acceptance of the “dirty, dangerous and heavy” work position by these workers.

Key words: Japan; migration; dekasegui; arubaito; centennial celebration.

LISTA DE FOTOS

Fotos 1 e 2 -	Dekasegui brasileira em linha de montagem de fogões, Osaka – Japão, 1990	40
Foto 3 -	Grupo de trabalhadores brasileiros em fábrica de componentes eletrônicos, Nagano – Japão, 1995	40
Foto 4 -	Estudante universitário da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP durante programa de arubaito na fábrica da Sony, Chiba – Japão, dezembro de 2003.....	41
Foto 5:	Estação de Hamamatsu, Shizuoka – Japão, 2006.....	48
Fotos 6 e 7 -	Homi Danchi – conjunto habitacional na cidade de Toyota - Japão, que concentra grande número de brasileiros.....	49
Foto 8 -	Jovens da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP embarcando para o Japão	64
Foto 9 -	Jovens universitários da USP e Unicamp embarcando para o Japão, dezembro de 2007.....	65
Foto 10 -	Fábrica da Sony, na Província de Aichi, 2004	73
Foto 11:	Jovens universitários nipo-brasileiros em linha de montagem da Sony. Província de Aichi, 2004.....	73
Foto 12 -	Rua Conde de Sarzedas – Primeiras décadas do Séc. XX.....	81
Foto 13 -	Rua da Liberdade – Década de 1930	83

Foto 14 -	Cine Niterói – Rua Galvão Bueno, no bairro da Liberdade - Década de 50	93
Fotos 15 e 16 -	<i>Radio Taisô</i> . Praça da Liberdade – São Paulo, 2005	97
Foto 17 -	<i>Radio Taisô</i> . Praça da Liberdade – São Paulo, 2005	98
Foto 18 -	Jovens nikkeis comemorando o ingresso de membros do grupo na universidade. São Paulo, 2007.....	134
Foto 19 -	Jovens universitários nipo-brasileiros comemorando o aniversário de um membro do grupo. São Paulo, 2007	134
Foto 20 -	Crianças brasileiras – Escola Alegria de Saber. Cidade de Toyota, Província de Aichi	163
Foto 21 -	Jovens brasileiros – Colégio Pitágoras. Cidade de Hamamatsu, Província de Shizuoka	163

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Atividade econômica dos trabalhadores dekaseguis antes de emigrarem para o Japão	32
Tabela 2 - Evolução do número de trabalhadores dekaseguis brasileiros no Japão (1985- 2006)	43
Tabela 3 - Estrangeiros no Japão por nacionalidade (1988-2005)	44
Tabela 4 - Estrangeiros no Japão, provenientes da América do Sul	45
Tabela 5 - Brasileiros no Japão por faixa etária (1997 – 2005)	68

Dedico este estudo ao meu avô Shouithiro Fugii.

(04 de janeiro de 1925 – 03 de julho de 2008).

“Sabedoria, coragem e humanismo”.

SUMÁRIO

Introdução	17
 Capítulo 1 - A crescente participação de jovens universitários nipo-brasileiros no movimento dekasegui	28
1.1 - Contextos histórico, econômico e social que impulsionaram o fluxo migratório de nipo-brasileiros ao Japão, a partir de meados da década de 1980.	34
1.2 - As especificidades do movimento dekasegui.....	39
1.3 - As mudanças no perfil da comunidade nipo-brasileira no Japão.....	59
1.4 - Estratégias das empresas recrutadoras para atrair os jovens universitários	70
 Capítulo 2 - O recrutamento no Brasil, para o trabalho no Japão, e a contribuição dos jovens universitários para as mudanças nas redes de contratação dos imigrantes nipo-brasileiros	78
2.1 - Bairro da Liberdade em São Paulo: centralidade para a comunidade nipo-brasileira	79
2.1.1 - As salas de cinema japonês e o retorno dos imigrantes japoneses ao bairro da Liberdade	91
2.1.2 - A “oficialização” do “bairro oriental”	94
2.2 - A atuação das agências e empreiteiras recrutadoras de imigrantes nipo-brasileiros	102
2.3 - A contribuição dos jovens universitários para a diminuição da importância das agências recrutadoras no Brasil	108
 Capítulo 3 - Motivações subjetivas envolvidas na experiência imigratória dos nipo-brasileiros no Japão	113
3.1 - Movimento dekasegui: o “retorno” dos imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil a partir das primeiras décadas do século XX?	119
 Considerações finais	136

Bibliografia	139
 Anexos	 147
Anexo 1	148
Anexo 2	149
Anexo 3	151
Anexo 4	156
Anexo 5	157
Anexo 6	158
Anexo 7	159
Anexo 8	160
Anexo 9	163
Anexo 10	164

Introdução

Dois mil e oito, é um ano bastante significativo para os imigrantes japoneses e seus descendentes brasileiros. É comemorado, juntamente com a sociedade receptora (brasileira), o *centenário da imigração japonesa no Brasil* ou, como preferimos, o centenário da relação Brasil x Japão a partir do fenômeno migratório. E cada um dos cerca de um milhão e meio de membros que compõem atualmente a comunidade nipo-brasileira (no Brasil)¹, revive, em menor ou maior intensidade, as histórias e as memórias dessa imigração.

Para o pesquisador, neto de imigrantes japoneses, este ano também é bastante significativo porque marca a passagem do décimo ano após ter conhecido pela primeira vez o Japão, numa experiência de pouco mais de um ano de trabalho e vivência no país. Experiência a partir da qual surgiram diversos questionamentos que instigaram, desde então, o estudo de assuntos e temas ligados ao relacionamento entre o Brasil e o Japão. Entre esses questionamentos está o fato dos dois países “inverterem” (em relação aos fluxos migratórios entre si) os pontos de chegada e partida de seus imigrantes nas últimas décadas. Ou seja, o Brasil, que recebeu imigrantes japoneses praticamente até a década de 1970, passou a ser, a partir de meados da década de 1980, “exportador” de mão-de-obra imigrante nipo-brasileira para o Japão.

O ingresso no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, no ano posterior ao retorno do Japão (2001), possibilitou a realização de um conjunto de pesquisas e pequenos trabalhos (desenvolvidos a partir das perspectivas de cada disciplina cursada), que resultaram no trabalho de conclusão do curso,² em junho de 2005 – que abordou, entre outros aspectos, a construção da identidade étnica do bairro da Liberdade em São Paulo, pelos imigrantes japoneses – e no projeto de realizar um estudo mais aprofundado, como contribuição a este relevante

¹ De acordo com o censo 2000 do IBGE.

² FUGII, William K. O pós-guerra e as salas de cinema japonês no “ressurgimento” do bairro étnico. Trabalho de Graduação Individual. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.

momento (o centenário) e aos eventos a ele relacionados, o que culminaria na elaboração desta dissertação de mestrado.

Inúmeras proposições de pesquisa se sucederam na busca de um objeto a ser investigado. De 1908 a 2008, certamente muitos fatos marcaram o relacionamento entre o Brasil e o Japão. Buscando, contudo, privilegiar um fato da atualidade e considerando a própria experiência de trabalho no Japão, sempre nos despertou especial atenção, o *movimento dekasegui* (*De* = sair, partir; *kasegui* = lucrar, juntar dinheiro) – fluxo migratório de nipo-brasileiros³ em direção ao Japão, mencionado anteriormente.

Na década de 1980 teve início, como parte do amplo processo de reestruturação mundial do capitalismo, marcado sobretudo pelo avanço de políticas neoliberais nos marcos da financeirização da economia, a emigração de trabalhadores brasileiros rumo aos países mais desenvolvidos do globo – entre eles o Japão⁴.

A emergência do Japão, no pós-guerra, como potência econômica mundial e o seu acentuado desenvolvimento na década de 1980, provocaram uma ativa movimentação, em sua direção, de trabalhadores imigrantes⁵, atendendo à busca de mão-de-obra, carente no país,

³ O movimento dekasegui apresenta entre as peculiaridades que o distinguem dos demais fluxos migratórios – a migração seletiva – aberta apenas aos descendentes (e cônjuges) de imigrantes japoneses que nas primeiras décadas do século XX chegaram aos países da América Latina, entre eles, o Brasil. Como lembra Sakurai (2000), a proibição da entrada dos japoneses nos Estados Unidos a partir de 1924, resultou na intensificação da imigração dos mesmos em países como a Bolívia, Paraguai, Colômbia, e principalmente no Brasil, que recebeu entre 1924 e 1941, cerca de 140.000 japoneses – metade de todos os que imigraram no país.

⁴ As pesquisas até agora realizadas apontam a segunda metade dos anos 80 como o período em que se desencadearam as migrações de brasileiros para o exterior, correlacionando, então, essas migrações com o período de crise econômica que atravessou o Brasil nos anos 80 (Na América Latina como um todo, esse período ficou conhecido como “década perdida”). Esses movimentos migratórios internacionais de brasileiros foram analisados por Sales (1992) pela ótica dos deslocamentos populacionais crescentes e diversificados que ocorrem predominantemente de países pobres para países ricos e que estão ligados à dinâmica recente do capitalismo, caracterizada pela globalização da produção, apoiada que está na flexibilização dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo (Cf. Baeninger e Sales, 2000).

⁵ Inicialmente asiáticos, e no final da década de 1980, também de latino-americanos.

principalmente por médias e pequenas empresas⁶ do setor industrial. As grandes empresas, por possuírem a preferência dos trabalhadores japoneses sofrem menos os efeitos da falta de mão-de-obra, embora também necessitem de um contingente (“menos qualificado”, como os imigrantes) para as atividades “não atrativas” aos trabalhadores nacionais.

Ao longo de pouco mais de duas décadas de existência, a expressividade desse fluxo migratório de nipo-brasileiros para o Japão pôde ser conhecida, por meio dos inúmeros estudos realizados sobre o tema. Geógrafos, historiadores, sociólogos, psicólogos e diversos outros pesquisadores analisaram o “fenômeno”, a partir das diversas abordagens que o tema comporta: econômica, social, cultural, psicológica, jurídica, assistencial, lingüística, tributária, educacional, etc.

A partir de revisão bibliográfica sobre o movimento dekasegui e sobre a imigração nas últimas décadas, podemos perceber que são quatro as principais especificidades do Movimento Dekasegui, em relação aos demais fluxos migratórios que compartilham o período de intensificação / massificação (década de 1980) e que persistem até os dias atuais: 1- o critério da consangüinidade para obtenção do visto de longa permanência (de trabalho), 2 - a legalidade, 3 - o volume das remessas e 4 - as constantes renovações na dinâmica do movimento.

No contexto da quarta especificidade, se encontra o objetivo deste trabalho de pesquisa: **analisar a fase atual do movimento dekasegui, entendida como um aspecto importante do momento atual do próprio relacionamento entre o Brasil e o Japão.** Se, no passado, as relações entre os dois países foram fortemente marcadas pelo deslocamento de japoneses para o Brasil, no presente são os filhos e netos daqueles que aqui chegaram, a partir das primeiras décadas do século passado, que partem para o Japão.

⁶ O elevado nível de escolarização e capacitação profissional dos japoneses, principalmente das novas gerações, favorece-lhes a inserção profissional em grandes empresas. No Japão, os trabalhadores geralmente identificam-se com a empresa em que estão empregados, sendo também avaliados conforme a posição da empresa na sociedade (Cf. Kawamura, 1999:54). Por isso, procuram empregar-se em empresas de prestígio. Muitas dessas empresas (como algumas mencionadas no trabalho), contudo, mesmo contando com a preferência dos “trabalhadores nacionais”, ainda possuem déficit de mão-de-obra, e passam também a recorrer aos trabalhadores imigrantes.

As primeiras indagações que instigaram a realização desta pesquisa, como já relatado, advieram da história pessoal e familiar do pesquisador, que antes de resolver estudar o movimento dekasegui, o conheceu através dos relatos de membros da família e da própria experiência como trabalhador dekasegui, numa empresa subcontratada da Epson, na província de Nagano, entre dezembro de 1998 e janeiro de 2000.

As atividades profissionais do pesquisador em empresa recrutadora de trabalhadores dekaseguis⁷ no Brasil, de 2000 a 2005, também favoreceram a escolha do objeto de pesquisa, tanto por poder observar de perto as transformações na dinâmica do movimento, como por visualizar um aspecto recente e ainda inexplorado nos estudos relacionados ao tema, que é a questão do **crecente aumento do número de jovens universitários nipo-brasileiros, envolvidos neste fluxo migratório**. E, mais do que isso, uma certa tendência que pode ser observada de privilegiamento, por uma grande quantidade de empresas japonesas que contratam trabalhadores imigrantes, desse “perfil” de trabalhador.

Em outras palavras, constatando o aumento expressivo do número de jovens universitários nikkeis na rota Brasil x Japão, e a grande expansão de ofertas de trabalho, no *país do sol nascente*, direcionadas especificamente a este segmento da comunidade nipo-brasileira, percebemos que novos contornos estavam sendo definidos no movimento dekasegui – uma nova fase se iniciara.

Diante da perceptível redução⁸ e do possível esgotamento da mão-de-obra *nikkei* (descendentes de imigrantes japoneses) brasileira, ou melhor, dos nipo-brasileiros suscetíveis a ingressarem no fluxo migratório Brasil x Japão, o “mercado dekasegui” fomenta estratégias para atrair um novo segmento da comunidade nipo-brasileira e, a partir de 2000, ouve-se falar com

⁷ Ao longo do trabalho, muitas vezes utilizaremos palavras de origem japonesa (como “dekasegui”, nisei...) no plural. Alguns autores não consideram correto tal uso. Contudo, acreditamos que o emprego dos termos para designar determinados contextos justifica as variações (exemplo: dekasegui no sentido do “fluxo migratório” e dekaseguis no sentido dos próprios imigrantes).

⁸ O ano de 1998 registra pela primeira vez taxa negativa de crescimento do número de brasileiros no Japão (-4,73%) e o ano seguinte, crescimento inferior a 1% (Ver tabela 2 – página 43).

insistência nos “programas de *arubaito*”⁹, espécie de trabalho temporário no Japão, destinado preferencialmente aos estudantes universitários nipo-brasileiros – jovens predominantemente entre 18 e 25 anos de idade.

A adesão, e o bom desempenho desses jovens nas linhas de produção no Japão, onde a informática, a robótica e recursos tecnológicos modernos potencializam a produção, passam então a direcionar ainda mais o olhar dos contratadores para este segmento que, de alternativa para o déficit de mão-de-obra, passa, como mencionado anteriormente, a ser um perfil objetivado. E, se inicialmente esse “programa” restringia-se somente ao período de férias escolares, quando o fluxo ainda é maior, passa a ser oferecido em qualquer época do ano.

Visualizávamos a grande adesão deste segmento específico, (assim como de todo o conjunto de trabalhadores nipo-brasileiros) ao movimento *dekasegui*, unicamente como resultado de condições macro-estruturais, no contexto da globalização da economia e das mudanças no mundo do trabalho, que marcam o período contemporâneo e definem “pontos de partida e chegada” de milhões de pessoas pelo mundo.

O olhar restrito à dimensão econômica do movimento, contudo, indicava a presença de lacunas na compreensão do movimento *dekasegui* e, conseqüentemente, da recente inserção dos jovens universitários nipo-brasileiros no fluxo migratório. Seria apenas o retorno financeiro que os levaria a se sujeitarem às funções designadas pelos japoneses (e reconhecidas pelos próprios brasileiros) por 5 K’s: *Kiken* (perigoso), *Kitsui* (pesado), *Kitanai* (sujo), *Kibishii* (rígido) e *Kirai* (ruim)?

Foi no trabalho de campo, realizado em diversas províncias do Japão, em julho de 2006¹⁰ que encontramos algumas respostas para este questionamento.

⁹ De origem alemã (*arbeit* = trabalho), o termo *arubaito*, no Japão, é utilizado para se referir a um trabalho temporário (“um bico”). No Brasil, foi utilizado inicialmente para se referir aos “programas” destinados principalmente aos estudantes universitários nipo-brasileiros que, durante as férias escolares (de dezembro a fevereiro), emigram a trabalho para o Japão. Nos últimos tempos, contudo, têm sido agregados novos sentidos para o termo, que serão abordados no trabalho.

¹⁰ Em julho de 2006, como atividade do Programa de Mestrado, o pesquisador viajou para a Japão com o objetivo de realizar trabalho de campo voltado à compreensão da inserção, no país, dos jovens universitários nipo-brasileiros desenvolvendo programas de *arubaito*.

As entrevistas realizadas e os depoimentos coletados mostravam que, além da motivação econômica, existiam sentimentos, valores e representações (em relação à terra natal dos avós) que ajudavam esses jovens a legitimar a aceitação resignada dos postos de trabalho oferecidos no Japão – nos indicando que para alcançarmos nosso objetivo, precisaríamos nos dedicar à compreensão, pelo menos parcial, também de aspectos subjetivos do trabalhador dekasegui, e não somente das motivações econômicas, que supostamente teriam desencadeado o movimento. Elementos culturais, códigos de conduta moral e valores que os jovens da atual geração herdaram dos antepassados imigrantes, afluíam nas vozes dos entrevistados, sinalizando, a nosso ver, certa satisfação pessoal em desafiar determinadas circunstâncias no país natal dos ancestrais. Esses elementos culturais, códigos de conduta moral e valores herdados, serão objeto de consideração posterior.

Mesmo entre aqueles que não obtiveram o tão aguardado resultado financeiro, a experiência no Japão parecia não possuir um valor negativo. Valorizavam em suas falas o contato com a sociedade japonesa, reforçavam um certo orgulho por passar a conhecer o país e constantemente lembravam dos avós e do que deles ouviram sobre o Japão.

Em outras palavras, passamos a considerar que, para compreender as razões que levam os trabalhadores dekaseguis, entre eles o segmento específico que estamos estudando, descendentes dos imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil a partir das primeiras décadas do século XX, a percorrerem nos dias de hoje, a trajetória inversa realizada pelos ancestrais, é preciso considerar, além dos aspectos estruturais, outros elementos, de caráter identitário e cultural.

Uma compreensão mais aprofundada da importância dos fatores subjetivos na imigração de nipo-brasileiros para o Japão foi propiciada pela leitura da tese de Fábio Ocada¹¹. Para este autor, existem *elementos invisíveis* que imprimem significados importantes a esta imigração seletiva.

¹¹ OCADA, Fábio Kazuo. A tecelagem da vida com fios partidos: as motivações invisíveis da emigração dekasegui ao Japão em quatro estações. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2006.

De acordo com Ocada (2006), a emigração atual de trabalhadores dekaseguis para o Japão revela-se enquanto um desdobramento da própria história dos imigrantes japoneses no Brasil. Trata-se de motivações historicamente constituídas que norteiam a emigração atual de nipo-brasileiros rumo ao Japão. Motivações estas vinculadas a um antigo projeto de retorno, muito vivo entre os imigrantes japoneses que vieram para o Brasil entre os anos de 1908 e 1941.¹²

Ainda segundo o autor, entre os nipo-brasileiros existe uma imagem idealizada do Japão, semelhante a um retrato, cuja formulação foi um dos mecanismos de defesa acionados, no inconsciente dos imigrantes japoneses (e transmitidos aos descendentes), para sobreviverem à dolorosa ruptura com a terra natal.

Este retrato idealizado persistiria ainda hoje no imaginário das novas gerações, estruturando, consciente e/ou inconscientemente, a busca das origens no país ancestral.

Para se chegar a este entendimento, no entanto, é preciso levar em consideração os acontecimentos do passado, guardados silenciosamente nas lembranças das gerações mais velhas. Acontecimentos estes, sobre os quais os imigrantes japoneses mais velhos não gostam de falar, pois trazem à tona momentos de opressão, conflito e frustração, que foram silenciados nas memórias destes sujeitos. Por esta razão, sem perder de vista os aspectos estruturais que determinam os fenômenos migratórios, um entendimento aprofundado acerca da atual migração dekasegui deve levar em consideração a influência destes elementos invisíveis na estruturação do processo migratório atual. As motivações subjetivas que perpassam esta migração encontram-se inscritas em camadas profundas do inconsciente destes migrantes e dizem respeito ao passado. Assim, para se aprofundar o conhecimento destas motivações, uma retrospectiva se faz necessária, exigindo a incorporação de outras vozes (mais experientes) para a análise deste fenômeno.

(Ocada, 2006:52)

¹² 1908 – início da imigração japonesa no Brasil; 1941 – alinhamento do Brasil aos Aliados na Segunda Guerra Mundial e início dos conflitos que levariam ao rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão.

Para a compreensão deste aspecto subjetivo relacionado ao movimento de kasegui, também foi grande a contribuição de trabalhos da pesquisadora Elisa Sasaki (Unicamp) que abordam, entre outros aspectos, a *experiência identitária* dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão¹³.

Relacionando os elementos (motivações) macro-estruturais, ligados à reestruturação produtiva do capitalismo, a partir da década de 1970 – com suas implicações sobre a mobilidade da força de trabalho¹⁴ – à dinâmica migratória atual de nipo-brasileiros no Japão, e incorporando à análise, elementos subjetivos destes imigrantes – selecionados pelo critério da consangüinidade – em relação à terra natal dos antepassados, apresentaremos os resultados da pesquisa em três capítulos:

No **primeiro capítulo**, serão apresentados os elementos que revelam ser a crescente participação dos jovens universitários nipo-brasileiros no fluxo, uma característica da fase atual do movimento de kasegui. As estratégias das empresas japonesas para atrair este segmento específico, e as apreensões desses jovens em relação à experiência migratória, também serão abordadas.

Para a melhor compreensão deste momento atual, contudo, serão apresentados também, os contextos histórico, econômico e social que impulsionaram o fenômeno de kasegui, a partir da década de 1980. Analisaremos as implicações da reestruturação produtiva do capitalismo nas últimas décadas do século XX para o surgimento do movimento.

¹³ SASAKI, Elisa Massae. “Movimento de kasegui e a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão”. In: REIS, Rosana Rocha e SALES, Teresa. “Cenas do Brasil Migrante”. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999, p. 243-274.

¹⁴ Para essa análise, baseamo-nos, sobretudo, em obras de Eric Hobsbawm (*Era dos extremos – o breve do século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 2005) e David Harvey (*Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2007), e também em autores como Ricardo Antunes (*Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005) e Marcio Pochmann (*O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo: Boitempo, 2001), entre outros.

Essa análise se faz necessária para a compreensão dos elementos macro-estruturais relacionados a esta dinâmica migratória, compreendida erroneamente por muitos como resultado apenas do desejo individual dos nikkeis de alcançar salários mais elevados do outro lado do mundo.

A ausência de estatísticas oficiais específicas sobre a participação no movimento de *dekasegui* do segmento que estamos estudando, foi uma das principais preocupações durante a realização da pesquisa. Conseguimos, contudo, reunir dados e informações importantes (de fontes seguras) que, em conjunto, vão ao encontro da hipótese defendida no trabalho. Entre esses dados, estão os fornecidos pelo CIATE¹⁵ – Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior que, entre outros serviços, fornece informações e orientações para os trabalhadores de *dekasegui*.

Ainda no capítulo 1, serão apresentadas as especificidades do fenômeno de *dekasegui*, sobretudo os aspectos relacionados à legalidade do movimento.

No **segundo capítulo**, será abordado o recrutamento, no Brasil, para o trabalho no Japão e o papel dos jovens universitários para as mudanças nas redes de contratação dos imigrantes nipo-brasileiros. No contexto, será destacada a expressividade que tem para o movimento, o bairro da Liberdade em São Paulo, que se tornou desde o início do fluxo, o “grande escritório de contratação” dos trabalhadores de *dekasegui*.

No **terceiro capítulo**, é estabelecida uma relação entre passado e presente para analisar quem são os jovens universitários nipo-brasileiros da atualidade e as motivações subjetivas envolvidas na experiência imigratória dos mesmos. Em outras palavras, será discutido como os *elementos invisíveis*, herdados dos antepassados – imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil a partir das primeiras décadas do século XX – por esses jovens, têm impulsionado o fenômeno de *dekasegui*.

Para a realização do trabalho, recorreremos, além de pesquisa bibliográfica, a diversas fontes. Realizamos entrevistas, tanto no Brasil – com jovens que já passaram pela experiência de

¹⁵ Órgão relacionado ao Ministério da Saúde, Trabalho e Bem-Estar Social do Japão, que tem por objetivo prestar serviços de informação e de orientação sobre os mais variados aspectos da sociedade e cultura japonesa aos nipo-brasileiros e seus cônjuges, principalmente os relacionados ao trabalho no país.

trabalho nas linhas de montagem japonesas ou que desejam passar por tal experiência – quanto no Japão, com jovens que estavam vivendo naquele momento como trabalhador imigrante. Nessas entrevistas, privilegiou-se a abordagem de aspectos relacionados ao trabalho, mas sem deixar de lado outros aspectos do cotidiano do trabalhador – o lazer, a família, os amigos (embora estes aspectos não sejam abordados em profundidade neste trabalho). Pela grande quantidade de conhecidos que se enquadram no “perfil” pesquisado, grande parte das entrevistas aconteceu com descontração e liberdade para as perguntas e respostas. Contudo, também realizamos entrevistas com jovens desconhecidos, indicados pelas próprias empresas visitadas durante o trabalho de campo no Japão.

Ao total, foram entrevistados no Japão, em julho de 2006 (durante o trabalho de campo), vinte jovens universitários, 13 do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Duas entrevistas foram coletivas, uma envolvendo 6 moças e outra envolvendo 3 rapazes. Essas entrevistas coletivas foram realizadas no próprio local de trabalho, ao contrário das demais que foram realizadas nos alojamentos e outros locais que esses jovens costumam freqüentar aos finais de semana (lanchonetes, boliche , etc.).

No Brasil, foram entrevistados 24 jovens, 14 moças e 10 rapazes – a maior parte deles da Universidade de São Paulo.

Apesar de não ter havido um roteiro específico para as entrevistas realizadas no Brasil e outro para as entrevistas realizadas no Japão, em cada localidade, ou melhor, em cada situação, naturalmente o diálogo e os questionamentos seguiram um caminho próprio, sendo mais enfocados no Brasil, aspectos relacionados às motivações (as que eles compreendem) para a imigração, e no Japão, a realidade do trabalho e da convivência com a sociedade japonesa.

As entrevistas foram selecionadas de acordo com os assuntos discutidos, em cada momento do trabalho. Privilegiamos, contudo, as entrevistas gravadas e transcritas (aproximadamente metade das realizadas), que permitem uma análise mais cuidadosa e uma reflexão mais aprofundada das falas dos entrevistados.

Como fonte principal dos dados quantitativos apresentados no trabalho, recorreremos aos relatórios oficiais publicados anualmente pelo *Japan Immigration Association (Zaidan Hojin*

Nyukai Kyokai), do Ministério da Justiça do Japão¹⁶. Para a compreensão deste conjunto de dados, contamos com a preciosa ajuda da pesquisadora Elisa Massae Sasaki (Unicamp).

Importantes dados estatísticos, também foram obtidos a partir da pesquisa de João Pedro Corrêa Costa, diplomata brasileiro do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, que serviu no Consulado Geral do Brasil em Tóquio, de 2005 a 2007. Entre abril e agosto de 2006, o autor realizou uma pesquisa, por amostragem, com 1587 brasileiros em diversas partes do Japão, revelando dados muito próximos aos divulgados pelas instituições oficiais, além de outros dados não disponibilizados pelas mesmas.¹⁷

Neste momento especial da relação entre o Brasil e o Japão, o estudo da fase atual do movimento *dekasegui* revela que ainda muitas páginas continuarão a história iniciada há um século atrás.

¹⁶ Site do Ministério da Justiça do Japão, onde estão disponíveis as *Estatísticas sobre os estrangeiros residentes no Japão* (em japonês: *Zairyu Gaikokujin Tokei*): www.moj.go.jp

¹⁷ Costa, João Pedro Corrêa. *De decasségui a emigrante*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão – Ministério das Relações Exteriores, 2007.

Capítulo 1

A crescente participação de jovens universitários nipo-brasileiros no movimento dekasegui

A crescente participação de jovens universitários nipo-brasileiros, no conjunto dos trabalhadores que tem emigrado do Brasil para o Japão, marca o momento atual do movimento dekasegui, fenômeno que tem feito muitos nipo-brasileiros percorrerem, a partir de meados da década de 1980, o caminho inverso ao dos imigrantes japoneses, que chegaram ao Brasil a partir das primeiras décadas do século XX. Esse aspecto revela significativas transformações na dinâmica do movimento, ao longo das duas últimas décadas.

O início do movimento dekasegui é marcado pelo retorno ao Japão, dos próprios imigrantes japoneses que, a partir das primeiras décadas do século XX, vieram para o Brasil. Como possuíam a cidadania japonesa, não encontraram obstáculos legais para entrarem no Japão. Seus filhos (*niseis*) – os que possuíam dupla nacionalidade, brasileira e japonesa¹⁸ – também não tiveram problemas quanto à documentação.

São poucos os exemplos similares encontrados no quadro dos mais de 190 milhões de imigrantes que se estima haver hoje no mundo, entre os quais se pode mencionar a volta de alemães da Europa Oriental à Alemanha reunificada, ou dos holandeses que retornaram das Índias Ocidentais e do Suriname aos Países Baixos (Cf. Costa, 2007:18).

No início do movimento, os trabalhadores que partiam do Brasil rumo ao Japão eram em sua maioria homens, entre 40 e 60 anos, chefes de família que, com o objetivo de juntar dinheiro para comprar a casa própria ou abrir o próprio negócio, emigravam geralmente sozinhos (sem a

¹⁸ Nas primeiras décadas do século XX, era comum entre os imigrantes japoneses a prática de registrar o nascimento dos filhos no consulado japonês. Assim, eles adquiriam também a nacionalidade japonesa. Essa prática tornou-se mais rara após a II Guerra Mundial, quando se consolida o enraizamento dos japoneses e seus descendentes no Brasil e é, aparentemente, deixado de lado o projeto de retornar ao Japão.

companhia da família), pretendendo permanecer de 2 a 3 anos no Japão (Cf. Sasaki, 1995:20-22). Lá, relatam alguns entrevistados que vivenciaram tal momento, moravam geralmente em pensões coletivas e, muitas vezes, dividiam o quarto com outros imigrantes brasileiros. Boa parte desse contingente possuía conhecimentos do idioma japonês, o que não diminuía, contudo, a estranheza em relação ao Japão.

A partir da consolidação do movimento dekasegui e do desenvolvimento das redes entre os nipo-brasileiros no Japão, na primeira metade década de 1990, essa realidade foi sendo gradualmente transformada. Na segunda metade dessa década já era comum a presença de casais com filhos, além de homens e mulheres mais jovens, casados ou solteiros.

Atualmente, conforme mencionado, quem dinamiza o fenômeno dekasegui é um grupo diferente dos primeiros brasileiros no Japão, mais jovem e talvez menos conhecedor da cultura japonesa. E esse grupo, ao contrário dos primeiros dekaseguis, usufrui de toda uma estrutura¹⁹ estabelecida ao longo de pouco mais de duas décadas de existência do movimento. Trata-se do grupo formado por estudantes universitários nipo-brasileiros.

Procuramos obter, junto ao Consulado Geral do Japão em São Paulo, dados referentes ao número de vistos emitidos para estudantes universitários ao longo dos últimos vinte anos. Contudo, descobrimos que estes dados não existem, pois de acordo com o próprio consulado japonês, não há distinção nos *vistos de longa permanência* (categoria de visto concedido aos nipo-brasileiros em geral), ou seja, o visto concedido a um estudante de 18 anos ou a um aposentado de 60 que desejam trabalhar no Japão é o mesmo²⁰.

A ausência de tais dados em trabalhos de pesquisa relacionados ao tema dekasegui, e nos relatórios estatísticos oficiais publicados anualmente pelo *Japan Immigration Association* (*Zaidan Hojin Nyukai Kyokai*), do Ministério da Justiça do Japão, de onde extraímos boa parte dos dados quantitativos apresentados no trabalho, foi uma das principais preocupações durante a pesquisa.

¹⁹ Produtos e serviços voltados especificamente aos brasileiros residentes no Japão, como por exemplo sistemas de telefonia, que tornam as ligações para o Brasil mais baratas, alimentos típicos da culinária brasileira, etc.

²⁰ Além disso, o próprio formulário de pedido de visto (ver anexo 01) não solicita informações sobre a escolaridade do requerente.

Talvez, justamente pela falta desses dados, mesmo nos estudos mais recentes relacionados ao tema, não tem sido abordado este aspecto atual do movimento – tão destacado nos últimos anos em reportagens, anúncios de emprego no Japão em jornais e revistas voltados à comunidade nipo-brasileira e até mesmo em periódicos não direcionados especificamente aos jovens *nikkeis*²¹. A edição 244, de outubro de 2007, da Revista Super Interessante, por exemplo, traz uma reportagem especial de seis páginas sobre o arubaito, destacando a experiência de um jovem que passou dois meses trabalhando até 15 horas por dia numa indústria de eletrônicos, na Província de Shizuoka.

Recorrendo a diversas outras fontes, contudo, e privilegiando a pesquisa qualitativa, encontramos elementos que reforçaram a convicção de que a dinâmica atual do movimento dekasegui inclui a participação crescente de jovens universitários, hipótese que orientou esta pesquisa.

Dados fornecidos pelo CIATE – Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior, por exemplo, mostram o aumento contínuo do número de estudantes universitários envolvidos no movimento. Entre os anos fiscais²² de 2000 e 2004, foi crescente a porcentagem deste segmento, em relação ao total de pessoas que procuraram os serviços do órgão, conforme pode ser observado no quadro a seguir:

²¹ Nikkei é a palavra que designa os descendentes de imigrantes japoneses que vivem no Brasil e em outras partes do mundo.

²² O ano fiscal japonês vai de abril até março do ano subsequente. Portanto, os dados apresentados na tabela abrangem o período de abril de 2000 a março de 2005.

Quadro 1 – Consultas aos serviços do CIATE

Anos	2000	2001	2002	2003	2004	Total
Pessoas que procuraram os serviços do CIA TE	3.694	3.439	2.646	2.593	1.900	14.272
–Estudantes Universitários (números absolutos)	128	125	146	276	281	956
– Estudantes Universitários (%)	3,46	3,66	5,51	10,64	14,78	6,7

Fonte: CIATE – Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior.

Pode-se observar que apesar do número de pessoas que procuraram o CIATE no período abordado tenha diminuído, foi crescente o número de estudantes universitários que consultou o órgão.²³

João Pedro Corrêa Costa, diplomata brasileiro que serviu no Consulado Geral do Brasil em Tóquio, de 2005 a 2007, em livro publicado em 2007 (portanto, um dos mais recentes sobre o fenômeno dekasegui), pela Fundação Alexandre de Gusmão, do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, ressalta:

“Digno de nota é o elevado número de estudantes brasileiros que migram para o Japão. Uma das explicações para este fato é a tentação que muitos sentem de poder trabalhar legalmente naquele país a partir dos quinze anos, por um salário de US\$1.500,00 a US\$2.000,00 mensais e assim rapidamente adquirir bens de consumo duráveis como carros, aparelhos de som, computadores, etc., aspirações que, no Brasil, demandariam um prazo e investimento em estudos muito maior”.²⁴

(Costa, 2007:86)

²³ A redução do número de pessoas que consultou o CIATE no período abordado é um indicativo da redução de ingressantes no movimento dekasegui. Os trabalhadores que retornam ao Japão, dificilmente fazem uso dos serviços do órgão.

²⁴ Grifo nosso.

O autor realizou, conforme mencionado na Introdução deste trabalho, entre abril e agosto de 2006, uma pesquisa por amostragem, que resultou no recebimento de 1587 respostas a um questionário que buscava obter informações sobre os brasileiros que vivem no Japão. A partir destes questionários, obteve dados muito próximos aos oficiais, fornecidos pelas autoridades japonesas, e outros que as mesmas não informam. Entre eles, os relacionados às atividades desempenhadas no Brasil por tais dekaseguis, antes de emigrarem para o Japão.

Os dados a seguir, organizados pelo autor, mostram a categoria “estudante” em primeiro lugar:

**Tabela 1: Atividade econômica dos trabalhadores dekaseguis
antes de emigrarem para o Japão**

Estudante	187	26,23%
Comércio	149	20,90%
Operário / Serviços manuais	105	14,73%
Serviços administrativos	80	11,22%
Serviços técnicos	69	9,68%
Do lar	56	7,85%
Autônomo	39	5,47%
Bancário	20	2,81%
Nível superior	19	2,66%
Educador	16	2,24%

Fonte: Costa, João P. C. *De decasségui a emigrante*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão – Ministério das Relações Exteriores, 2007:86. Grifo nosso.

O autor não menciona a porcentagem de universitários entre os 26,23% de estudantes, mas destaca, algumas páginas antes de apresentar tais dados, o nível educacional dos nipo-brasileiros, citando os dados do Censo 2000 do IBGE, que revelam uma boa inserção dos mesmos no ensino superior, ainda mais se comparados com a média nacional.

De toda forma, já é possível observar que a realidade atual do movimento dekasegui, em relação ao perfil dos trabalhadores envolvidos, difere bastante daquela que caracterizou o seu início.

Costa (2007), destaca o consumo (ou o consumismo?) como motivação para a experiência imigratória de tais estudantes.

As entrevistas realizadas durante o trabalho de campo que fizemos em julho de 2006 no Japão, também revelaram este aspecto. Muitos jovens universitários enfatizaram em suas falas as conquistas materiais proporcionadas pela experiência imigratória. Contudo, entendemos que essa não é a única motivação para tal empreitada. Existem outras motivações, com raízes mais profundas, que os levam ao Japão. E mesmo este desejo de consumir os produtos “made in Japan” ou outros que o “esforço no Japão” permite, também é revelador de relações mais complexas entre o jovem nikkei e a terra dos ancestrais. Estas relações serão analisadas adiante, no capítulo 3.

Falando em motivação, desde os primeiros estudos relacionados aos trabalhadores dekaseguis, tem se buscado a compreensão dos fatores que teriam desencadeado o movimento.

A partir da análise da realidade sócio-econômica diferenciada entre o Brasil e o Japão na década de 1980, entre outros fatores, compreendemos que existem forças, de ordem macro-estrutural, fundamentais no desencadeamento do movimento e na sua consolidação ao longo do tempo, que influenciam até hoje o segmento abordado neste trabalho.

Por isso, nos dedicaremos neste momento a analisar aspectos relacionados a estas forças, a este contexto de surgimento do movimento dekasegui, para em seguida analisarmos especificamente os jovens universitários envolvidos no mesmo.

1.1 – Contextos histórico, econômico e social que impulsionaram o fluxo migratório de nipo-brasileiros ao Japão, a partir de meados da década de 1980

A década de 1980 no Brasil, assim como praticamente em toda a América Latina, caracterizou-se por um período de grave crise econômica. De acordo com Sales (2000), os três últimos anos da década podem ser caracterizados como o *triênio da desilusão*, quando ocorreram pelo menos três planos econômicos tentando em vão debelar a inflação e seus efeitos perversos sobre a economia brasileira. Intensificou-se, no período, a emigração de brasileiros para países mais desenvolvidos do globo, em busca de “saídas” para a crescente deterioração do nível de vida.

Impulsionados por estímulos e programas especiais por parte do Japão – país carente de mão-de-obra para as indústrias de eletrônicos em expansão –, os nipo-brasileiros começaram a emigrar para o Japão, dando início ao movimento *dekasegui*.

Passado o período de ocupação pelos Estados Unidos, pós II Guerra Mundial (1945-1952), o Japão experimentou elevadas taxas de crescimento do PIB, de 8% a 9% ao ano entre 1953 e 1973. Os choques do petróleo de 1973 e 1979, que elevaram os custos da produção industrial e fomentaram um período de inflação e desaceleração econômica, promoveram, ao mesmo tempo, uma guinada no perfil produtivo japonês, em direção aos setores de alta tecnologia, engenharia de precisão e serviços, ao lado das tradicionais indústrias automobilísticas, naval e de eletrônicos (Cf. Costa, 2000:34). Havia, portanto, crescente demanda por mão-de-obra no país.

Enquanto a economia japonesa dos anos 1980 continuava a crescer, alavancada pela expansão de seu comércio externo, pela especulação imobiliária e pela expansão do mercado consumidor, no Brasil os efeitos dos mesmos choques do petróleo, aliados, entre outros fatores, ao endividamento externo e à elevação das taxas de inflação, conduziram a uma prolongada crise econômica interna. Enquanto o crescimento do PIB brasileiro no período do chamado “milagre”, de 1964 a 1980, foi, em média, de 7,8% a.a., de 1981 a 1993 o índice foi de apenas 1,6%. A inflação brasileira, nesse período, chegou a níveis historicamente altos, variando entre 87,88% a.a. e 2.579 % a.a., indicadores que planos econômicos heterodoxos e Ministros da Fazenda

sucessivos foram incapazes de reverter. Tal conjuntura refletiu negativamente sobre o mercado de trabalho brasileiro, onde a taxa de desemprego oficial passou de 4,3% em 1981 para 6,2% em 1993 (Cf. Costa, 2000:35).

De acordo com Pochmann (2001), até 1980 o Brasil participava do desemprego aberto mundial em situação inferior à sua presença relativa na PEA global. Com a recessão de 1981-83, o país inverteu a relação entre as participações no desemprego e na população ativa mundial, passando a ter maior representação no desemprego aberto do que na População Economicamente Ativa Global.

A partir desse contexto na década de 1980, de demanda por mão-de-obra no Japão e aumento do desemprego no Brasil, definem-se as forças de atração e forças de expulsão relacionadas ao movimento de kasegui.

A profunda crise que assolou o Brasil no período abordado pode ser explicada, entre outros fatores, pela própria crise mundial do sistema capitalista, vivida a partir da década de 1970. Hobsbawm (2005), lembra que a história dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise. E a melhor maneira de ilustrar as consequências dessa crise, segundo o autor, é através do trabalho e do desemprego. “A tendência geral da industrialização foi substituir a capacidade humana pela capacidade das máquinas e o trabalho humano por forças mecânicas, jogando com isso pessoas para fora dos empregos” (Hobsbawm, 2005:402).

O capitalismo, após a Segunda Guerra Mundial, passou por um longo período de expansão, que se manteve mais ou menos intacto até 1973. Os padrões de vida se elevaram, as tendências de crise foram contidas, a democracia de massa preservada e a ameaça de guerras intercapitalistas, tornada remota. Políticas econômicas de inspiração keynesiana, com intervenção direta do Estado na economia, favoreceram o aumento do consumo e diminuição do desemprego (Cf. Harvey, 2007:125).

Porém, a partir dos anos 70, o capitalismo entrou num período de crise, devido a vários fatores, tais como: aumento do preço da força de trabalho devido à intensificação das lutas sociais dos anos 60, que causou a queda das taxas de lucros das empresas; financeirização da economia,

que passou a sobrepôr e ter autonomia frente aos capitais produtivos, etc. Esses fatores levaram à crise do *welfare state* (Estado de bem-estar social) com seus mecanismos de proteção social, e também levaram ao esgotamento do padrão de acumulação fordista, pois o mesmo tornou-se incapaz de responder à diminuição do consumo que se cronificava devido ao desemprego estrutural que se instalava²⁵ (Cf. Martins, 2006:27).

Essa crise desencadeou a reestruturação do capitalismo, tanto no aspecto ideológico e político, com a substituição do modelo keynesiano pelo modelo neoliberal, como no aspecto econômico, através da reestruturação produtiva, que acabou dando “novo fôlego” ao sistema capitalista. Essa reestruturação produtiva pode ser entendida, entre outros aspectos, como o advento de uma Terceira Revolução Industrial, caracterizada por inovações tecnológicas e por uma nova organização do trabalho – o toyotismo.²⁶

Berço das inovações tecnológicas e de novas formas de organização do trabalho, correspondentes à fase do capitalismo pós-fordista, o Japão sente menos os efeitos da crise.²⁷

Na década de 1980, o Japão encontrava-se na ponta do crescimento mundial. Entre 1979 e 1985 suas taxas anuais de crescimento econômico estavam em 4%. Número modesto, se compararmos aos patamares já alcançados pelo próprio país nos anos anteriores à crise, mas se levarmos em consideração que no mesmo período, o crescimento médio dos Estados Unidos era de 2,5%, da Alemanha Ocidental de 1,3%, da Inglaterra de 1,2% e de todos os países da OCDE, de 2,2% (Cf. Gráfico organizado por Harvey, 1992:126), podemos entender que o Japão desfrutava de uma posição privilegiada no cenário econômico global.

²⁵ Também são fatores associados à crise do capitalismo na década de 1970, a crise do petróleo e a criação da OPEP, a falência do sistema de Bretton Woods, a crise do dólar, as dificuldades enfrentadas pelos EUA na Guerra do Vietnã, etc. (Ver Harvey, 2007:121-134).

²⁶ Modelo de produção flexível, pós-fordista, desenvolvido na fábrica da Toyota (Japão) pelo engenheiro Taiichi Ohno, razão pela qual o toyotismo também é conhecido por Ohnismo.

²⁷ Como lembra Martins (2006), durante o fordismo os japoneses não podiam competir com os norte-americanos na produção e consumo de massa, pois não dispunham de uma economia de escala para garantir preços competitivos, e o mercado japonês, por sua característica, exigia produtos diferenciados. Então, os industriais japoneses passaram a rever as características do processo produtivo, modificaram a organização da produção e inovaram em ferramentas e equipamentos.

Embora o país também tenha sentido os efeitos da crise, estes foram menos intensos do que no Brasil e em toda a América Latina.

O modelo japonês, ou melhor, a via japonesa de produção industrial – o toyotismo – tem a produção voltada e conduzida diretamente pela demanda. A produção é variada, diversificada e pronta para suprir o consumo. É este quem determina o que será produzido, e não o contrário, como se procede na produção em série e de massa do fordismo. Desse modo, a produção sustenta-se na existência do estoque mínimo. O melhor aproveitamento possível do tempo de produção (incluindo-se também o transporte, o controle de qualidade e o estoque), é garantido pelo *just in time*²⁸. O *kanban*, placas que são utilizadas para reposição das peças, é fundamental, na medida em que inverte o processo: é do final, após a venda, que se inicia a reposição dos estoques, e o *kanban* é a senha utilizada que alude à necessidade de reposição das peças/produtos (Cf. Antunes, 2005:34).

O toyotismo corresponde, portanto, a uma resposta à crise do fordismo – modelo de desenvolvimento durante os chamados anos gloriosos do capitalismo, do pós guerra até o início da década de 1970.

De acordo com Harvey (2007), apesar de se tornar cada vez mais evidente a incapacidade do fordismo de conter as contradições do capitalismo já na década de 1960, o regime manteve-se firme até o início da década de 1970. A partir de então, um novo regime de acumulação, marcado por um confronto direto com sua rigidez teve início. O autor denomina o conjunto de estratégias que correspondem às novas práticas de acumulação do capital em resposta à crise do fordismo, ou melhor, em resposta à crise do capitalismo de meados da década de 1970, de “acumulação flexível”.

A acumulação flexível, segundo Harvey (2007), se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo

²⁸ *Just in time* consiste na forma de administração da produção industrial e de seus materiais, segundo a qual a matéria-prima e os estoques intermediários necessários ao processo produtivo são supridos no tempo certo e na quantidade exata. Consiste na redução dos estoques de matéria-prima e peças intermediárias, conseguido através da linearização do fluxo de produção e de sistemas visuais de informação (*kanban*). Através dele, busca-se chegar a um estoque zero (Cf. Botelho, 2000).

surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.

O relativo sucesso da reestruturação econômica japonesa dos anos 80, possibilitada pelo novo padrão de organização da produção, entre outros fatores, manifestou-se na maior competitividade das empresas japonesas no mundo. E na contramão da situação de muitos países, a demanda de trabalho maior do que a oferta de trabalhadores começou a afetar a manutenção do padrão de crescimento japonês. A falta de mão-de-obra passou a ser uma das principais preocupações das empresas japonesas.

Pressionados pela falta de mão-de-obra a ponto de terem de encerrar os negócios, pequenos e médios empresários japoneses, do ramo de autopeças e de produtos eletrônicos, que empregavam estrangeiros vivendo no Japão, vindos de outros países asiáticos (coreanos, chineses, filipinos, indonésios, tailandeses, bangladeshianos) – muitos deles em situação ilegal de permanência – em vista das dificuldades dessa alternativa, passaram então a buscar japoneses emigrados que se encontravam em grande número no Brasil. Com isso não incorreriam em sanções, cada vez mais severas, impostas aos empregadores de imigrantes ilegais no país. Ao mesmo tempo, os empresários pressionavam por mudanças na legislação de controle da imigração, tendo sido promulgada, em junho de 1990, a emenda que alterou a lei de imigração do Japão, e que passou a autorizar descendentes de japoneses até a segunda geração (*nisei* e *sansei*) a entrarem no país para trabalhar. A partir de então, ocorreu um intenso deslocamento de nipo-brasileiros para o Japão, formando, um vínculo de novo tipo entre os dois países (Cf. Kawamura, 1999)²⁹.

²⁹ Deslocamentos em menor escala, de descendentes de japoneses do Peru, Bolívia e Colômbia também se estabeleceram no mesmo período.

1.2 As especificidades do movimento dekasegui

A política de imigração para atrair os *nikkeis* da América Latina foi enxergada pelas autoridades japonesas como uma saída de baixo custo para resolver a falta de mão-de-obra, com a vantagem de que os imigrantes com ancestralidade japonesa supostamente não afetariam a “homogeneidade cultural” do país.

De acordo com Yamanaka (1992), os documentos oficiais, que datam de antes da reforma de 1989/90, sugerem que a manutenção da homogeneidade cultural e “racial” é a maior preocupação dos políticos e dos regimentos do Partido Democrata Liberal. Os *nikkeis*, segundo o autor, são aceitáveis porque, como parentes de japoneses, eles seriam capazes de assimilar a cultura japonesa, se adaptando à sociedade nipônica.

Essa idéia de “preservação cultural” do país parece, portanto, ter influenciado na aprovação da Emenda Constitucional de 1990, mencionada anteriormente.

Em outras palavras, o Japão estava chamando de volta seus emigrantes (e descendentes) que tinham deixado o país a partir das primeiras décadas do século XX.

E os nipo-brasileiros, sujeitados à realidade econômica e social da década de 1980 no Brasil “atenderam ao chamado”. A partir desse período, vemos um grande fluxo de trabalhadores se dirigindo ao Japão.

Se no começo os dekaseguis eram apenas homens solteiros, ou pais de família, o movimento foi ganhando novos rumos. Famílias inteiras passaram a imigrar, e hoje somam aproximadamente 350 mil pessoas no Japão. E esse número continua a crescer, impulsionado na atualidade por imigrantes mais jovens do que os que partiram no início do movimento, entre os quais o segmento abordado neste trabalho de pesquisa.

Foto cedida pela entrevistada

Fotos 1 e 2: Dekasegui brasileira em linha de montagem de fogões. Osaka – Japão, 1990.

Foto cedida por entrevistada

Foto 3: Grupo de trabalhadores brasileiros em fábrica de componentes eletrônicos. Nagano – Japão, 1995.

Foto cedida pelo entrevistado

Foto 4: Ao centro, entre duas funcionárias japonesas, estudante universitário da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP durante programa de arubaito na fábrica da Sony. Chiba – Japão, dezembro de 2003.

Analisando a presença de trabalhadores dekaseguis brasileiros no Japão, de 1985 – primeiro ano para o qual encontramos dados oficiais – até 2006, podemos perceber que 1990 é o ano que registra o maior crescimento.

Por isso, a mudança na Lei de Imigração do Japão ocorrida neste ano é considerada por muitos como marco histórico do movimento, ao lado do Plano Collor ocorrido no Brasil em março do mesmo ano, que também teria colaborado para a “fuga” de nipo-brasileiros ao Japão.

As tabelas a seguir, apresentam dados³⁰ relacionados ao movimento dekasegui e à participação dos brasileiros no total de imigrantes residentes no Japão.

³⁰ Obtidos no site do Ministério da Justiça do Japão (www.moj.go.jp), e em trabalho apresentado pela pesquisadora Elisa Sasaki no Simpósio Internacional de Educação Comparada Brasil x Japão realizado em setembro de 2005, em São Paulo, sob organização do ISEC – Instituto de Solidariedade Educacional e Cultural e da SBPN – Sociedade Brasileira de Pesquisadores Nikkeis.

Tabela 2: Evolução do número de trabalhadores dekaseguis brasileiros no Japão³¹
(1985-2006)

Ano	Nº. de brasileiros registrados no Japão ³²	Cresc.(%)
1985	1.995	
1986	2.135	9,21
1987	2.250	5,39
1988	4.159	84,84
1989	14.528	249,31
1990 ³³	56.429	288,42
1991	119.333	111,47
1992	147.803	23,86
1993	154.650	4,63
1994	159.619	3,21
1995	176.440	10,53
1996	201.795	14,37
1997	233.254	15,59
1998	222.217	-4,73
1999	224.299	0,93
2000	254.394	13,42
2001	265.962	4,55
2002	268.332	0,89
2003	274.700	2,37
2004	286.557	4,31
2005	302.080	5,42
2006	312.979	3,6

Fonte: Ministério da Justiça do Japão

(Grifos do autor)

³¹ É importante salientar que esses números não são precisos, pois não incluem os *iseis* (os próprios imigrantes japoneses que retornaram ao Japão no começo do movimento dekasegui, nem os *niseis* (filhos dos imigrantes japoneses) possuidores de dupla cidadania. Estes dois grupos entram no país com o passaporte japonês, o que impossibilita a quantificação dos mesmos.

³² Esses números correspondem ao total de brasileiros registrados no Japão, e que se encontram presentes no país no momento do levantamento dos dados. Não são considerados aqueles que retornaram ao Brasil. Se essas pessoas imigrarem novamente no Japão, entrarão nas estatísticas correspondentes aos anos que permanecerem no país.

³³ Ano da Emenda Constitucional Japonesa que alterou a Lei de Imigração do Japão e que passou a autorizar descendentes de japoneses até a segunda geração (*nisei* e *sansei*) a entrarem no país para trabalhar.

Tabela 3: Estrangeiros no Japão por nacionalidade (1988-2005)

	Coréias	China	Brasil	Filipinas	Peru	EUA	Outros	Total
1988	677.140	129.269	4.159	32.185	864	32.766	64.622	941.005
1989	681.838	137.499	14.528	38.925	4.121	34.900	72.644	984.455
1990	687.940	150.339	56.429	49.092	10.279	38.364	82.874	1.075.317
1991	693.050	171.071	119.333	61.837	26.281	42.498	104.821	1.218.891
1992	688.144	195.334	147.803	62.218	31.051	42.482	114.612	1.281.644
1993	682.276	210.138	154.650	73.057	33.169	42.639	124.819	1.320.748
1994	676.793	218.585	159.619	85.968	35.382	43.320	134.344	1.354.011
1995	666.376	222.991	176.440	74.297	36.269	43.198	142.800	1.362.371
1996	657.159	234.264	201.795	84.509	37.099	44.168	156.142	1.415.136
1997	645.373	252.164	233.254	93.265	40.394	43.690	174.567	1.482.707
1998	638.828	272.230	222.217	105.308	41.317	42.774	189.442	1.512.116
1999	636.548	294.201	224.299	115.685	42.773	42.802	199.805	1.556.113
2000	635.269	335.575	254.394	144.871	46.171	44.856	225.308	1.686.444
2001	632.405	381.225	265.962	156.667	50.052	46.244	245.907	1.778.462
2002	625.422	424.282	268.332	169.359	51.772	47.970	264.621	1.851.758
2003	613.791	462.396	274.700	185.237	53.649	47.836	277.421	1.915.030
2004	607.419	487.570	286.557	199.394	55.750	48.844	288.213	1.973.747
2005	598.687	519.561	302.080	187.261	57.728	49.390	296.848	2.011.555

Fonte: Ministério da Justiça do Japão

(Grifos do autor)

Tabela 4: Estrangeiros no Japão, provenientes da América do Sul (1994-2005)

País	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Argentina	2.796	2.910	3.079	3.300	2.962	2.924	3.072	3.229	3.470	3.700	3.739	3.834
Bolívia	2.917	2.765	2.913	3.337	3.461	3.578	3.915	4.409	4.869	5.161	5.655	6.139
Brasil	159.619	176.440	201.795	233.254	222.217	224.299	254.394	265.962	268.332	274.700	286.557	302.080
Chile	458	495	537	598	598	611	652	685	678	720	722	712
Colômbia	1.121	1.367	1.575	1.835	1.965	2.071	2.496	2.816	2.989	3.053	2.991	2.902
Equador	115	124	126	132	131	136	154	178	199	196	204	209
Guiana	9	10	8	6	6	6	8	7	8	9	10	9
Paraguai	1.129	1.176	1.301	1.466	1.441	1.464	1.678	1.779	1.895	2.035	2.152	2.287
Peru	35.382	36.269	37.099	40.394	41.317	42.773	46.171	50.052	51.772	53.649	55.750	57.728
Suriname	11	12	13	15	13	10	10	9	11	12	13	14
Uruguai	109	108	115	113	100	97	113	108	114	122	127	134
Venezuela	174	189	219	241	231	240	258	276	265	278	291	300
Total (Am. do Sul)	203.840	221.865	248.780	284.691	274.442	278.209	312.921	329.510	334.602	343.635	358.211	376.348

Fonte: Ministério da Justiça do Japão

(Grifos do autor)

A análise das tabelas permite concluir, entre outros aspectos, que um dos grupos de imigrantes que apresentou maior crescimento proporcional nos últimos tempos foi o de brasileiros – que figuram atualmente como o terceiro maior grupo no país, ficando atrás apenas dos coreanos e chineses.

Uma das razões para tamanho crescimento da comunidade brasileira no Japão, certamente é a **legalidade** do movimento.

Como lembram Baeninger e Sales (2000), a emigração de dekaseguis para o Japão, se por um lado comparte com os demais fluxos a periodização dos anos 80, também tem suas especificidades. Tal como a emigração para o Paraguai, também a do Japão foi inicialmente impulsionada por estímulos e programas especiais por parte do país de destino. Sua especificidade maior reside no fato de ser totalmente legal, o que não acontece em relação à maior parte dos demais fluxos migratórios desse período.

Conforme vimos anteriormente, a própria Lei de Imigração do Japão “abre as portas” para o trabalhador com ascendência japonesa, que dada a sua **consangüinidade**, possui a possibilidade de exercer atividades no Japão sem restrições, de renovar o visto quantas vezes quiser e de vir a ser um residente permanente, como lembra Sasaki (1999:252).

Se, do lado japonês, a legalidade do movimento dekasegui (para os descendentes de japoneses sem a nacionalidade japonesa) foi estabelecida em 1990, no Brasil ela veio três anos depois, quando o projeto de Lei de autoria do deputado nikkei Diogo Nomura modifica o artigo 206 do código penal brasileiro, de 1940, que estipulava pena de detenção e multa para aqueles que aliciassem trabalhadores para fins de emigração (Decreto-Lei 2.848, de 07/12/1940).

O novo texto da lei anuncia, a partir de então, pena de detenção e multa para aqueles que recrutassem trabalhadores, **mediante fraude**, com o fim de levá-los para território estrangeiro (Lei nº.8.683, de 15/07/1993).

A alteração no texto desta lei, na realidade, foi de certa forma para tirar da ilegalidade as agências recrutadoras no Brasil.

As agências que burlavam a restrição, anunciando as ofertas de trabalho no idioma japonês, passaram então a poder operar livremente, sem as constantes batidas de policiais federais.

Tal contexto, de mudanças legislativas e facilidades burocráticas para a entrada de nipo-brasileiros no Japão, leva a maioria dos nipo-brasileiros a apostarem numa continuidade ininterrupta do movimento de kasegui.

Na nossa interpretação, contudo, essa “condição” favorável aos nikkeis do Brasil não desfruta de uma estabilidade intocada. Constantemente temos percebido alterações nos critérios para a concessão do visto de longa permanência, principalmente para a segunda geração de descendentes – os netos dos imigrantes japoneses. Se há dois anos atrás o visto para os *sanseis* era emitido em uma semana, hoje o consulado está exigindo seis semanas para analisar o pedido. Além disso, desde 2006 têm sido exigidos deste grupo (no qual está inserido a maior parte do segmento abordado neste trabalho), atestados civil e federal de antecedentes criminais para a concessão do visto (Ver anexo 2 – Lista de documentos para obtenção do visto de longa permanência no Japão).

Nos últimos anos, temos ouvido no Brasil muitos discursos sobre a possibilidade de concessão do visto de longa permanência aos *yonseis* – bisnetos de japoneses, que ainda não possuem o direito de emigrar para o Japão. Os que defendem essa idéia argumentam que se abriria uma alternativa a mais para a falta de mão-de-obra no país, com a possível entrada de estimados 100.000 descendentes de terceira geração. Contudo, no trabalho de campo realizado em 2006, no Japão, percebemos que as declarações de autoridades e da imprensa japonesa indicam que isso ainda está longe de se concretizar. Pelo contrário, o discurso mais forte que se observa no país, enfatiza a possibilidade do fim da concessão de vistos para os descendentes de segunda geração – netos de japoneses. Tal discurso é fundamentado no crescimento do índice de criminalidade, atribuído aos jovens brasileiros no Japão.

De acordo com o Jornal Nippo Brasil, de 08 a 14 de dezembro de 2004, 87% dos jovens infratores estrangeiros detidos no reformatório japonês de Kurihama – um dos mais conhecidos – são brasileiros.

Atualmente, esta problemática parece estar em bastante evidência no Japão, e a própria opinião pública em relação aos imigrantes brasileiros tem mudado bastante nos últimos tempos, em função dos inúmeros artigos e reportagens veiculadas pela imprensa japonesa que tratam o jovem imigrante brasileiro como um verdadeiro “problema social”.

Ao visitarmos, durante o trabalho de campo, a cidade de Hamamatsu, na Província de Shizuoka, – uma das que possui a maior concentração de brasileiros no Japão (17.943, em 2005, segundo dados do Ministério da Justiça do Japão) – ficou visível o relacionamento conflituoso entre os imigrantes nipo-brasileiros e os japoneses da cidade. O trajeto de dez minutos da estação de Hamamatsu até a Prefeitura da cidade foi suficiente para o taxista japonês manifestar toda sua “antipatia” pelos jovens brasileiros, a quem ele atribui os adjetivos “baderneiros” (melhor tradução encontrada) e “não- civilizados”. Dirigir sem carteira de habilitação e envolver-se em brigas e pequenos furtos são, segundo os policiais japoneses, os principais “delitos” dos jovens brasileiros na cidade.

William Fugii – Tirada durante trabalho de campo no Japão

Foto 5: Estação de Hamamatsu, Shizuoka – Japão, 2006.
– Observa-se a placa de sinalização também em “português”.

William Fugii – Tirada durante trabalho de campo no Japão

Fotos 6 e 7: Homi Danchi – conjunto habitacional na cidade de Toyota, conhecido por dois casos de assassinato na região envolvendo imigrantes brasileiros. Dentre os 9.200 moradores, aproximadamente 3.900 são estrangeiros, dos quais 3.650 são brasileiros (de acordo com informações da Prefeitura da cidade, 2006).

Se, no Japão, a imprensa tem retratado com ênfase tais aspectos do movimento dekasegui, no Brasil, contudo, o que parece ganhar maior notoriedade nas páginas dos jornais e revistas ainda são as vultosas **remessas** que os dekaseguis enviam anualmente para o Brasil:

Dekaseguis enviam US\$2,5 bi por ano ao país

Os descendentes de japoneses residentes no Brasil iniciaram nos anos 80, impulsionados pelas sucessivas crises na economia brasileira, um movimento de retorno ao Japão. Hoje, os chamados dekaseguis somam uma população de 270 mil pessoas, ganhando a vida em cidades industriais e no comércio, na esperança de voltar ao Brasil. Tanto que mandam anualmente cerca de US\$2,5 bilhões ao país, dinheiro que abastece sonhos como a casa própria ou o negócio próprio. Tanto volume de recursos acabou motivando o Banco do Brasil (BB) a estar presente nas principais cidades em que residem esses brasileiros.

Só pelos caixas do Banco do Brasil passaram no ano passado mais de US\$1 bilhão em direção ao país, diz o diretor da Área Internacional do BB, Augusto Braúna. O que justifica, segundo ele, a presença do Banco do Brasil em Tóquio, Gunma, Hamamatsu, Nagoya, Gifu, Nagano, Ibaraki, “cidades onde é forte a presença de brasileiros”.

(O Estado de São Paulo, 02 de junho de 2003)

Um dos temas mais recorrentes que permeiam a discussão sobre os emigrantes brasileiros espalhados pelo mundo é o das remessas financeiras. E com justa razão, pois em 2005, por exemplo, representaram o ingresso de mais de US\$4,05 bilhões nas contas públicas brasileiras, de acordo com dados do Banco Central. Já o Banco Interamericano de Desenvolvimento, por sua vez, estimou que, no Brasil, o volume real de entrada de remessas originárias dos emigrantes tenha chegado a US\$6,4 bilhões, ou 1,1% do PIB, em 2005 (Cf. Costa, 2007:136). Esses são, contudo, apenas registros oficiais de dinheiro que entrou no país pela via da rede bancária formal, não sendo contabilizadas as remessas informais oriundas de países com maior número de brasileiros ilegais, como os EUA ou países da Europa Ocidental.

No caso do Japão, como a população brasileira está legalmente assentada e existe uma ampla rede bancária para atendê-la, estima-se que a parte correspondente a remessas “informais” seja muito pequena. Operam no Japão atualmente, além do Banco do Brasil, o Banco Santander-

Banespa, o ABN AMRO Real, o Bradesco, o Itaú e o HSBC – todos com serviços de remessas para o Brasil.

De acordo com Costa (2007), atualmente as remessas do Japão para o Brasil, realizadas pelos trabalhadores dekaseguis, somam aproximadamente US\$2,0 bilhões por ano, estimando-se mesmo que podem alcançar a cifra de US\$2,6 bilhões.

Durante a década de 1990, estima-se que tais remessas do Japão para o Brasil tenham alcançado cifras ainda maiores. Algumas reportagens de jornais e revistas, veiculadas no Brasil no período, mencionam valores entre US\$3,0 bilhões e US\$5,0 bilhões por ano – que de acordo com nossas convicções, embora não conheçamos nenhum estudo específico a respeito, ajudaram a aquecer o mercado imobiliário de municípios como Londrina, Apucarana, Rolândia, Arapongas, Maringá, etc., – no estado do Paraná; e municípios como Suzano, Mogi das Cruzes, Guataporã e muitos outros no Estado de São Paulo – que possuem grande quantidade de nikkeis. O aprofundamento deste tema é objetivo para pesquisa futura.

Contudo, durante o trabalho de campo realizado no Japão em 2006, um aspecto que ficou bastante ressaltado nas entrevistas realizadas com dekaseguis que moram no país há bastante tempo³⁴ foram as declarações dos mesmos de que atualmente têm poupado menos no país. Muitos relataram que, no passado, economizavam um valor maior e conseguiam enviar quantias mais vultosas para o Brasil.

Este aspecto, ou seja, a redução da quantia poupada pelos brasileiros no Japão, também pode ser constatada a partir de alguns trabalhos sobre o movimento dekasegui.

Rossini (1995), por exemplo, destaca: “Recebem (os trabalhadores dekaseguis) por mês líquido de 1.500 a 2.500 ou mais dólares. Chegam a poupar de 1.500 a 1.800 ou mais dólares por

³⁴ Além dos jovens universitários, segmento abordado neste trabalho, também procuramos ouvir trabalhadores dekaseguis que moram há bastante tempo no Japão, para compararmos a realidade atual à realidade de períodos anteriores.

mês. Isso é possível a custo de um máximo de economia acompanhado de grande sacrifício e absoluta austeridade” (Rossini, 1995:30).

Já em trabalho de 2002, a autora escreve: “Recebem por mês líquido de 1.200 a 2.000 ou mais dólares. Chegam a poupar de 500 a 1.000 ou mais dólares por mês. Isso é possível a custo de um máximo de economia acompanhado de grande sacrifício e absoluta austeridade” (Rossini, 2002:13)³⁵.

Nota-se que de 1995 para 2002, a autora já reduz bastante as estimativas das economias dos trabalhadores dekaseguis.

Diversas foram as justificativas apresentadas pelos entrevistados para a redução das quantias poupadas. Algumas, contudo, são mais frequentes. Kenji,³⁶ 32 anos, residente na Província de Kanagawa, diz que no começo é mais fácil juntar dinheiro, porque este é um objetivo fixo “na cabeça”, mas com o tempo é difícil manter esse pensamento diante de tantas privações que a vida de imigrante por si só já lhes impõem. Silvia,³⁷ 29 anos, também da Província de Kanagawa, comenta sobre os inúmeros impostos que atualmente têm sido cobrados: imposto de moradia, imposto do carro, imposto do lixo... Só junta mesmo, reforça, “*quem se mata de fazer horas-extras*”. Marcos,³⁸ 35 anos, marido de Silvia, assim como outros entrevistados, atribui às despesas com as crianças (educação, transporte escolar...) a falta de êxito em poupar dinheiro no Japão.

Analisando este aspecto do movimento dekasegui chegamos ao entendimento de que os trabalhadores dekaseguis, de maneira geral, não estão recebendo menos em relação ao passado.

³⁵ A autora esclarece que tais informações foram obtidas através de entrevistas e discussões realizadas com Reimei Yoshioka – pesquisador do movimento dekasegui e membro da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa – e de testemunhos de trabalhadores dekaseguis.

^{36 37 38} Entrevistas realizadas durante o trabalho de campo no Japão, em julho de 2006. Os entrevistados, foram apresentados ao pesquisador por amigo que mora na cidade de Yokohama – Província de Kanagawa. As entrevistas aconteceram nas residências dos entrevistados, trabalhadores dekaseguis que moram há mais de cinco anos no Japão.

Muitos reconhecem que ganham, por hora, o mesmo valor há bastante tempo. O que vem acontecendo, na realidade, são mudanças no cotidiano do próprio imigrante.

O desenvolvimento das redes sociais entre os mesmos e o desenvolvimento de uma grande estrutura de comércio, lazer e serviços voltados à comunidade brasileira no Japão, fez com que os trabalhadores brasileiros disponibilizassem maiores recursos para, talvez, amenizar o sacrifício das longas jornadas de trabalho. Aquisição de carros, motos, computadores de última geração, utensílios domésticos e lazer estão sendo bastante valorizados pelos dekaseguis, o que não acontecia com tanto consentimento no passado.

Soma-se a isso, o próprio enraizamento dos nipo-brasileiros em solo japonês. Em 2006, durante pesquisa em várias Províncias do Japão, conhecemos muitas famílias que adquiriram a “casa própria” no país – com financiamentos de 20 a 35 anos. Esta prática tem se tornado cada vez mais comum, principalmente entre os que desistiram efetivamente de retornar ao Brasil.

CASA MODELO

CHEGA DE PAGAR ALUGUEL! ADQUIRA SUA CASA PRÓPRIA!

Faça um bom investimento e realize seu sonho da casa própria totalmente personalizada de acordo com suas preferências!

Prestações a partir de
¥70.000
por mês

REGIÕES DE SHIGA E MIE
(Yokkaichi, Suzuka, Kameyama e Kuwana)

Documentos Necessários
Visto Permanente
Seguro de Saúde

Assistência em português em todas as fases
(terreno, financiamento, construção, acabamento)

CHANCE HOUSING
Montore Home
e-mail: info@chance-housing.jp
page: www.chance-housing.jp

Shiga ken Koka shi Minakuchi cho Kasuga 65-4
tel: 0748-63-1317 (em japonês) fax: 0748-63-6537
ATENDIMENTO EM PORTUGUÊS: 090-2681-3493

大阪府知事①第 49299 号 大阪府宅地建物取引業協会正会員建設業許可（般-13）第 117233 号 住宅性能保証制度登録店 National NS 会会員

Anúncio encontrado na *Revista Total* – voltada à comunidade nipo-brasileira no Japão.

Trabalho de Campo, julho de 2006.

Realize o sonho da
CASA PRÓPRIA
 no Japão.

Compre com segurança,
 através da **Mind House**.

Atendimento em português e espanhol
K. Office-Japan (Sr. Kobayashi)
 Tel: **052-529-2722** / cel: **090-8862-8989**
 Free Dial **0120-77-3535**
<http://www.mindhouse.jp/>

Folheto distribuído em locais com grande concentração de nipo-brasileiros no Japão.
 Trabalho de Campo, julho de 2006.

Se o volume das remessas, contudo, continua grande e o número de instituições financeiras brasileiras (ou que atendem os brasileiros) no país continua crescendo, certamente é porque ainda existem aqueles que, à custa de muitos sacrifícios e uma vida de inteira privação, fazem tudo o que podem para economizar o máximo possível e voltar tão logo quanto possível ao Brasil. Além, é claro, do número crescente de imigrantes brasileiros no país.

O contato com os entrevistados, nos levaram ao entendimento de que existem ambas as situações.

Publicidade do Banco do Brasil, veiculada no Japão.

– Panfletos distribuídos nas agências bancárias e em postos espalhados nos locais com grande concentração de nipo-brasileiros. Trabalho de campo, julho de 2006.

郵便切手

1000005

(太線のなかだけボールペンで強くご記入ください。)
ESCREVA FORTE E COM LETRA DE FORMA

現金書留①(一年保存)

お受取人: To
 おところ: Address
**New Kokusai Building 1F, 3-4-1
 Marunouchi, Chiyoda-ku, Tokyo**

おなまえ: Name
BANCO DO BRASIL
 DEPOSIT AND REMITTANCE SECTION 様

でんわ: Telephone **0120 (09) 5595**

引当番号

郵便料

お受取人: To
**BANCO DO BRASIL
 TOKYO BRANCH** 様

差出人: From
 おところ: Address (郵便番号)
Endereço

おなまえ: Name **Nome Completo** 様

でんわ: Telephone ()

現金書留①

Envelope usado pelos brasileiros para fazerem remessas ao Brasil.
 Obtido durante Trabalho de Campo no Japão, julho de 2006.

Como geralmente não dispõem de tempo para irem às agências, ou quando moram longe delas, os trabalhadores dekaseguis brasileiros costumam utilizar o sistema conhecido como *Genkin Kakitome* para remeter o dinheiro ao Brasil. Neste sistema, os brasileiros enviam o dinheiro via correio para a agência bancária brasileira onde possuem conta no Japão, e esta

transfere para alguma agência no Brasil os valores recebidos, descontando certamente, as taxas operacionais e os impostos.

As mudanças no cotidiano dos nipo-brasileiros no Japão, mencionadas anteriormente, são, entre outros fatores, frutos da própria mudança, observada nos últimos tempos, no perfil da comunidade.

No trabalho de Rossini (1995), citado anteriormente, que acreditamos retratar a realidade do movimento no início da década de 1990, a autora menciona: “*Raramente migra a família inteira. Excepcionalmente levam crianças na primeira partida para o trabalho*” (Rossini, 1995:26). Hoje, contudo, sabemos que a realidade é a oposta³⁹.

No mesmo artigo, a autora conclui: “*é voz geral que apesar de terem conseguido economizar bastante no Japão, o Brasil é o lugar para viver e sobreviver*” (p. 31). O exemplo dos financiamentos de imóveis em até 35 anos no Japão, exposto anteriormente, indica que talvez não seja mais “voz geral” entre os dekaseguis que o Brasil é o melhor lugar para viver e sobreviver.

Essas análises comparativas entre o período abordado pela autora e atualmente, são apenas alguns indicadores de **constantes transformações** na dinâmica do movimento dekasegui. Transformações essas que podem ser observadas também a partir da análise de outros estudos sobre o tema, realizados nas duas últimas décadas. As pesquisas feitas no começo da década de 1990 e as feitas nos últimos anos retratam a dinâmica do movimento e permitem, assim, apreender as transformações que nele ocorreram.

Delinear quem eram os primeiros dekaseguis brasileiros no Japão, envolveu diversos trabalhos produzidos no início da década de 1990.⁴⁰ Compreender os resultados da Reforma da Lei de Imigração do Japão tem sido objetivo de muitos pesquisadores, desde que ocorreu tal

³⁹ Atualmente, é comum os trabalhadores dekaseguis imigrarem com toda a família para o Japão.

⁴⁰ ⁴¹ Entre os pesquisadores que abordaram tais aspectos do movimento, podemos mencionar o professor da Faculdade de Direito da USP, Masato Ninomiya que, entre outras obras sobre o tema, produziu “A vida e o trabalho dos nipo-brasileiros no Japão e no Brasil”. Divisão de Coordenadoria do Departamento de Estabilização Profissional do Ministério do Trabalho do Japão. Tokyo: Nikkan Rodo Tsuushin Sha, 1994, 235p.

reforma;⁴¹ a contradição entre a falta de mão-de-obra no Japão e a preservação de uma sociedade supostamente homogênea é discutida em vários trabalhos⁴²; as relações de trabalho, o estabelecimento de conexões migratórias, a expressividade econômica do movimento, as implicações psicológicas, e muitos outros aspectos, tanto nas suas dimensões estruturais (objetivas), quanto nas dimensões subjetivas, também puderam ser analisadas ao longo do período de existência desse fluxo migratório, por vários pesquisadores, alguns deles consultados nesta pesquisa.

Constatando e analisando as transformações constantes no movimento, o desafio que se impôs desde o início da nossa pesquisa foi, como já exposto na Introdução deste trabalho, o de buscar compreender as características atuais do fenômeno dekasegui.

A partir desse desafio, chegamos à questão das mudanças no perfil da comunidade nipo-brasileira no Japão, ao longo do período de existência do movimento dekasegui, e ao entendimento de que o que marca a fase atual da dinâmica migratória entre os dois países é a crescente participação dos jovens universitários.

Estas constatações a respeito da realidade atual do movimento foram propiciadas, também, pelas atividades profissionais do pesquisador em agência recrutadora de trabalhadores dekaseguis entre os anos 2000 e 2005.

Começamos a perceber que, a partir do início do novo século, cada vez mais os requisitos e exigências das empregadoras contratadoras de imigrantes nipo-brasileiros moldavam-se a este segmento específico formado pelos estudantes universitários nipo-brasileiros, configurando um conjunto de estratégias para atrair este tipo de mão-de-obra que passava a ser implementado.

⁴² Entre os quais, o de YAMANAKA, Keiko. “Return migration of japanese-brazilian to Japan: the nikkeijin as ethnic minority and political construct”. *Diaspora*. Canadá, Universidade de Toronto, v.5, n.1, Spring 1996, p. 65-97.

1.3 – As mudanças no perfil da comunidade nipo-brasileira no Japão

Conforme vimos anteriormente, no início do movimento os trabalhadores que partiam do Brasil rumo ao Japão eram, em sua maioria, homens entre 40 e 60 anos – pequenos agricultores, comerciantes e profissionais liberais que passavam por dificuldades oriundas, entre outros fatores, da crise econômica vivida no Brasil na década de 1980.

Este grupo relata, como maior dificuldade, a saudade da família, que mal podia ser amenizada através dos telefonemas, pois os mesmos eram, naquela época, muito caros. Um de nossos entrevistados, o Sr. Mario Ueda,⁴³ que emigrou para o Japão neste período, conta que marcava hora com a família para realizar as ligações, e estas eram cronometradas para poder falar com cada filho. O salário do mês poderia ser gasto na conta do telefone, se assim não fizesse.

Sem a estrutura que hoje podemos observar para a comunidade brasileira no Japão, era uma alegria imensa quando algum parente ou amigo recém-chegado do Brasil trazia na bagagem o café em pó, o feijão tipo carioquinha e a carne seca, produtos que não eram encontrados com facilidade no Japão.

Geralmente passavam mais tempo vinculados a uma mesma empresa, pois não tinham tanta opção como hoje, e as cláusulas mal esclarecidas dos contratos impunham muitas vultosas para aqueles que desertassem do emprego. As taxas cobradas pelos agenciadores eram muito altas, exigindo, em média, mais de seis meses de trabalho somente para pagar as despesas da viagem.

Na primeira metade da década de 1990, após a promulgação da Emenda Constitucional que legalizou a entrada de filhos e netos de japoneses no Japão e com o crescimento expressivo do fluxo migratório, centenas de novos postos de trabalho foram abertos aos nipo-brasileiros. Na

⁴³ A entrevista foi realizada em março de 2006, na casa do entrevistado, localizada na cidade de São Paulo. O sr. Mario emigrou para o Japão pela primeira vez no ano de 1988, permanecendo no país até 1992. Emigrou novamente em 1993, trabalhando como dekasegui por mais dois anos. Após isso não retornou mais ao Japão.

mesma proporção, centenas de empreiteiras (representadas por agências no Brasil) passaram a disputar milhares de trabalhadores brasileiros que entravam anualmente no Japão.⁴⁴

Os nipo-brasileiros que imigraram a partir da promulgação da Emenda Constitucional puderam contar com a experiência de seus antecessores, com informações e estruturas (ainda preliminares) relacionadas à adaptação e vivência no novo país. Esse aspecto, contudo, não diminuía o sofrimento dos mesmos, pois muitos não possuíam conhecimento do idioma japonês, ainda bastante exigido para a convivência no ambiente de trabalho. Aliás, foi sob este contingente da primeira metade da década de 1990 que incidiu o maior número de casos de distúrbios psicológicos (Cf. Nakagawa, 2001:97).

Os trabalhadores que partiam do Brasil rumo ao Japão no início do movimento, japoneses que haviam chegado ao Brasil na primeira metade do século XX e seus filhos com dupla nacionalidade, guardavam maiores traços da cultura japonesa (inclusive a língua). Embora sentissem o impacto das mudanças, adaptavam-se melhor à sociedade japonesa. Mas os filhos e netos de japoneses que passaram a ingressar no Japão somente após a legalização de 1990, por terem como característica um menor vínculo com a cultura dos antepassados, tiveram mais dificuldades para a adaptação, e as pressões sentidas no novo país parecem ter sido maiores.

Incluídos na faixa etária entre 25 e 40 anos, predominantemente, beneficiaram-se contudo, juntamente com outros imigrantes que ingressaram no Japão na segunda metade da década de 1990, do desenvolvimento de novos sistemas de telefonia, de vôos diários interligando o Brasil ao Japão, da instalação de lojas especializadas na venda de produtos brasileiros, etc.

No final da década de 1990, o surgimento de inúmeras creches e escolas voltadas especificamente à comunidade brasileira indicava que muitas crianças, ou melhor, famílias inteiras já estavam inseridas no fluxo. O idioma japonês, embora sempre necessário, deixava de ser a maior barreira para a adaptação no serviço, já que as empresas, com conhecimentos maiores sobre os trabalhadores brasileiros, passam a estabelecer, em muitos casos, os líderes de linha – funcionários brasileiros com domínio do idioma japonês, para ajudar na coordenação da produção e inserção dos brasileiros nas linhas de produção. Fora do serviço, também já dispunham de mais

⁴⁴ As empreiteiras e agências contratadoras dos trabalhadores dekasegis serão abordadas no capítulo 2.

opções de lazer, e o acesso ao consumo era mais consentido por esses trabalhadores, que já não se submetiam às mesmas privações dos primeiros.

Na virada do século, pode-se dizer que o movimento dekasegui possui uma estrutura bastante consolidada. A presença de muitos familiares no Japão encoraja a muitos que ainda receavam passar pela experiência imigratória. Novas formas de acesso aos postos de trabalho japoneses – através da indicação direta de parentes que se encontram no país – passam a surgir. Em relação a este momento, pode-se dizer, também, que a maior parte dos que movimentam o fluxo é formada por pessoas que retornam ao Japão. Já são poucos (em relação ao número total) os que imigram pela primeira vez. Em outras palavras, parece que o contingente de *nikkeis* do Brasil suscetíveis de se tornar trabalhador dekasegui chegava ao fim.

Diante da diminuição do número de trabalhadores dekaseguis no Japão em 1998 (observe tabela da página 43) – única vez que o movimento registrou valor negativo na taxa de crescimento – e do crescimento inferior a 1% de 1999, as empresas japonesas começaram a articular novos planos, para atrair, ainda que temporariamente, ou melhor, ainda que por um curto período de tempo, nova parcela da comunidade nipo-brasileira que ainda não havia se submetido à experiência de trabalho no Japão.

Nesse contexto, houve-se falar com intensidade, a partir de 2000, do “*arubaito*”. Na realidade este termo já existe há muito tempo no Japão e significa um “bico”, um “trabalho avulso” (Hinata, Noemia. Dicionário Japonês-Português. Japan, Kashiwashobo S.A, 1997). Mas, no âmbito do movimento dekasegui ganha um sentido próprio, específico. E ele é associado também a um “público” específico – os jovens universitários nipo-brasileiros.

De origem alemã (*arbeit*, que significa trabalho), a palavra *arubaito* indica, para esses jovens, uma espécie de “trabalho temporário” no Japão, com conotação de “programa cultural” ou “programa de férias”, já que saem do país, têm a oportunidade de viajar, conhecer o Japão, quase sempre sem precisar disponibilizar nenhum recurso próprio. Utilizam apenas o dinheiro recebido pelas horas de trabalho nas firmas japonesas, que na maioria das vezes cobre, inclusive, as despesas da viagem. Os que optam por economizar, ainda conseguem em 3 meses, de acordo com muitos entrevistados, poupar de três a quatro mil dólares líquidos. Alguns chegam a economizar um valor ainda maior.

Inicialmente, esse “programa” era realizado somente nas férias escolares, do começo de dezembro ao final de fevereiro, mas com o sucesso da adesão por parte dos jovens estudantes, hoje podemos encontrar anúncios oferecendo tal “oportunidade” em praticamente todas as épocas do ano.

Mas o que vem a ser de fato o *arubaito*?

As empresas contratadoras de imigrantes brasileiros no Japão, sempre tiveram um grande déficit de mão-de-obra nos finais de ano, época em que as comemorações natalinas do Ocidente demandam maiores quantidades de produtos eletrônicos importados do Japão. Soma-se a isso, a preferência dos dekaseguis em retornar ao Brasil justamente nos finais de ano, para aproveitarem as mesmas comemorações natalinas e a virada do ano com os familiares e amigos.⁴⁵

Como a produção não pode parar, muitas empresas começaram a oferecer condições especiais (como bônus salarial, prêmios em dinheiro, etc) para que esses funcionários não deixassem as linhas de produção no período mencionado, mas mesmo assim observou-se que as medidas não foram suficientes. Os contratadores de mão-de-obra dekasegui brasileira começaram, portanto, a tentar repor o contingente de trabalhadores que retornam ao Brasil nos finais de ano, bem como contratar novos braços para outros postos que viessem a surgir, por meio da aceitação de trabalhadores brasileiros por curtos períodos de tempo. É conhecida a exigência (até então) por parte das empreiteiras japonesas da permanência de pelo menos um ano no serviço⁴⁶, mas diante da conjuntura exposta esse critério parece ter sido relativizado.

⁴⁵ Esta realidade foi constatada a partir de entrevistas com representantes de algumas empresas japonesas que contratam imigrantes nipo-brasileiros, e a partir de entrevistas com os próprios trabalhadores dekaseguis.

⁴⁶ Embora não haja nenhum instrumento legal que obrigue os trabalhadores dekaseguis a permanecerem numa mesma fábrica por um período de tempo mínimo estipulado, a maioria das empreiteiras contratadoras exigiam, até então, o compromisso do funcionário em permanecer pelo menos 1 ano no emprego. Isso porque, segundo os contratadores, são grandes as despesas iniciais para o recrutamento do funcionário. Luvas para locação da residência, treinamento inicial, registros legais de estrangeiro, entre outras despesas, são apontados pelas empreiteiras que, não raro, apreendiam os passaportes dos trabalhadores para impedir que os mesmos “fugissem” da noite para o dia. Atualmente esta prática seria menos eficiente, pois os brasileiros, recorreriam aos consulados e tirariam novos passaportes sem grandes trâmites burocráticos. Além da apreensão dos passaportes, muitas vultosas também chegaram a ser cobradas, segundo relatos de alguns trabalhadores entrevistados.

Ofereceram, ainda, algumas pequenas vantagens – subsídio de parte do aluguel, por exemplo – para que, mesmo por um curto período de tempo, fosse viável economicamente para o candidato a experiência no Japão.

Essas pequenas “vantagens”, junto com a possibilidade de trabalhar por apenas três meses, começaram a atrair aqueles estudantes universitários nipo-brasileiros que desejavam conhecer o Japão (e por que não “juntar um dinheirinho”?), mas que não podiam ou não queriam emigrar para lá por um longo período de tempo, justamente por estarem inseridos no ensino superior. Muitos deles tinham pais e familiares no Japão que, com a possibilidade dos filhos e parentes viajarem para o país, até desistiam de retornar ao Brasil, já que o objetivo principal era matar a saudade dos mesmos.

E esses jovens voltaram trazendo as novidades da Terra do Sol Nascente, contando as experiências (as boas e as ruins), que de certa maneira aguçaram a curiosidade e interesse de amigos da faculdade, da vizinhança, enfim, dos diversos grupos com quem mantém sua sociabilidade.

Mesmo crescendo em números, esse “programa de arubaito”, esbarrava, contudo, no estigma do movimento dekasegui. Para muitos descendentes, ainda hoje, ser trabalhador dekasegui significa expor seu fracasso no Brasil, e muitos camuflam possíveis situações de insegurança somente para não se submeterem ao movimento.

Enxergando a potencialidade desses jovens universitários para ajudar a suprir (pelo menos parcialmente) a demanda de mão-de-obra no Japão, os contratadores passaram a investir nos programas de *arubaito*, e para isso trataram logo de reverter o “estigma” mencionado, separando em categorias diferentes o “trabalhador dekasegui” e o “estudante arubaito”.

Em outras palavras, quando os trabalhadores rurais descontentes com a situação adversa no Brasil, quando o pequeno empresário falido e desamparado, quando o pai de família desempregado ou mal empregado já se encontravam seduzidos pela remuneração das linhas de montagem japonesas e, mesmo assim, o contingente não era suficiente, o “mercado dekasegui” imputou novas estratégias para atrair um novo segmento da comunidade nipo-brasileira.

Conscientes do possível “esgotamento” de *nikkeis* brasileiros com as características e condições de trabalhador dekasegui (suscetíveis de emigrar), e diante da “experiência bem sucedida” com estudantes universitários, as fábricas japonesas passam a voltar a atenção também para este segmento específico da comunidade nipo-brasileira.

Considerando a “parcela bem inserida” na sociedade brasileira, que supostamente não se submeteria à condição depreciativa de trabalhador dekasegui – os universitários, por exemplo – as empresas fomentam um novo “status” para o movimento, atraindo, sob forma de estágios ou programas de intercâmbio, jovens universitários brasileiros que antes não pensavam em emigrar para o Japão.

Foto 8: Jovens da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP embarcando para o Japão.

– Aeroporto Internacional de Guarulhos, dezembro de 2002.

William Fugii

Foto 9: Jovens universitários da USP e Unicamp embarcando para o Japão, dezembro de 2007.

A produtividade e a fácil adaptação desses jovens às formas de organização do trabalho nas empresas japonesas, onde a informática, a robótica e recursos tecnológicos de última geração estão presentes, fazem com que as empresas direcionem cada vez mais o olhar para os universitários nipo-brasileiros. Se no começo eles representavam apenas uma alternativa para tais empresas, tornaram-se hoje, para muitas delas, um perfil objetivado – conforme afirma a funcionária Midori, da empreiteira Ikai – uma das maiores do Japão, entrevistada na sede brasileira localizada no bairro da Liberdade, em São Paulo.

2004

アルバイト

ARUBAITO

Passe as próximas férias
no Japão. E ainda volte
com grana!

SHIN SEKAI
www.shinsekai.com.br
Praça da Liberdade, 90, 4º andar
Liberdade - São Paulo - SP
Telefone: (11) 3105 - 4835

Propaganda veiculada no jornal Nipo Brasil, várias edições, 2004.

ASAHI TRAVEL

11 anos

Av. Paulista, 726 - conj 9C
Bela Vista - São Paulo - Cep:
Tel: (011) 3284-1344 - FAX: (011)

"Entrega o teu caminho a Deus, confia nele, e o mais ele fará..." Salmo 37:5

HOME

NOSSOS SERVIÇOS

NOSSA EQUIPE

ONDE ESTAMOS

FALE CONOSCO

ASAHI NEWS

PAINEL DE EMPREGOS

DOCUMENTOS

ARUBAITO 2006

- ARUBAITO 2006
- COMUNICADO: Consulado do Canadá
- Kowa CO LTD
- Empreiteira NAKAI GROUP (colocação de Auto-peças)
- Empreiteira KOMATSU (colocação de Auto-peças)
- Empreiteira TOYO SANGYO (colocação de Auto-peças)
- Empreiteira KOWA (Alimentos / Confeitaria)
- Empreiteira FUJI ARTE
- Empreiteira IKAI
- YAMADA CORPORATION LTD.,
- FUJI YAMADA CORPORATION LTD.,
- TYC CORPORATION LTD.
- TYC TOYOTA CORPORATION LTD.,
- Comunicado do Consulado

ARUBAITO 2006

Clique em uma das opções abaixo: - Arubaito 2006

- Kowa CO LTD
- Vagas Arubaito

© 2003 - 2007 Asahi Travel (Todos os direitos reservados)
Produced by wSoMa

SAWATUR

VIAGENS & TURISMO LTDA.

21

TWENTY FIRST

em breve novo site!

Acessar o site antigo
(clique aqui)

Informações
11 3106 3045

Av. Liberdade, 65 conj. 1002
São Paulo - SP
contato@sawatur.com.br

ARUBAITO

Quem, como, quando, quanto?

IV Workshop sobre serviços temporários no Japão

12/02 às 13:30h

Entrada Franca!
Estacionamento Gratuito

Local **Hotel Meliá Confort Paulista**
Rua Haddock Lobo, 294
(próximo ao Metrô Consolação)

Participe do **Bingo** no dia do evento e concorra a um **Playstation Portátil** e uma câmera digital da **SONY!**

Páginas de agências recrutadoras de dekaseguis na Internet, divulgando os programas de arubaito – 2006 e 2007 respectivamente.

Analisando a Tabela 2 (p. 43), que apresenta a evolução do número de brasileiros no Japão, de 1985 até 2006, podemos constatar que o “período crítico” do movimento situa-se entre 1998 e 1999, que registrou em relação a 1997, redução de quase 4% no total de brasileiros registrados no Japão.

Os dados da Tabela 5⁴⁷ mostram que a maior redução foi observada entre os imigrantes nas faixas etárias mais jovens, nas quais se incluem, os “novos dekaseguis”, ingressantes no movimento. Entre 1997 e 1999, a redução do número de brasileiros registrados no Japão, tanto na faixa etária entre 10 e 19 anos, quanto na faixa etária entre 20 e 29 anos, foi de aproximadamente 10%. Já entre os imigrantes de 30 a 39 anos, a redução foi de 1,9%, enquanto que entre os imigrantes de 40 a 49 anos a redução foi de 1,2%.⁴⁸

Tabela 5: Brasileiros no Japão por faixa etária (1997-2005)

Faixa etária	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
0 – 9 anos	21.801	23.329	24.341	28.373	30.460	30.907	31.648	32.888	34.662
10 – 19 anos	27295	26.136	24.521	28.425	27.990	26.073	26.294	27.449	29.346
20 – 29 anos	76.350	71.349	69.124	75.960	77.159	75.907	76.016	76.986	80.278
30 – 39 anos	54.959	52.065	53.880	60.455	63.961	65.330	66.275	68.633	70.529
40 – 49 anos	31.766	29.843	31.390	36.211	39.093	40.972	43.460	46.545	49.959
50 – 59 anos	17.751	16.433	17.674	20.927	22.647	23.513	24.613	26.502	28.535
60 – 69 anos	3.177	2.927	3.215	3.816	4.366	5.263	5.972	7.027	8.130
70 – 79 anos	139	119	133	205	260	340	393	493	598

Fonte: Ministério da Justiça do Japão

Organização do autor.

O grupo de imigrantes nas faixas etárias mais “avançadas” mantiveram-se praticamente estáveis, pois absorvem muitos imigrantes vindos das faixas etárias menores. Já o grupo dos

⁴⁷ Nesta tabela contemplamos o período posterior a 1997, pois é entre esse ano e o ano subsequente que se observa a maior redução no crescimento do número de brasileiros registrados no Japão.

⁴⁸ O único grupo que manteve um crescimento contínuo em todo o período abordado foi o das crianças de 0 a 9 anos, devido ao crescente número de nascimentos de brasileiros no Japão, atualmente estimados em 4.000 por ano, de acordo com o Ministério da Justiça do Japão.

imigrantes até 30 anos, mesmo diante do crescente aumento do número de crianças e adolescentes brasileiros no Japão, é renovado mais intensivamente pela chegada de “novos dekaseguis”. E estes, nos últimos anos da década de 1990, já não estavam chegando mais como antes.

A partir de 2000, contudo, quando se intensificam os programas de arubaito e se assentam as estratégias das empresas japonesas para atrair os jovens universitários, o movimento dekasegui parece ganhar novo fôlego.

1.4 – Estratégias das empresas recrutadoras para atrair os jovens universitários

A primeira estratégia para atrair maciçamente os universitários nipo-brasileiros foi, como adiantado anteriormente, mudar o “status” da experiência imigratória. E podemos dizer com convicção que ela teve êxito. Nenhum dos jovens que entrevistamos se inseriram no que eles entendem por movimento dekasegui. E isto ocorre não devido ao “tempo” que eles permanecem no Japão, pois alguns entrevistados haviam prolongado o período do “programa” e já estavam no país há quase um ano – com a matrícula da faculdade trancada no Brasil. Não se consideram dekaseguis por ainda estigmatizarem o movimento.

Na visão desses jovens universitários, trata-se de uma nova categoria da emigração de brasileiros ao Japão. Reconhecem as relações com o movimento dekasegui, mas não assumem fazer parte do mesmo.

Ângela,⁴⁹ uma jovem de São Paulo, de 18 anos, concluinte do primeiro ano da graduação em Administração, que embarcou para o Japão no início de 2007 com intenção de permanecer um semestre e ainda não retornou ao Brasil, explicitou este aspecto. Apesar de relatar que trabalha 13 horas por dia “fazendo a mesma coisa e sem sair do lugar”, que é alvo de preconceitos, que tem dores no corpo devido ao trabalho excessivo, que se sente alienada, etc – características de qualquer trabalhador dekasegui – ao ser questionada se retornaria ao Japão a trabalho (depois de retornar ao Brasil), a resposta foi taxativa: “*Só se for arubaito de novo... nada mais que isso... eu me amo!*” – deixando claro suas apreensões diferenciadas entre “ser dekasegui” e “ser arubaito”, que não dizem respeito apenas ao tempo que cada uma das situações supostamente pressupõe.

Para ela, mesmo sendo ruim sua situação, a de um dekasegui é ainda pior – o que na nossa compreensão talvez não corresponda à realidade. (Ver anexo 3. Outros aspectos abordados nessa breve entrevista também serão abordados adiante).

⁴⁹ A entrevista foi realizada em julho de 2007 pelo MSN – Messenger (conversa simultânea pelo computador – a entrevistada, amiga do pesquisador, estava no Japão e o pesquisador no Brasil).

Uma questão importante a ser tratada é, justamente, o prolongamento do período previsto do *arubaito*. Se no início era de apenas 3 meses (e durante o recesso escolar), atualmente ouve-se falar em *arubaito* de seis, oito meses – o que talvez fuja do sentido inicialmente atribuído ao programa proposto aos estudantes.

Na realidade, o que vem acontecendo é o prolongamento da estadia de parte desses jovens no Japão e, em muitos casos, a permanência dos mesmos no país. Seduzidos pelos salários das linhas de montagem japonesas, adiam cada vez mais o retorno ao Brasil.

Trancam a matrícula na faculdade e permanecem no Japão por longos meses, às vezes anos.

Uma das questões relacionadas à “decisão” de permanecer no Japão é o acesso ao consumo. Os jovens que haviam prolongado o período de trabalho no país, durante as entrevistas costumavam mostrar ou comentar as aquisições feitas no Japão. Equipamentos eletrônicos de última geração, roupas de grife, e até mesmo carros potentes, pareciam minimizar as jornadas exaustivas de trabalho e a “*saudade de casa*”. Muitos mostravam-se ainda, inseguros quanto ao futuro profissional no Brasil e relatavam ter acesso no Japão, pela primeira vez, a “bens” que dificilmente alcançariam no país de origem. Essa é uma discussão que remete a questões de maior amplitude, mas que decidimos não explorar neste momento por não fazerem parte da proposta principal desta pesquisa. Por outro lado, esse é um aspecto que não poderia deixar de ser apontado, uma vez que ficou bastante evidente durante as entrevistas realizadas em julho de 2006 no Japão.

Se podemos reconhecer o êxito das estratégias dos contratadores para atrair jovens universitários a integrar o movimento *dekasegui*, não podemos deixar de analisar como isso foi conseguido.

Inicialmente, para atrair a atenção do segmento específico que estamos estudando, muitas agências recrutadoras começaram a “marcar presença” em locais freqüentados pelos jovens universitários *nikkeis*. Patrocínio de festas e eventos esportivos da comunidade *nipo-brasileira* se tornou comum para as empresas contratadoras de *dekaseguis*.

Fornecimento de uma espécie de “certificado” por ter trabalhado em uma montadora de carros, indústria de eletrônicos ou qualquer outra atividade no Japão, também pôde ser observado. Isso, para aproximar cada vez mais a experiência do *arubaito* à de um “estágio” remunerado fora do país.

Grandes investimentos em publicidade nos jornais e revistas voltadas à comunidade nipo-brasileira também tiveram bastante peso.

Mas talvez, o que tenha alcançado maior resultado mesmo foi a separação, em “categorias” diferentes, da experiência de um *estudante arubaito* da de um *trabalhador dekasegui*. – ainda que essa pretendida diferença não possa ser facilmente reconhecida.

Analisando duas propostas de serviço (ambas para a Sony de Omigawa) da agência brasileira Sawatur, representante da empreiteira japonesa Twenty First, uma voltada aos trabalhadores *dekaseguis* em geral e outra aos *arubaitos*, só encontramos diferenças em relação a dois itens da proposta: (1) a moradia – onde as vantagens para os *arubaitos* é um desconto de 10.000 ienes (aproximadamente 80 dólares) no aluguel (que de 30.000 foi para 20.000 ienes) e, se realmente permanecerem por apenas três meses no trabalho, isenção da taxa de 5.000 ienes, referente ao “kit de cama”; e (2) a idade – o limite máximo de idade para os *arubaitos* atinge 30 anos para o sexo masculino e 40 anos para o feminino, ao passo que para os trabalhadores em geral atinge, respectivamente, 40 e 45 anos.

Local de trabalho, tipo de serviço, salário, horas-extras, horário de trabalho, condução, refeição e infra-estrutura em geral são exatamente idênticas (Ver anexos 4 e 5).

Entre as empresas que costumam contratar um número expressivo de *arubaitos* anualmente, podemos destacar a Sony, fabricante de câmeras digitais, aparelhos de som e eletrônicos em geral (com fábricas em diversas regiões do Japão) e a Suzuki, montadora de carros e motos (Ver anexo 6 – Proposta de trabalho da Suzuki para *arubaito*), além de muitas outras menos conhecidas pelos brasileiros.

Foto cedida por entrevistado

Foto 10: Fábrica da Sony, na Província de Aichi, 2004.

Foto cedida por entrevistado

Foto 11: Jovens universitários nipo-brasileiros em linha de montagem da Sony. Província de Aichi, 2004.

Outra estratégia utilizada pelas agências recrutadoras de trabalhadores de kaseguis, para atrair os jovens universitários nipo-brasileiros, foi associar o arubaito a programas de intercâmbio em outros países, entre eles Estados Unidos, Canadá, Austrália e países da Europa.

Intercâmbio + arubaito = Interbaito!

Essa forma de contratação funciona da seguinte maneira: o jovem universitário nipo-brasileiro que deseja estudar em qualquer país do mundo, mas precisa de recursos financeiros para tal empreitada, se submete por alguns meses ao trabalho em alguma empresa no Japão e, após juntar o valor necessário, segue para o país que deseja.

Na realidade, a agência recrutadora no Brasil não possui nenhum interesse no “pós-Japão”. Faz parcerias com empresas de intercâmbio conhecidas pelos jovens estudantes, para aumentar seu prestígio frente aos mesmos e, assim, garantir mais braços para os postos de trabalho no Japão, seu objetivo de fato.

The image is a screenshot of a website for 'TGK RH Recursos Humanos'. The header features the company logo and a family photo with the text 'TRABALHE NO JAPÃO COM A SEGURANÇA DE QUEM CONHECE O MERCADO'. Below the header, the page title 'INTERBAITO' is displayed. The main text describes the 'interbaito' program as a job modality for young people interested in exchange, with durations from 18 to 24 months. It explains that the program involves working in a Japanese company, where the cost of stay is covered, and the money earned can be used for courses in Europe, the US, Canada, or Australia. A call to action invites users to contact consultants for more details. The footer contains the company's address in São Paulo, contact information, and a note 'Produzido por Digitale'.

TGK RH
Recursos Humanos

TRABALHE NO JAPÃO
COM A SEGURANÇA DE
QUEM CONHECE O MERCADO

(11) 3283-3233

Consulte também: [TGK Turismo](#) | [TGK Students](#)

INTERBAITO

O interbaito é uma modalidade de emprego destinado principalmente aos jovens interessados no intercâmbio. Os programas de intercâmbio variam de 18 à 24 meses, e ajudam os jovens interessados em aprender uma língua e cultura do país.

O interbaito funciona da seguinte forma: a pessoa é encaminhada para uma empresa no Japão, onde sua permanência é custeada pela empresa. Com o dinheiro arrecado ao longo de sua permanência, garante a mesma custear cursos na Europa, Estados Unidos, Canadá ou Austrália.

Entre em contato com nossos consultores e daremos mais detalhes sobre intercâmbios.

BRASIL

NTES

TGK RH Av. Paulista, 1009 - 10º andar, conj. 1002 CEP 01311-100 - São Paulo - Brasil
Tel.: (55 11) 3283-3233 - tgkrh@tgkrh.com.br

Produzido por **Digitale**

Página de agência recrutadora na Internet, 2007.

O Interbaito também aparece sob outras denominações, mas com a mesma finalidade. After arubaito, world baito, sekai arubaito (*sekai* = mundo), enfim, cada agência adota o nome que sua criatividade lhe sugerir – objetivando, contudo, arregimentar jovens com o perfil abordado neste trabalho.

Em outras palavras, sob a aparência de estágio ou de intercâmbio, trata-se na realidade, de uma forma de contrato de trabalho.

Você não precisa ter dinheiro para realizar seu INTERCÂMBIO
Conheça o Japão trabalhando e estude em seguida em uma das melhores cidades do mundo - Vancouver

ARUBAITO
J A P ã O

AFTER ARUBAITO
C A N A D Á

SAWATUR
VIAGENS & TURISMO

21 TWENTY FIRST

ARUBAITO FORA DE ÉPOCA
Embarques o ano inteiro

Assistência completa de nossa equipe no Brasil e no Japão.

Saiba mais sobre este programa que a Sawatur preparou para você!

11 3106 3045
www.sawatur.com.br
Av Liberdade 65 - cj 1002 - São Paulo

Publicidade veiculada na Revista *Made in Japan* – várias edições, 2007.

Um indicador interessante do deslocamento crescente de jovens universitários para o Japão é o lançamento, nos últimos anos, por companhias aéreas, de promoções exclusivas para os arubaitos, com descontos de até 30% na passagem para o Japão. O critério para a concessão de tal

desconto é a formação de grupos – o que é um procedimento comum entre os universitários nikkeis, principalmente entre os que embarcam no período de férias de final de ano.⁵⁰

Na Internet, já são dezenas de páginas criadas pelos jovens nikkeis, relacionadas ao arubaito. No site de relacionamentos Orkut, por exemplo, encontramos a comunidade “Nihon Arubaito” (Nihon = Japão), com mais de 1600 membros cadastrados – utilizada, no caso, para a troca de experiências, expectativas, e em grande medida, para avaliar as empresas contratadoras – conforme podemos observar na própria descrição da comunidade.

⁵⁰ Informação obtida pelo pesquisador em agência contratadora de mão-de-obra de kasegui, durante palestra sobre “programas de arubaito”.

Capítulo 2

O recrutamento no Brasil para o trabalho no Japão e a contribuição dos jovens universitários para as mudanças nas redes de contratação dos imigrantes nipo-brasileiros

Conforme relatam alguns entrevistados que partiram para o Japão no início do movimento dekasegui, o recrutamento neste período se dava basicamente pelos contatos pessoais. Ou seja, parentes, amigos e conhecidos, no Japão, mediavam a contratação dos trabalhadores vindos ou retornados do Brasil.

O início do recrutamento ostensivo de nikkeis no Brasil é marcado pela publicação, ainda em japonês, de anúncios nos jornais da comunidade nipo-brasileira e com propagandas em agências de viagem. Agências essas que, embora formalmente registradas como companhias de viagem ou agências de turismo, ou mesmo sem tais registros, ocupavam-se dos trâmites burocráticos para o envio de trabalhadores ao Japão.

Embora sempre criticada, em função do alto valor cobrado pela intermediação, esse tipo de empresa, ou melhor, essas agências, principalmente após a reforma da Lei de Imigração do Japão de 1990, se espalharam rapidamente por São Paulo e norte do estado do Paraná – regiões com grande concentração de nipo-brasileiros.

Impondo contratos obscuros, muitas vezes com informações enganosas, como veremos adiante, aproveitaram durante bastante tempo da falta de informações e despreparo dos imigrantes para obterem lucros bastante vultosos.

De uns anos para cá, com os diversos organismos de apoio aos trabalhadores dekaseguis como o CIATE, por exemplo, mencionado anteriormente, este cenário tem mudado.

Além disso, a própria experiência adquirida pelos imigrantes, que no movimento circular de idas e vindas passa a conhecer os procedimentos para a entrada no Japão, também tem levado à diminuição da importância das agências recrutadoras no Brasil.

Contudo, elas ainda são inúmeras e, em São Paulo, possuem um endereço certo: o bairro da Liberdade – conhecido como “bairro japonês” ou “bairro oriental” da cidade. Analisemos, portanto, a função deste fragmento da metrópole paulistana para o movimento de kasegami – e num contexto mais amplo, para a comunidade nipo-brasileira em geral.

2.1 – Bairro da Liberdade em São Paulo: centralidade para a comunidade nipo-brasileira

O bairro da Liberdade, em São Paulo, é a centralidade para a comunidade nipo-brasileira – tanto para os que vivem no Brasil, quanto para os que têm emigrado para o Japão.

A região da rua Conde de Sarzedas, neste bairro, foi o foco inicial de concentração dos imigrantes japoneses na cidade de São Paulo. Perto dali, na rua Rodrigo Silva – próximo à praça João Mendes, no centro da cidade – estava instalada a Companhia de Imigração Japonesa *Kokoku*, responsável pela chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil (Cf. Revista Geográfica Universal, julho de 1976).

Handa, Tomoo, 1987.

De acordo com relatos encontrados em publicações sobre a imigração japonesa no Brasil,⁵¹ foram de dez a doze os imigrantes que chegando na primeira leva, no navio Kasato Maru – 1908, saíram da Hospedaria dos Imigrantes e se instalaram diretamente na cidade de São Paulo. Os demais, como é sabido, se dirigiram para as fazendas de café, no interior do estado.

Com a chegada de outras levas, aumentou consideravelmente esse número, que passou a crescer continuamente devido, também, ao fluxo de imigrantes que não se adaptando à vida na lavoura cafeeira tentava a sorte na capital.

Carpintaria e costura eram duas das principais atividades que esses imigrantes exerciam na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, embora a preferida fosse a de “ajudante geral” – espécie de empregado doméstico – em casas de família. A vantagem era poder morar e se alimentar de graça no emprego e aprender com mais rapidez o português (Cf. Handa, 1987).

Também houve imigrantes que foram morar na região da Móoca e do Brás, por ser mais conveniente para o trabalho, mas o forte mesmo era, como mencionado anteriormente, o entorno da rua Conde de Sarzedas, no bairro da Liberdade.

⁵¹ Remetemos, em especial, a: HANDA, Tomoo. O imigrante japonês – História de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A.Queiroz, 1987; SHINDO, Tsuguio. Brasil e Japão – os 100 anos de Tratado de Amizade. Centro de Estudos Japoneses da USP, 1999.

Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

Foto 12: Rua Conde de Sarzedas – Primeiras décadas do Séc. XX.

Handa (1987) lembra que se os imigrantes japoneses se concentraram na rua Conde de Sarzedas, que é uma ladeira, é porque ela ficava bem próxima do centro e nela havia bons porões. Nesta rua, os tetos dos porões eram relativamente altos. Assim, eram muitos os chamados porões habitáveis, cujos aluguéis saíam por menos da metade dos da moradia superior.

“O maior atrativo de residir nessa região consistia em se poder ir para o centro sem precisar desembolsar o dinheiro do bonde. Nos primeiros tempos, o barbeiro, as casas de *udon* (macarrão japonês), as mercearias, tudo funcionava nos porões”

(Handa, 1987, p. 159).

Só mais tarde, as partes de cima da casa também começaram a ser alugadas. Muitas delas funcionavam como pensões para os imigrantes japoneses.

Handa, Tomoo (1987).

O bairro da Liberdade estruturou-se em função de um processo geral de expansão e progresso atravessado pela cidade de São Paulo, após a proclamação da República e intensificado a partir da década de 1930. O cosmopolitismo que haveria de caracterizar a cidade vai criando concentrações étnicas: sírios, libaneses e armênios na região da rua Vinte e Cinco de Março; judeus, no Bom Retiro; italianos, no Brás, Móoca e Bela Vista e japoneses, na Liberdade; enquanto outros estrangeiros afortunados se instalaram nos Jardins, Vila Mariana e Santo Amaro (Cf. Guimarães, 1979, p. 43-49).

Estima-se que em 1932 moravam na cidade de São Paulo cerca de dois mil imigrantes japoneses, sendo que aproximadamente seiscentos deles estavam na Conde de Sarzedas (Cf. Handa, 1987). Aos poucos, a concentração de japoneses foi se estendendo também para o Glicério, Rua Bonita (atual Tomás de Lima), rua dos Estudantes, rua Galvão Bueno e demais ruas da Liberdade (ver mapa na página 84).

Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

Foto 13: Rua da Liberdade – Década de 1930.

Os imigrantes japoneses construíram, portanto, uma identidade para o bairro da Liberdade. Durante toda a década de 1930, foi construído um verdadeiro reduto nipônico nesta porção da cidade de São Paulo.

No início da década de 1940, contudo, um duro golpe atinge os imigrantes japoneses no Brasil e provoca uma verdadeira diáspora no bairro da Liberdade.

O rompimento das relações diplomáticas do Brasil com as potências do Eixo, em 28 de janeiro de 1942, bem como a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados transformou os japoneses residentes no Brasil, bem como imigrantes italianos e alemães, em inimigos potenciais do Estado nacional.

A repressão contra a comunidade japonesa, italiana e alemã no período da II Guerra e o discurso xenófobo, que se prestava como instrumento de legitimação do governo Vargas durante o Estado Novo (1937-1945), fez dos imigrantes japoneses inimigos políticos e militares.

Esses imigrantes passaram, então, a ser perseguidos, e entre outras restrições, proibidos de viverem em comunidades, como na do bairro da Liberdade.

De acordo com Takeuti (2002), para compreendermos o processo de repressão aos japoneses no Brasil, devemos levar em consideração duas questões básicas: 1 - a persistência do pensamento antinipônico manifesto no país desde as primeiras décadas do século XX e que durante o Estado Novo ganhou força; e 2 - a entrada do Brasil na II Guerra Mundial ao lado dos Aliados, a partir de 1942, e as conseqüências enfrentadas pelos japoneses que ressurgiram como “perigo amarelo” – expressão derivada do inglês “*yellow peril*”, difundida nos EUA ante o temor de uma invasão asiática durante o início do século XX.

Como lembra Sakurai (2000), a reação contra a presença de japoneses em alguns países, ainda nas primeiras décadas do século XX, é decorrente da discussão européia em torno da questão racial e da eugenia, que estava em sua plena efervescência. A miscigenação, efeito esperado para populações em contato, é mal vista pelos brancos, especialmente os norte-americanos, que segregam espacialmente os japoneses em seu território.

Esse debate em torno da eugenia tem repercussões no Brasil, onde parte da elite da recém-proclamada República entende a necessidade de branqueamento da população como um ponto crucial para a conformação da nova nação.

O que dizer da introdução oficial de não-brancos num país onde a miscigenação entre brancos e negros é um problema para a época? Representantes da elite brasileira prevêem o mesmo problema em relação a uma possível miscigenação entre japoneses e brasileiros: o que ocorreria com a “raça brasileira”?

(Sakurai, 2000: 206).

Em 1924 os japoneses foram proibidos de entrar nos Estados Unidos, preferência dos mesmos. A partir de 1922 começaram a surgir movimentos contrários à entrada de japoneses também no Brasil. Nesse ano, um projeto de lei proibindo a entrada de pessoas negras e restringindo as de raça amarela foi apresentado ao congresso brasileiro. Este movimento acabou culminando em 1934, com a aprovação da emenda constitucional que restringia a entrada de imigrantes estrangeiros a 2% do total de ingressados no país nos últimos 50 anos, o que ocasionou uma diminuição considerável na entrada de imigrantes japoneses a partir de 1935 (Cf. Takeuti, 2002).

“O imigrante, cujo amor ao trabalho, disciplina e eugenia haviam sido exaltados como salvação da pátria, aparecia agora, à luz da problemática assimilacionista, como grande ameaça a esta mesma pátria”

(Vainer, 2000:19).

Vainer (2000) lembra que o japonês foi visto e representado ora como o melhor trabalhador dentre os que se podia importar, ora como o mais inassimilável de todos os estrangeiros. Neste sentido, reforça o autor, o debate acerca da imigração japonesa sintetiza o sentido e as contradições de uma estratégia imigrantista que desqualificava o nacional enquanto trabalhador para justificar a imigração estrangeira, e desqualificava o imigrante enquanto estrangeiro, para justificar medidas discriminatórias.

O japonês era diferente não apenas física como culturalmente, daí a origem das apreciações supostamente científicas sobre o nipônico, unânimes em lhe atribuir o estigma de raça inassimilável. Além disso, os japoneses deveriam ser evitados por serem representantes de uma nação imperialista e “*agentes de degenerescência racial*”, portanto, um triplo perigo. Podemos depreender desse universo político que os japoneses estavam, ao lado de outras minorias étnicas, no centro da discussão articulada pelo Estado varguista, de um projeto étnico

para o Brasil. A política de nacionalização empreendida pelo governo brasileiro a partir de 1938 colocou como problema a falta de assimilação dos grupos estrangeiros, dentre os quais os japoneses (Cf. Takeuti, 2002).

A partir de 1938, além da imposição do ensino na língua nacional, proibiu-se o uso da língua estrangeira em público ou em qualquer outro espaço comunitário.

O “termo de advertência” da próxima página ilustra bem o que essa proibição representou. Trata-se de um cidadão que embora tenha nascido no Brasil, foi preso em 11 de janeiro de 1944 por se expressar em língua japonesa em público. Para ser colocado em liberdade assinou um termo de advertência, documento em que se comprometia, sob as penas da lei, a não reincidir na infração, bem como cumprir e acatar todas as disposições legais e regulamentares em vigor, especialmente as decorrentes do então estado de guerra.

SUPERINTENDÊNCIA DE SEGURANÇA POLÍTICA E SOCIAL

DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

TERMO DE ADVERTÊNCIA

R. G. 151.178

R. E.

Aos Onze dias do mês de Janeiro de 1944, nesta cidade de São Paulo, na Delegacia Especializada de Ordem Política e Social, onde se achava o Dr. Eduardo Lousada Rocha, Delegado Adjunto, comigo, escrevente do seu cargo, abaixo nomeado e assinado, compareceu "JOSE TAKAYAMA", filho de Itizo Takayama e de D. Tone Takayama de nacionalidade Brasileira, com 22 anos de idade, de profissão Comerciarior, residente a Rua Bandeirantes - Garça, n.º 50 que foi detido em 10 de Janeiro de 1944 por, contrariamente às disposições em vigor, estar se expressando em público em idioma Japonês. Foi advertido e se comprometeu solenemente a, sob as penas da lei, não reincidir na infração, bem como a cumprir e acatar zelosamente todas as disposições legais e regulamentares em vigor, especialmente as decorrentes do atual estado de guerra. De como assim o disse, mandou a autoridade lavrar este termo, que, lido e achado conforme, vai devidamente assinado. Eu, Joaquim Marcondes Campos, escrevente, o datilografei, em parte, e assino,

Autoridade

Parte

Escrevente

AO ARQUIVO GERA

São Paulo

11 de

Jan

de

19

44

Termo de advertência. Delegacia de Ordem Política e Social. São Paulo, 11 de janeiro de 1944. Pront. 1768 – José Takayama. DEOPS/SP, DAESP. In: Takeuti, Márcia. *O perigo amarelo em tempos de guerra*, 2002.

Além da proibição do uso da língua estrangeira em público, foram proibidas as transmissões radiofônicas e a circulação de jornais, livros e revistas em língua estrangeira a partir de 7 de fevereiro de 1938, como parte da política de controle dos estrangeiros radicados no país. Escolas foram fechadas, livros e materiais “suspeitos” apreendidos, aparelhos de rádio confiscados.

Além de todas essas restrições, tinha ainda o que ficou conhecido como “salvo conduto”.

O sistema de salvo-conduto foi introduzido pela Polícia Federal, com base nas Portarias nº. 7576, de 26 de janeiro, e nº. 8604, de 30 de outubro de 1942, legalizando o controle aos chamados “súditos do eixo”. Assim, para se locomover de uma localidade para outra, esses estrangeiros eram obrigados a portar um documento temporário que controlava o ato de “ir e vir” de todos os cidadãos alemães, japoneses ou italianos, implicando numa verdadeira “geopolítica do controle”.

(Takeuchi, 2002:32)

INSTRUÇÕES	
I — O estrangeiro, portador da presente caderneta “salvo-conduto”, só poderá obter “visto” afim de viajar para localidade determinada e com prazo certo.	1 SALVO-CONDUTO Nº 472328 Válido para uma viagem
II — Chegando ao destino, deverá apresentar-se à autoridade policial da localidade, à qual exibirá esta caderneta, para as devidas anotações.	Destino: <u>Penapolis</u> Via: <u>Ferrea</u>
III — Ao retirar-se da localidade, deverá obter novo “visto” para a localidade a que se destina.	Endereço no destino: <u>Cidade</u>
IV — Os “vistos” dos Salvo-Condutos só serão válidos para uma viagem.	Motivo da viagem: <u>repreto</u>
V — Esgotados os “vistos” a caderneta deverá ser substituída, se necessário, à vista da exibição daquela esgotada.	Válido até: <u>26-4-45</u>
VI — O portador da presente caderneta fica obrigado, por ocasião do embarque ou durante a viagem, a exibir, quando solicitado, juntamente com esta, a prova de nacionalidade.	<u>Paulo D.</u> de <u>4</u> de 19 <u>45</u> (Delegacia) (Data)
	<u>Guilherme</u> (Assinatura da autoridade)
	<u>José Antonio de Oliveira</u> Delegado-Chefe do Serviço
	2 SALVO-CONDUTO Nº 472328 Válido para uma viagem
	Destino: <u>Curitiba</u>
	Endereço no destino: <u>Cidade</u>
	Motivo da viagem: <u>repreto</u>
	Válido até: <u>26-4-45</u>
	<u>Paulo D.</u> de <u>4</u> de 19 <u>45</u> (Delegacia) (Data)
	<u>Guilherme</u> (Assinatura da autoridade)
	<u>José Antonio de Oliveira</u> Delegado-Chefe do Serviço

Parte de uma carteira de salvo-conduto em que estão impressas as instruções ao portador (1945).

In: Takeuti, Márcia. *O perigo amarelo em tempos de guerra*, 2002.

Autorização para transferência de residência e proibição de reuniões de súditos, ainda que em casas particulares e a título de comemorações de caráter privado, completavam o quadro do *período negro da imigração japonesa no Brasil*.

O relato do sr. Hiromassa,⁵² de 82 anos (em 2007, quando o entrevistamos) expressa parcialmente este período negro para os imigrantes japoneses:

“Ah, na época que o Brasil entrou na guerra foi muito difícil viu... Japão também tava na guerra, só que era inimigo do Brasil. Naquela época todo mundo andava com medo. Não podia nem falar nihongô (em japonês). Quando reunia dois ou três amigos japoneses, se tivesse algum policial perto já vinha ver o que tava conversando. Meu irmão Masaru foi preso uma vez porque tinha bebido e ficou cantando música japonesa na rua. Era música de criança no Japão, mas o guarda pensou que tava cantando música do Imperador japonês. Até os livros do nihongakoo (escola de língua japonesa) foram tudo recolhido. A gente escondia tudo porque se a polícia encontrasse dava confusão. A polícia levou até as fotos de alguns parentes, só porque eles estavam com roupa estilo japonês. Queria que a guerra acabasse logo, só que não sabia o que seria pior, se o Japão ganhasse a guerra ou se o Brasil ganhasse a guerra. Porque se o Brasil ganhasse a guerra, os brasileiros – não era todo mundo, talvez ia ficar humilhando os japoneses, e se o Japão ganhasse a guerra, talvez brasileiro ia ficar com mais raiva dos japoneses. Guerra muito triste, não precisa fazer guerra...”

No dia 02 de fevereiro de 1942, os imigrantes japoneses foram, conforme mencionado anteriormente, expulsos da Liberdade⁵³. Na época, a região possuía a maior concentração de nipônicos da cidade de São Paulo.

Seria essa diáspora o fim da Liberdade enquanto centralidade para os imigrantes japoneses e seus descendentes?

⁵² Entrevista realizada em março de 2007, na residência do entrevistado, localizada na cidade de São Paulo. O Sr. Hiromassa imigrou junto com a família para o Brasil em 1936, quando tinha 11 anos de idade.

⁵³ Conforme lembram com bastante clareza e precisão alguns entrevistados que vivenciaram o período, e também, conforme retratado em: Takeuti, Márcia Y. *O perigo amarelo em tempos de guerra (1939-1945)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 35.

2.1.1 – As salas de cinema japonês e o retorno dos imigrantes japoneses ao bairro da Liberdade

Passados os horrores da Segunda Guerra, muitos dos imigrantes japoneses que haviam deixado a Liberdade em função da forte repressão, retornaram ao bairro. Talvez, não para morar novamente, mas à procura de uma sociabilidade perdida durante os anos de guerra. E esse retorno, no início da década de 1950, foi impulsionado em grande parte pelo surgimento, no bairro, das salas de cinema japonês.

No Japão, a história do cinema é marcada ao mesmo tempo por inovação e tradição. Nascido ao final do século XIX, pouco depois de se estabelecer na Europa, era fruto tanto do avanço industrial e comercial quanto do teatro nacional japonês, especialmente o *kabuqui*, que abrigou as primeiras casas de produção de filmes. O cinema tornou-se, assim, parte essencial da identidade cultural japonesa, acompanhando até o outro lado do globo aqueles que haviam deixado o Oriente para tentar a sorte no Novo Mundo (Cf. Nagib, 2004:180).

Rodrigues (1995), lembra que, comercialmente, o cinema japonês em São Paulo começou em 1929, com o surgimento da *Nippaku Shinema-Sha* na cidade de Bauru, interior do estado.

Sendo o cinema uma diversão muito popular entre os imigrantes japoneses, lembra o autor, a *Nippaku* alcançou grande sucesso, o que ocasionou o aparecimento de outras companhias nos anos seguintes. Em 1933 ela mudou seu escritório para a capital do estado, onde os filmes eram exibidos para a colônia por uma ou duas noites em salas alugadas de clubes ou entidades, e depois, no antigo Cine São Paulo, no centro da cidade. Quando o cinema japonês estava consolidado com algumas companhias exibidoras e com programação constante na capital e no interior, veio a guerra, acabando com suas atividades.

Guerra esta que, conforme mencionado anteriormente, prejudicou os laços estruturados durante as primeiras décadas do século XX entre a comunidade japonesa da capital paulista, ou mais precisamente, do bairro da Liberdade.

A “expulsão” mandou para outros convívios os líderes da comunidade nipo-brasileira. E os membros seguiram seus passos, dirigindo-se principalmente para o interior paulista e outras regiões da cidade de São Paulo, onde de certa maneira, não deixaram de ser alvo de perseguições.

O bairro da Liberdade ainda era freqüentado esporadicamente pelos imigrantes, pois havia um sentimento de pertencimento em relação ao mesmo, mas durante todo o transcorrer da guerra e alguns anos posteriores essa presença, vigiada e controlada, era marcada fortemente pela tristeza e nostalgia. O convívio e as relações experimentadas anteriormente não existiam mais.

Com o fim da guerra, e passados os dias de horror proporcionados pela Shindou Renmei⁵⁴, a vida dos imigrantes e descendentes de japoneses começou a se estabilizar novamente. Começava um novo período de desenvolvimento para o cinema japonês no Brasil. Vários cinemas em São Paulo, como por exemplo o Cine São Francisco, dos frades Franciscanos, passaram a exhibir filmes japoneses, mas não davam conta da demanda. É quando tem início a época áurea do cinema japonês na Liberdade, e quando surge o Cine Niterói.

Em 23 de julho de 1953, Yoshikazu Tanaka inaugura na Rua Galvão Bueno, uma das principais da Liberdade e, atualmente, a mais movimentada, um prédio de cinco andares, que abrigava um hotel, um restaurante, e no andar térreo uma grande sala de projeções, para mil e quinhentos expectadores, batizada de Cine Niterói. O filme de estréia foi “*Genji Monogatari*” (Os amores de Genji), de Kozaburo Yoshimura, e o sucesso foi tal que nos anos posteriores

⁵⁴ “Com a rendição do Japão às forças aliadas, em agosto de 1945, a Segunda Guerra Mundial chegava ao fim. Do outro lado do planeta, em São Paulo, nascia uma organização secreta japonesa, a Shindou Renmei – ou Liga do Caminho dos Súditos. Para seus seguidores, a notícia da rendição era uma fraude, um golpe da propaganda aliada para quebrar o orgulho dos japoneses em todo o mundo. Como aceitar a notícia da derrota, se em 2600 anos o invencível Japão jamais perdera uma guerra? Em poucos meses a colônia nipônica, composta de mais de 200 mil imigrantes, estará irremediavelmente dividida: de um lado ficavam os *kachigumi*, ou ‘vitoristas’ da Shindou Renmei, apoiados por oitenta por cento da comunidade japonesa no Brasil. Do outro, os *makegumi*, ou ‘derrotistas’, apelidados de ‘corações sujos’ pelos militantes da seita. Militarista e seguidora cega das tradições de seu país, a Shindou Renmei decide fazer uma ‘limpeza ideológica’ na colônia. E declara guerra aos ‘corações sujos’, acusados de traição à pátria pelo crime de acreditar na verdade. De janeiro de 1946 a fevereiro de 1947, batalhões de *tokkotai*, os matadores da Shindou Renmei, percorrem o estado de São Paulo, realizando atentados que levam à morte 23 imigrantes e deixam cerca de 150 feridos (...)” (Moraes, Fernando. *Corações Sujos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 – Prêmio Jabuti).

inauguravam-se mais três outros cinemas japoneses na Liberdade: o Cine Nippon, na rua Santa Luzia, o Cine Jóia, na Praça Carlos Gomes e o Cine Tokyo, na Rua São Joaquim (Cf. Guia da Cultura Japonesa, 2004:180 e Folha de São Paulo, 11/03/1986).

Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

Foto 14: Cine Niterói – Rua Galvão Bueno na década de 50.

De acordo com Nagib (2004), nos anos 60 era entretenimento regular da colônia japonesa – e sofisticado entre a classe artística brasileira – ir ao cinema na Liberdade. As chances eram grandes de se ver clássicos de Kobayashi, Kurosawa, Toyoda, Shibuya, Uchida, ou películas inovadoras de Shindo, Masumura, Sugawa, Shinoda, Teshigahara e Oshima - grandes nomes do cinema japonês.

O público do Cine Niterói, e posteriormente dos outros cinemas japoneses, passou a atrair para a Liberdade tanto aqueles comerciantes anteriormente expulsos em função da guerra, quanto novos empreendedores. Nas proximidades dos cinemas, restaurantes, lojas, bares e um conjunto de serviços para a comunidade japonesa foram surgindo. Esse desenvolvimento se dava agora em torno da Rua Galvão Bueno, o “centro do bairro oriental”. A Liberdade volta a ser, portanto, o cantinho onde os japoneses podiam tentar matar a saudade da terra natal, conversar com pessoas com histórias de vida semelhantes, no idioma que lhes era familiar.

A Liberdade volta a ser, nesse sentido, o local escolhido para as festas típicas, para as comemorações da comunidade, para a instalação das escolas japonesas, etc. A Liberdade volta a ser o local onde os imigrantes e descendentes fazem as compras, levam os filhos para estudar, o local onde trabalham no comércio e nos serviços.

Ressurge, portanto, uma forte caracterização étnica do bairro. E essa caracterização passa a atrair os apreciadores da cultura, da língua, ou simplesmente da culinária japonesa.

Vendo o potencial de uma possível “China Town” brasileira, os administradores municipais, junto com representantes dos comerciantes da Liberdade, no final da década de 1960 e início da década de 1970, elaboram então um ambicioso projeto, instalando as famosas luminárias em estilo oriental, financiando os letreiros luminosos em idioma japonês e promovendo intensa publicidade do bairro, enquanto “bairro oriental”.

2.1.2 – A “oficialização” do “bairro oriental”

“Ao acender das luzes surgiu o Bairro Oriental

Quando as três chaves que acendem as novas luminárias da rua Galvão Bueno e suas transversais foram acionadas, ontem, à noite, pelo prefeito Miguel Colasuono, governador Laudo Natal e o governador eleito, Paulo Egydio, a Liberdade passou a ter um novo nome ‘Bairro Oriental’. A festa começou às 18 horas, com as danças folclóricas – Bom Odori, para um público que disciplinadamente tomou os dois lados da calçada da rua Galvão Bueno.

(...) O presidente da comissão de implantação do Bairro Oriental, jornalista Randolfo Marques Lobato, entregou o diploma ao prefeito Miguel Colasuonno, enquanto Tsuyoshi Mizumoto, presidente da União da Indústria e Comércio do bairro, saudou as autoridades em nome da comunidade.

(...) Nascida no ano de 1969, só agora essa idéia concretizou-se, através da gestão do prefeito Miguel Colasuonno e da iniciativa privada. A transformação ocorreu em ritmo acelerado. Os lojistas instalaram o ‘Torii’ (portal xintoísta), letreiros luminosos e pintaram as fachadas. A Liberdade agora também é um verdadeiro Bairro Oriental”.

(Diário de São Paulo – 10 de novembro de 1974)

A reportagem acima nos mostra que a designação de “bairro oriental”, adotada, não corresponde à concepção de bairro que viemos desenvolvendo até agora. “*A Liberdade agora também é um verdadeiro Bairro Oriental*”. – O “agora” da frase destacada, indica que toda a história dos imigrantes japoneses durante mais de 50 anos de convivência no bairro não foi levada em conta. E que precisou a “oficialização” da Prefeitura, e do governo de São Paulo, para que se enxergasse nesse espaço paulistano uma identidade que antes parece não ter existido. A reportagem diz ainda que o “Bairro Oriental” (*essa idéia*), concretizou-se através da gestão de um prefeito e da iniciativa privada – enquanto o que procuramos mostrar é que a identidade do bairro da Liberdade como bairro de japoneses (ou como centralidade para os imigrantes japoneses e seus descendentes na cidade de São Paulo) resultou de um longo processo, iniciado no início do século XX, de concentração desses imigrantes nessa porção da cidade, e que levou ao desenvolvimento de relações sociais definidoras da vida de bairro.

Em meados da década de 1970, muitas reportagens apresentaram a criação do bairro oriental como resultado da ação de gestores municipais, associados a empresários japoneses ou descendentes de japoneses:

Acervo do Arquivo Histórico Municipal. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Folha da Tarde, 11 de novembro de 1974.

Na Liberdade, está surgindo um verdadeiro Bairro Oriental. Tem até lanternas típicas.

Folha S. Paulo, 7/11/1974

Finalmente, na Liberdade, nasce o “Bairro Oriental”

Esta semana, quando for inaugurada a nova decoração das ruas da Liberdade, a comunidade japonesa estará realizando um sonho de cinco anos: a criação do primeiro “Bairro Oriental”, no Brasil, que a partir do ano que vem, quando estiver inteiramente pronto, será uma das principais atrações turísticas no seu gênero em todo o mundo.

A partir das 18 horas de sábado, será inaugurada oficialmente, a primeira parte da decoração tipicamente japonesa da Liberdade. Nas suas quatro ruas principais, foram instaladas 450 lanternas orientais, os antigos ladrilhos das calçadas foram substituídos por outros, com motivos dos antigos “samurais”, e jardins com plantas típicas enfeitam agora as ruas do bairro.

Essa decoração, que a partir de agora ficará permanentemente instalada na Liberdade, é a primeira fase do projeto, que, quando terminado, em março de 1975, se estenderá a outras ruas e contará com um grande jardim japonês, incluirá a pintura e reforma de todos os prédios da

região e a instalação de letreiros luminosos típicos nas lojas da região.

A festa de inauguração terá a participação de grupos folclóricos japoneses, da Capital e do Interior, num total de mil dançarinos típicos, além de outras solenidades tradicionais do Japão. Os organizadores calculam que pelo menos 30 mil pessoas estarão presentes.

VELHO SONHO

A transformação da Liberdade num bairro tipicamente japonês, inteiramente decorado com motivos orientais, é um sonho iniciado em 1969. Naquela época, os comerciantes locais apresentaram um projeto à Prefeitura, que foi logo aceito. Nesses cinco anos, o bairro foi se transformando pouco a pouco e adquirindo as características de uma autêntica cidade do Japão.

Hoje, com a maior parte da decoração já pronta, os comerciantes do bairro garantem, com orgulho, que a transformação da Liberdade é um plano turístico de alcance internacional.

Paulo Tanaka, da União dos

Amigos do Comércio e Indústria da Liberdade, é um dos mais entusiasmados.

“Com exceção do Japão, não existe em nenhuma outra cidade do mundo uma decoração tão autenticamente japonesa como esta que fizemos aqui no bairro”, ele diz. “Ela será permanente e terá algumas adaptações especiais por ocasião das festas tradicionais, como o Natal, por exemplo.”

Para provar que a nova decoração da Liberdade é única no mundo, Tanaka não gosta que a comparem com a existente no famoso bairro oriental de San Francisco, nos Estados Unidos.

“O “Chinatown”, norte-americano, embora muito conhecido internacionalmente, é muito diferente do nosso “Bairro Oriental”. Para começar, é tipicamente chinês, e não japonês. Depois, é bem antigo e não tão bem cuidado como o que estamos fazendo. Quando estiver inteiramente concluído, no ano que vem, posso garantir que será uma das grandes atrações turísticas e comerciais de todo o mundo.”

Acervo do Arquivo Histórico Municipal. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Folha de São Paulo, 07 de novembro de 1974.

Fundamentando nosso pensamento no que viemos desenvolvendo até agora, acreditamos que “SURGE”, “INAUGURAÇÃO”, “NASCE” – expressões encontradas nessas reportagens, não são as melhores para se pensar o bairro oriental.

Pelo contrário, e de acordo com o que já mencionamos, a identidade étnica desse bairro vem da sociabilidade vivida pelos imigrantes japoneses no local, vem das experiências dos mesmos, das relações estabelecidas entre eles e com a sociedade mais ampla, vem do sentimento de pertencimento, vem da “vida de bairro” do início do século XX. Podemos dizer, ainda, que quando da “oficialização” da Liberdade enquanto bairro oriental, essas características já estavam,

inclusive, em processo de dissolução. Em outras palavras, a identidade da Liberdade não resulta de discursos políticos ou da iniciativa privada, e sim da história de vida de pessoas que encontraram um “cantinho” no Brasil para reproduzir algo que lhes confortava a memória e as lembranças da terra natal.

Quando falamos em “vida de bairro”, certamente temos que nos reportar mais ao período anterior à Segunda Guerra, quando as relações entre os imigrantes eram mais próximas, mais pessoais. No período posterior à guerra, a vida de bairro não se podia configurar nos mesmos moldes, porque os processos da metrópole que passavam a dominar a levaram à submersão. Era um outro momento, os processos metropolitanos estavam agindo mais rapidamente e a dissolução das relações mais próximas que configuravam uma identidade de bairro acontecia rapidamente.

O cinema, o retorno dos japoneses à Liberdade não representaram, portanto, um novo momento da vida de bairro para a Liberdade. Podemos pensar, talvez, em um “último suspiro”, em uma tentativa de restituir as características do passado, que não teve êxito devido aos motivos mencionados. O que podemos encontrar após a II Guerra, e até os dias atuais, são “resíduos” da vida de bairro.

William Fugiti

Fotos 15 e 16: Exemplo de resíduo da vida de bairro na Liberdade: Grupo de Radio Taissô – ginástica praticada diariamente, desde o início da década de 1970, por um grupo de japoneses, em sua maioria entre 60 e 80 anos. Praça da Liberdade, 2005.

Foto 17: Radio Taissô. Praça da Liberdade. São Paulo, 2005.

Falando dos “dias atuais”, muitos dizem que a Liberdade estaria deixando de ser o “bairro japonês” de São Paulo. Isso porque outros grupos étnicos, como os chineses, por exemplo, crescem a cada dia nesta porção da cidade.

Na nossa interpretação, contudo, a Liberdade dificilmente deixará de ser a centralidade para os nipo-brasileiros. O Museu Histórico da Imigração, o comércio de produtos japoneses, os cursos de língua japonesa, entre diversos outros serviços, ainda se concentram no bairro.

Além disso, a partir do final da década de 1980, foi incorporada à Liberdade mais uma função que aumentou sua importância para os nipo-brasileiros.

A concentração de mais de 200 agências recrutadoras de trabalhadores dekaseguis faz da Liberdade, nos dias de hoje, a centralidade das redes de contratação de imigrantes brasileiros para linhas de produção japonesas. Trata-se do “grande escritório” de contratação dos trabalhadores dekaseguis nipo-brasileiros.

NEW VISION
turismo

**Vai trabalhar no Japão?
Consulte-nos!**

30 anos de experiência
e qualidade de atendimento

Providenciamos toda a documentação e passagens independente do emprego. Passagens aéreas nacionais, internacionais e pacotes turísticos

Praça da Liberdade, 190
5º andar sala 52 - liberdade
visiontur@terra.com.br
Tel.: (11) 3275.3255

JAPAN WAY URGENTE! Moças (os), Casais e Famílias

Emprego no Japão para descendentes **EMBARQUE IMEDIATO**
Documentação Gratuita

**Componentes Eletrônicos, Autopeças, Bentoya
Hotel e outras diferentes áreas de serviço**

Rua Conselheiro Furtado, 324 - sala 904 - Liberdade - SP
(esquina com R. dos Estudantes) - e-mail: japanwaybr@yahoo.com.br
Tels.: (11) 3208.7980 / 3207.1077 - Fax: (11) 3209.1672

MR Service Cuidamos de toda documentação e passagens aéreas
currículo mediante a aprovação

Empresas Diretas no Japão

**Componentes Eletrônicos
Auto Peças - Alimentação**

Rua da Glória, Nº108 - 3º Andar Liberdade - SP
email: mr.service@uol.com.br
Tel.: (11) 3112.0388 Fax: (11) 3101.6733

55

Alguns exemplos de anúncios de agências recrutadoras de dekaseguis no bairro da Liberdade – Veiculados em jornais, revistas e panfletos voltados à comunidade nipo-brasileira, 2005- 2008

⁵⁵ O termo *bentoya* no anúncio da agência Japan Way significa, no contexto, empresa de gêneros alimentícios.

KYOTO SERVICE

EMPREGO NO JAPÃO

100 Mulheres para trabalhar em Bentoya e Auto Peças. Serviço (leve e limpo) Salário de 1000 a 1250 Yens. Idade até 50 anos.

Temos vagas para salão e hotéis

Pça. da Liberdade, 118 - Cj. 52 - Liberdade - São Paulo - SP
tel: (11) 3104-5490/3105-3053 cel: 9269-8259 - Koiti ou Laurita

NET NIBRAS TURISMO

Aqui tem as melhores oportunidades de serviço:

Comp. eletrônicos, hotéis, alimentícios, auto-peças, montadoras, etc.
Em várias regiões do Japão.

Estamos admitindo homens, mulheres e casais

Av. Liberdade, 91 - 6º andar - sl 62
Liberdade - São Paulo - SP
Tel./Fax: (11) 3107.5929
3115.2599
Cel.: 9773.7699

M= ¥ 800~1.000 H= ¥ 1.000~1.400
Consulte-nos sem compromisso

21 TWENTY FIRST

SAWATUR
VIAGENS & TURISMO LTDA.

Venha tomar um chá com a gente.

A equipe Twenty First - SP está de escritório reformado, pronta para receber você. Venha nos visitar e conheça as oportunidades de trabalho que oferecemos nas melhores empresas do Japão.

Nas regiões de Saitama, Chiba, Ishikawa, Niigata, Ibaraki, Yamanashi e Kanagawa.

Homens e mulheres de 18 a 40 anos
Salários entre ¥1.000 ~ ¥1.300

Junto com a Sawatur, providenciamos a sua documentação e emitimos sua passagem aérea com descontos especiais.

Temos também pacotes aéreos e rodoviários, nacionais e internacionais.

Em São Paulo, fale com Patrícia, Solange ou Mitie:
Tel. (11) 3106-3045 / 3105-0316
Em Londrina, com Jorge: Tel. (43) 3324-3934
Em Tokyo, com sr. Tainaka: Tel. (03) 3770-6172

Av. Liberdade, 65 5º andar - sala 506
Liberdade São Paulo - SP
contato@twentyfirst.com.br contato@sawatur.com.br

Serviços: Vistos, Passagens, Excursões Internacionais

SONY - FUJIFILM - OTICS
Aichi - Gifu - Shizuoka
Iwate - Chiba

APIERVA SERVICE

EMPREGOS NO JAPÃO
Outras Empresas: Murata (ex funcionários) ; Suzuki Montadora
Arubaito 2001 / 2002

Outras Vagas: Líderes de linha
Auxiliar de escritório Técnico Eletr./Mecânica

Atendemos também Sábados, Domingos e feriados.

SOGO PLAZA SHOPPING - Av. Liberdade, 363 - lj. 24 - térreo
Tel: (11) 3277-0748 / Cel: (11) 9982-0867
Falar com Carlos (11) 3275-3324 ABC: 9101-4248 / Eduardo

ALL JAPAN TRAVEL CENTER
VIAGENS & TURISMO LTDA.

EMPREGOS PARA HOMENS, MULHERES E CASAIS

Componentes eletrônicos:
Murata, Fujitsu, National, Toshiba, Mitsubishi, Aiden S.A. (Grupo National)

Auto Peças:
Toyota, Suzuki

Fábrica de Alimentos

Bentoya

Keibi (guarda de trânsito)

Componentes Eletrônicos:
Mulheres de 19 a 38 anos com
financiamento **US\$ 1.500** (6X) para
Viaje ou JAL

R. dos Estudantes, 74 - 5º andar
cj. 55 - Liberdade - São Paulo - SP
CEP 01505-000
Tel.: (0xx11) 3209.6655 / 3277.6340
Tel/Fax: (0xx11) 3207.4966

Alguns exemplos de anúncios de agências recrutadoras de dekaseguis no bairro da Liberdade – Veiculados em jornais, revistas e panfletos voltados à comunidade nipo-brasileira, 2005-2008.

Serviço definido.
Temos passagens aéreas nacionais e internacionais com as melhores tarifas.
Moças, moços, casais com filhos. 18 a 58 anos.
Várias regiões.
Providenciamos a documentação e recrutamos jovens para arubaito
Av. Liberdade, 843 cj. 56 - Liberdade
CEP 01503-001 São Paulo, SP - Brasil
tel. 3341-1478

Você que trabalhou no Japão entre 1998 e 2002
Boa notícia
Restituição de Imposto de Renda (Shotokuzen)
Rua Dr. Neto de Araújo, 320 - sl 501 - próximo ao metrô V. Mariana
CEP 04111-001 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 5572-1717 www.daiwaassessoria.com.br

Emprego no Japão
Viagem Imediata
Financiamentos a partir de US\$ 1.300
• Mureta (incluindo retorno), Aishin, Densa, Auto-peças, Shokuhin (bento-yai), oficinas mecânicas e hotéis
• Documentação para viagem
Rua da Glória, 314 - cj. 22 - Liberdade (metrô Liberdade)
Fone: (11) 3209-8055
e-mail: recreatur_turismo@hotmail.com
Filial Mogi das Cruzes: (11) 4795-1500

Japão
seu sucesso financeiro
Y900 ~ Y1400/h
(mais hora extra)
16 a 55 anos
Embarque imediato.
Apartamento mobiliado.
Temos colocações nas empresas Sony, Canon, Pilot, Honda, Mitsubishi, Toyota, Suzuki, Aishin e outras.
TIRAMOS SEU VISTO GRATUITAMENTE.
Rua da Glória, 226 - Liberdade
benri@uol.com.br
(11) 3101-8659 / 3106-8476 / 3106-4170 / FAX: 3106-3395

BR TOUR Assessoria de viagens
Empregos no Japão • Passagem Aérea • Vistos
Homens, mulheres e casais
VAGAS PARA:
Alimentícios
Auto-peças
Bentoyá
Componentes
Eletrônicos
Keibi
SALÁRIOS:
HOMENS
¥1000 ~ ¥1400
MULHERES
¥800 ~ ¥1000
Várias Regiões
Representante na Baixada Santista: José Higa
cel: (13) 9787-8470
tel: (13) 3418-1642
Representante em Mogi das Cruzes: Kiyoshi Koba
tel: (11) 4796-4018
(11) 4796-3832
Estamos cadastrando promotores
(11) 3209.0624 / 3209.8768
Rua da Glória, 279 5º andar cj52 Liberdade
São Paulo - SP brtouragencia@globo.com

56

Alguns exemplos de anúncios de agências recrutadoras de dekaseguis no bairro da Liberdade – Veiculados em jornais, revistas e panfletos voltados à comunidade nipo-brasileira, 2005-2008.

⁵⁶ O termo *Keibi*, no anúncio da agência BR TOUR significa plantonista, vigia. É possível observar, também neste anúncio, o salário inferior das mulheres, comum no Japão.

2.2 – A atuação das agências e empreiteiras recrutadoras de imigrantes nipo-brasileiros

É comum ouvirmos nos relatos dos trabalhadores dekaseguis, queixas em relação ao valor pago pela “colocação”⁵⁷ no posto de trabalho japonês. O valor cobrado pelas agências contratadoras é sempre muito elevado. Aliás, é uma praxe cobrar, como taxa de colocação, o valor da própria passagem. Dessa forma, se atualmente a passagem de ida para o Japão custa aproximadamente US\$1.600,00, as agências costumam cobrar do trabalhador como valor total, algo em torno de US\$3.200,00 – na maioria das vezes financiado e pago com o trabalho no Japão -descontado do salário em quatro, cinco ou mais vezes.

Contudo, nem sempre são as agências, quem mais lucram com o embarque do dekasegui. Existe outro personagem que também tem participação nos lucros – o promotor⁵⁸, aquele que apresentou o candidato à agência recrutadora.

A agência, por sua vez, os apresenta à empreiteira contratante no Japão, empresa de quem as fábricas japonesas contratam a mão-de-obra terceirizada.

Para um valor total de US\$3.200,00, a comissão do promotor corresponderia a um valor entre US\$800,00 e US\$1.000,00. Os gastos com a passagem aérea e com documentos necessários para o embarque alcançariam US\$1.600,00. A parte da agência corresponderia a um valor entre US\$600,00 e US\$800,00.⁵⁹

⁵⁷ Expressão utilizada pelas agências e empreiteiras contratadoras de trabalhadores dekaseguis para se referirem à comissão pela apresentação à empresa no Japão.

⁵⁸ Os promotores são uma espécie de “gato”. Muitos possuem escritórios, fazem anúncios publicitários e se apresentam como representantes das empresas japonesas no Brasil, mas na realidade não possuem nenhum vínculo com as empresas japonesas. A única função deles é arregimentar, ou melhor, atrair candidatos a dekasegui. A partir daí, eles encaminham esses candidatos a outras agências, recebendo comissões por tal serviço. É provável que o número de promotores seja até superior ao número de agências recrutadoras. Boa parte deles trabalha para várias agências.

⁵⁹ A partir de entrevistas com representantes de agências recrutadoras e com promotores que possuem escritório no bairro da Liberdade, chegamos aos valores cobrados dos trabalhadores dekaseguis e sua repartição entre agência, promotor e gastos com o embarque.

Certamente, esses são valores aproximados, já que existe a possibilidade da “barganha”, facilitada pela concorrência entre as muitas agências existentes.

A empreiteira geralmente não lucra com o embarque do trabalhador dekasegui. Pelo contrário, muitas empreiteiras pagam o *shokai* para as agências – uma espécie de prêmio para que as mesmas enviem os trabalhadores do Brasil. A concorrência entre as empreiteiras também é grande. Esse prêmio chega a 100.000 ienes (aproximadamente US\$800,00) “por cabeça”. As empreiteiras passam a ganhar a partir do momento em que os dekaseguis começam a trabalhar, e elas ganham proporcionalmente à quantidade de horas trabalhadas pelos mesmos.

Algumas empreiteiras instalaram escritórios no Brasil (no bairro da Liberdade) com o objetivo de fazer a contratação direta dos funcionários, eliminando desta forma a intermediação das agências e promotores. Contudo, elas não obtiveram grande sucesso devido, entre outros fatores, ao fato de não financiarem as despesas com a viagem e não prepararem a documentação do imigrante – algo que as agências fazem.

Conforme lembra Costa (2007), é curioso notar, que toda essa atividade de contratação e alocação de mão-de-obra temporária no Japão opera sob nebulosa legislação que, a rigor, não a permitiria, excluídos alguns casos restritos. Até 1986, lembra o autor, era proibida a contratação de mão-de-obra terceirizada no Japão, salvo em situações especiais, como serviços para o governo. Naquele ano, foi promulgada a Lei de Alocação de Mão-de-Obra, que relacionou 15 categorias de emprego cuja terceirização passou a ser permitida, limitadas essencialmente a serviços administrativos e de comércio. Tais restrições, no entanto, foram progressivamente atenuadas para, sob pressão do setor industrial, englobar outras categorias, inclusive para as linhas de produção nas fábricas.

Nos termos da legislação em vigor, há dois tipos básicos de contratação indireta no Japão: *ukeoi*, que significa ‘trabalho por empreitada’ e *haken*, que consiste apenas na alocação da mão-de-obra por determinado período. Por este último tipo de serviço, a empresa contratante teria de propor ao trabalhador a contratação direta após um ano. O que vem acontecendo na prática, contudo, é que as empresas formalmente registradas como *haken* se apresentam no mercado como *ukeoi*, isto é, apenas para a execução de um determinado serviço, com a finalidade de fugir da obrigação da contratação direta (Cf. Costa, 2007:123).

Como lembra Martins (1994), a terceirização é parte da lógica do capital, ou seja, do modelo moderno de produção, impulsionado pelo trinômio qualidade, produtividade e competitividade.

Entre seus objetivos, podemos mencionar a redução das despesas de produção⁶⁰ e a introdução de novos métodos de organização e gerenciamento da mão-de-obra (Cf. Faria, 1994:45). Entre suas conseqüências, incluem-se a precarização do trabalho e a instabilidade do trabalhador.

Tal estrutura trabalhista vai de encontro à tradição japonesa de estabilidade no emprego e progressão salarial por tempo de serviço.

As apreensões de que *as empresas japonesas oferecem emprego vitalício a seus trabalhadores, sistemas de recompensa com base no tempo de serviço e cooperação com sindicatos localizados nas empresas* (Castells, 2006:236) parece que devem ser, no presente, portanto, relativizadas.

De acordo com Osawa (1993), o emprego vitalício japonês e o sistema salarial baseado no tempo de serviço do trabalhador são bem conhecidos, no mundo ocidental, como características do mercado de trabalho do Japão. Essa prática, segundo a autora, difundiu-se no Japão a partir de meados da década de 1950 – à medida que a economia cresceu e a nova tecnologia foi sendo implantada com rapidez. A importância do treinamento “on-the-job” aumentou, resultando nos investimentos maciços das firmas nos trabalhadores. Como este investimento é oneroso para a empresa, ela seria fortemente incentivada a manter os empregados e, para tanto, o sistema salarial é estruturado de forma a fazer com que o tempo de permanência no emprego mereça a maior remuneração.

Esta prática empregatícia japonesa, mesmo diante da escassez de mão-de-obra jovem nas décadas de 1960 e início da década de 1970 manteve-se ativa. Desde meados da década de 1970, contudo, o Japão vem passando por várias mudanças estruturais em sua economia (Cf. Osawa, 1993:179).

⁶⁰ Já que, entre outros fatores, reduz as despesas com encargos sociais e provoca a redução salarial dos trabalhadores.

É irônico que numa época em que muitos estudiosos e líderes sindicais enamoram-se do modelo japonês de relações industriais, outros observem que o emprego vitalício e o sistema salarial *nenko*⁶¹ estão desaparecendo sob a pressão de diversas forças econômicas.

(Osawa, 1993:165)

Nesse sentido, a terceirização, que faz parte da atual estrutura trabalhista japonesa, não se aplica apenas aos imigrantes, mas de certa forma também aos japoneses (embora em menor proporção). Tendo em vista a relutância das empresas em assumir os cada vez mais pesados encargos sociais que o antigo sistema impõe, sobretudo em épocas de redução de atividades, esta prática deverá, a nosso ver, prevalecer no futuro.

O desejo das empresas japonesas de manter a flexibilidade dos custos dos fatores de produção – bens e mão-de-obra – para prontamente responder às oscilações do mercado globalizado e competitivo, também justificam tal opinião. A atividade dos empreiteiros continuará, dessa forma, a exercer papel importante para a presença dos trabalhadores brasileiros no Japão (Cf. Costa, 2007:124).

Muitos são os relatos de problemas relacionados à contratação dos trabalhadores *dekaseguis*. Promessas não cumpridas, valores estranhos adicionados à dívida paga no Japão, condições de trabalho diferentes das estipuladas no Brasil, entre outros. Além disso, muitas empreiteiras ao fazerem a conversão do valor da parcela (combinada em dólar) para o *iene* (moeda japonesa com a qual o trabalhador paga as parcelas) utilizam uma cotação bem acima do valor real do câmbio, lucrando bastante e tornando essa dívida, muitas vezes praticamente impagável.⁶²

Da parte das agências, as queixas são em relação ao número crescente de pessoas que fogem ao chegar ao Japão. Brasileiros mal intencionados, segundo os agenciadores, estão utilizando seus serviços para tirar o visto de trabalho e para conseguir a passagem aérea. Só que ao chegarem ao Japão, eles somem. Parentes ou amigos os esperam no aeroporto e se encarregam de inseri-los em algum trabalho.

⁶¹ Valorização crescente do salário, na proporção direta da idade do empregado.

⁶² De acordo com relatos de *dekaseguis* entrevistados.

Acordos recentes com instituições financeiras como os bancos Bradesco e Real, contudo, têm diminuído essa preocupação das agências. Existem muitos casos em que o financiamento é feito nos bancos, que repassam o valor do financiamento para as agências recrutadoras e cobram a dívida (com os juros característicos dos bancos) dos trabalhadores de kaseguis.

Publicidade (folder) do Banco Bradesco distribuída no bairro da Liberdade, 2007.

Há dez ou quinze anos atrás, dificilmente se ouvia falar em “fuga” de de kaseguis. Isso porque grande parte das agências recrutadoras faziam uso de um recurso enganoso para

amedrontar os mesmos. Além das multas, alegavam que cancelariam o visto do trabalhador, se este não cumprisse o contrato estabelecido - recheado de informações enganosas e garantias unilaterais. Sem o conhecimento de que isso não é possível, os trabalhadores dekaseguis acabavam “presos” às empresas contratadoras, com medo de serem deportados ao Brasil, ou presos pelas autoridades japonesas (Ver anexo 7 - Exemplo de contrato, firmado no início da década de 1990 entre agência recrutadora e uma nikkei brasileira).

Atualmente, contudo, a partir da consolidação das redes entre os imigrantes dekaseguis e do maior acesso às informações pertinentes, por parte dos nipo-brasileiros, as agências recrutadoras não têm conseguido mais utilizar este tipo de estratégia.

Aliás, tem se tornado cada vez menor o papel das agências para o movimento dekasegui. E nesse processo, os jovens universitários – segmento que tem dinamizado na atualidade o fluxo imigratório de nipo-brasileiros no Japão, possui enorme participação.

2.3 – A contribuição dos jovens universitários para a diminuição da importância das agências recrutadoras no Brasil

Conforme mencionado anteriormente, existe, a partir da consolidação das redes entre os imigrantes dekaseguis, uma tendência de diminuição do papel das agências recrutadoras para os nipo-brasileiros que desejam trabalhar no Japão. As principais funções dessas agências são: encontrar uma vaga de trabalho para o candidato; preparar o processo para solicitação do visto de longa permanência, junto ao consulado japonês; e financiar a passagem aérea do trabalhador.

A presença de familiares no Japão que possam fornecer os documentos exigidos pelo consulado, e que encontrem uma vaga de trabalho para o candidato, possibilita ao mesmo recorrer a um dos diversos “despachantes” existentes no bairro da Liberdade e providenciar o seu próprio visto. Se não possui o dinheiro da passagem aérea, também pode recorrer, quando possível, aos familiares. Assim, livra-se das taxas de colocação cobradas pelas agências recrutadoras.

Atualmente, existem muitos nikkeis que estão procedendo desta maneira para ingressarem no movimento dekasegui. É maior, no entanto, o número de pessoas que adotam esse procedimento ao retornarem ao Japão, após uma primeira experiência na qual tiveram que pagar a taxa de colocação.

Evitar a intermediação das agências recrutadoras também tem sido, na atualidade, uma prática muito comum do segmento abordado neste trabalho. Mais questionadores, devido ao próprio perfil, parecem oferecer resistência, ainda maior do que a dos dekaseguis em geral, em relação ao pagamento de taxas que hoje sabem, ou melhor, buscaram saber, poder evitar.

O entrevistado Paulo⁶³, por exemplo, recorreu à prima no Japão para não fazer uso dos serviços da agência recrutadora no Brasil:

⁶³ **Paulo:** A entrevista aconteceu no começo de 2007. O entrevistado passou pela experiência imigratória no Japão em 2000, quando estava no início da graduação em Engenharia de Minas, pela Universidade de São Paulo. Neto de imigrantes japoneses, acabou trancando a matrícula na universidade e permaneceu no Japão por um período de tempo maior do que tinha planejado. Trabalhou em várias empresas como a Bridgestone, Fuji, Yazaki, Tostem,

*“Sabia o básico da língua japonesa quando fui para lá (Japão). Sabia também que ia enfrentar uma vida dura pois **estava indo para trabalhar**. Ouvia falar muito sobre as longas jornadas de trabalho, serviços sujos e pesados, discriminação aos brasileiros, distância da família e amigos, e até casos de internação por estresse. Mas em compensação um salário que nem chegava perto ao de um engenheiro recém-formado, que era a carreira que eu estava estudando(...). No começo não enfrentei grandes dificuldades, pois minha **prima, brasileira**, me esperou no aeroporto e me levou direto para sua casa, onde fiquei hospedado (...) Ela que me indicou uma empreiteira onde já tinha trabalhado [uma empreiteira através da qual tinha encontrado trabalho]...”*

Em relação à empreiteira no Japão, desta não é possível desvincular-se, pois são muito raras as contratações diretas dos brasileiros pelas empresas japonesas. Geralmente isso acontece quando o trabalhador nipo-brasileiro se casa com uma japonesa, e vice-versa.

Assim como o Paulo, o entrevistado Marcos⁶⁴ também não recorreu às agências recrutadoras, na segunda vez que embarcou para o Japão. Na primeira experiência havia pago à agência mais de U\$1.000,00 de taxa de colocação, ou seja, 1/3 do que economizou durante os 3 meses que passou no país.

etc. (serviços de auto-peças, eletrônicos e alimentos) – por um período total de pouco mais de um ano. Voltou ao Brasil para concluir a graduação e não retornou mais ao Japão. Outros trechos da entrevista aparecerão no capítulo 3.

⁶⁴ **Marcos:** a entrevista aconteceu no dia 20 de julho de 2006, durante a pesquisa realizada no Japão. Estudante do terceiro ano de engenharia, ele viajou para o Japão em dezembro de 2005, junto com dois primos – para realizarem o arubaito. Havia prolongado o período de permanência no país e não sabia ao certo a data de retorno ao Brasil. Estava trabalhando na Suzuki – montadora de carros, na cidade de Kosai – Província de Aichi. Era a segunda vez que tinha ido para o Japão. A primeira experiência no país ocorreu de dezembro de 2004 a fevereiro de 2005. Filho de pai e mãe niseis, ou seja, neto de japoneses, ele é pouco conhecedor da história dos avós imigrantes. Não sabia ao certo o ano em que vieram para o Brasil, nem os motivos da vinda. Também não possuía conhecimentos do idioma japonês. Vive longe dos parentes japoneses, inclusive dos avós (de ambos os lados), que moram na cidade de Londrina, norte do Paraná, desde aproximadamente os 11 anos de idade, quando sua família mudou-se para São Paulo. Foi apresentado ao pesquisador por primos que moram no Japão. Outros trechos da entrevista aparecerão no capítulo 3.

“ Como eu tinha o reentry⁶⁵ e o dinheiro da passagem, não precisei mais da agência, que mete a faca na gente...Eu liguei para o tantousha⁶⁶, onde já tinha trabalhado antes e ele falou que me buscaria no aeroporto se eu quisesse. Daí eu vim direto(...) Comprei minha passagem numa agência lá na Liberdade e vim para cá.”

É importante lembrar, que os jovens universitários possuem uma condição diferenciada em relação aos demais trabalhadores dekaseguis. Essas diferenças, reforçamos, não se relacionam às condições de trabalho no Japão, mas à condição econômica dos mesmos no Brasil, geralmente melhor do que a dos demais imigrantes envolvidos no movimento dekasegui.

Grande parte dos jovens universitários que se interessam pelo arubaito possuem condições de custear sua própria passagem aérea, e não raro levam uma boa quantia em dinheiro para as despesas iniciais. Por isso, podem desvincular-se mais facilmente das agências recrutadoras.

O contato direto, a partir do Brasil, com as empreiteiras no Japão tem sido uma prática cada vez mais comum entre esses jovens.

Além disso, é interessante observar também a maior organização desse segmento. Eles costumam montar grupos para a viagem. São poucos os que embarcam sozinhos, principalmente na primeira experiência. Um de nossos entrevistados relatou que, em 2006, viajou com mais oito amigos – todos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, onde ele estuda.

Inicialmente pesquisaram diversas agências no bairro da Liberdade. Um membro do grupo, contudo, que possui bons conhecimentos do idioma japonês, visitou as páginas na Internet

⁶⁵ Atualmente, o período do visto de longa permanência concedido aos nipo-brasileiros é de 3 anos. Se o trabalhador dekasegui permanecer, por exemplo, por 1 ano no Japão, ele pode tirar o reentry no país (antes do retorno ao Brasil), e durante os dois anos restantes do visto, pode retornar ao Japão sem necessidade de tirar novo visto. Caso o nipo-brasileiro não faça o reentry, mesmo que o prazo do visto concedido não tenha expirado, para retornar ao Japão, precisa solicitar novo visto.

⁶⁶ Funcionário da empreiteira que dá suporte aos trabalhadores dekaseguis. Geralmente serve como tradutor quando o operário não domina o idioma japonês, e auxilia os operários em questões relacionadas ao trabalho na empresa japonesa.

das empreiteiras japonesas que as próprias agências da Liberdade estavam indicando nas propostas de trabalho apresentadas.

Demonstrando seu interesse e do grupo de amigos em trabalhar no Japão, enviou fotos e informações básicas, como o nome, idade, atividades no Brasil, etc, para essas empreiteiras. Para a surpresa do grupo, uma dessas empreiteiras respondeu o e-mail, anexando fotos dos alojamentos e de produtos fabricados numa empresa de auto-peças, comprometendo-se a empregá-los no Japão. Essa empresa, posteriormente, enviou para cada um do grupo, o *Zaishoku Shomeisho* (atestado de trabalho) e o *Mimoto Shomeisho* (atestado de fiador), entre outros documentos exigidos pelo consulado japonês para a emissão do visto.

Desta forma, eles embarcaram para o Japão sem a intermediação da agência no Brasil. Ao chegarem ao Japão, conforme o combinado, o funcionário da empreiteira os esperava no aeroporto.

Questionado se não sentiu insegurança ou medo, ao embarcar sem conhecer a empresa, o entrevistado relatou que pediu a um primo, que mora no Japão, para visitar a mesma e constatar se as informações fornecidas eram realmente verdadeiras. Ou seja, ao contrário de muitos trabalhadores dekaseguis - poderíamos dizer talvez, a maioria deles – esses jovens, além de buscarem alternativas para evitar as exorbitantes taxas de colocação, têm procurado se certificar se as informações fornecidas pelas empresas são verdadeiras.

Certamente, não são todos que adotam esses procedimentos, mas não há dúvidas que esses jovens trocam mais informações, experiências e estratégias do que os demais imigrantes dekaseguis. A página de relacionamentos do Orkut, apresentada na página 82 , com fóruns de discussão sobre as “piores” agências, sobre o trabalho no Japão, etc., ilustram este aspecto.

Além da contribuição para o fortalecimento de novas formas de inserção dos nikkeis no movimento dekasegui, os jovens universitários também têm aberto, para os nipo-brasileiros, postos de trabalho em outros setores da economia.

A maior parte dos dekaseguis brasileiros no Japão, incluindo o segmento abordado, trabalha no setor secundário da economia, ou seja, no setor industrial, como operários de fábricas.

Contudo, muitos jovens têm procurado, nos últimos anos, realizar o arubaito também em estações de esqui, restaurantes, etc, abrindo novas perspectivas para os nipo-brasileiros no Japão. O conhecimento do idioma inglês e os objetivos específicos desses jovens colaboram para a aceitação nesses postos de trabalho - que um dia, talvez, poderão ser abertos para uma porção mais ampla dos brasileiros residentes no Japão.

Uma de nossas entrevistadas (no Brasil, em 2007), por exemplo, trabalhou por três meses numa panificadora, na cidade de Nagoya. O salário, nos contou, era metade do de seus colegas que trabalharam na mesma cidade, em uma empresa de eletrônicos. Contudo, por estar cursando gastronomia no Brasil preferiu a experiência ao retorno financeiro.

De toda forma, trabalhando nas linhas de montagem de eletrônicos, na fabricação de peças para automóveis, ou na produção de bolos, as apreensões desses jovens em relação ao trabalho no Japão parecem ser sempre as mesmas. Relatam o trabalho excessivo, pesado, sujo, corrido e às vezes, até perigoso.

A pergunta inevitável é: por que se submetem a ele?

Ainda que o retorno financeiro seja uma forte justificativa, legitimaria a aceitação aparentemente resignada destes postos de trabalho?

Estudantes de boas universidades, geralmente da classe média (às vezes alta) no Brasil, se submetendo ao trabalho duro no Japão. Seria mesmo só pelo dinheiro?

Mesmo em relação aos nipo-brasileiros em geral, seria apenas o retorno financeiro que os levariam ao Japão?

As vozes dos entrevistados revelaram que não. Existe algo mais profundo que influencia a permanência e os desafios enfrentados pelos nipo-brasileiros no Japão.

Capítulo 3

Motivações subjetivas envolvidas na experiência imigratória dos nipo-brasileiros no Japão

No decorrer da pesquisa e principalmente durante o trabalho de campo realizado em algumas cidades japonesas no ano de 2006, quando tivemos a oportunidade de entrevistar diversos jovens universitários nipo-brasileiros, entre outros trabalhadores dekaseguis, um aspecto começou a nos chamar bastante a atenção: o balanço positivo que todos parecem fazer da experiência no Japão, apesar das enormes dificuldades enfrentadas neste país.

Mesmo entre aqueles mais animosos em apresentar aspectos negativos de tal experiência, parece existir a sensação de que valeu a pena, por motivos que eles reconhecem como especiais: ter conhecido o Japão, a terra natal dos avós e suportado as condições adversas no trabalho, por exemplo. Alguns chegam até a enxergar positivities na vida como trabalhador imigrante no Japão.

O relato do Wilson,⁶⁷ estudante do departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, ilustra este aspecto. Embora relate experiências em empregos pesados, prejudiciais à saúde (*“após o terceiro mês de trabalho comecei a cuspir sangue e catarrar preto...”*), finaliza enfatizando a boa adaptação e a possibilidade de retornar ao Japão. Filho de pai e mãe niseis, portanto neto de japoneses, ele embarcou para o Japão no final de 2003, quando tinha 24 anos, e retornou ao Brasil dois anos depois, concluindo a graduação em dezembro de 2007. A dívida dos pais, produtores de flores em Atibaia – SP, foi, segundo o entrevistado, o fator determinante para a decisão de imigrar para o Japão (Ver anexo 8).

A Entrevistada Mônica,⁶⁸ estudante de direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que embarcou para o Japão em dezembro de 2005 com mais quatro amigas, também nos oferece um relato com um balanço relativamente positivo.

⁶⁷ A entrevista foi realizada em julho de 2007, no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, onde o mesmo estudava.

⁶⁸ A entrevista aconteceu no dia 14 de julho de 2006, na Província de Nagano, durante o Trabalho de Campo realizado no Japão.

Filha de pai e mãe *niseis*, ou seja, neta de japoneses tanto por parte de pai quanto por parte de mãe, nasceu na cidade de São Paulo em fevereiro de 1986, portanto tinha 20 anos quando a entrevistamos, e sempre morou com os avós paternos, imigrantes da Província de Kumamoto, que chegaram ao Brasil no ano de 1936. Possui bons conhecimentos do idioma japonês, pois estudou durante a infância e adolescência no *nihongakoo* (escola de língua japonesa) da Associação de Província que os avós freqüentavam. No Brasil, antes do embarque, trabalhava na loja de cosméticos de sua tia Emiko, aberta com o dinheiro acumulado no Japão durante os 5 anos em que trabalhou como *dekasegui* numa empresa de componentes eletrônicos.

Após 3 meses, as amigas da entrevistada retornaram ao Brasil. Ela permaneceu no Japão com o objetivo de juntar recursos para poder concluir a graduação sem precisar trabalhar concomitantemente, dedicando-se, após o retorno, unicamente aos estágios da graduação. Lá, trabalhava em uma empresa de peças para impressoras e jogos eletrônicos, com a remuneração média mensal de US\$2.500,00 (incluindo as inúmeras horas extras). O salário anterior no Brasil era de R\$600,00. O pesquisador a conheceu por intermédio de primos que residem no Japão.

Seus pais foram para o Japão quando ela tinha 12 anos de idade e durante mais de oito anos consecutivos eles permaneceram separados dela. Morando no Brasil com os avós paternos, imigrantes japoneses que ela considera “tradicionais”, por cultivarem muitos elementos da cultura japonesa, inclusive a utilização do idioma em casa, ela tinha um misto de amor e ódio em relação ao Japão. Pela proximidade com os avós japoneses, que contavam suas histórias de criança, que cozinhavam os pratos japoneses que ela adora, que a levavam ao *undokai* (espécie de evento esportivo – gincana japonesa), ela tinha uma imagem positiva da terra natal dos avós. Mas a saudade dos pais, os relatos de discriminação em relação aos mesmos, a vida e o trabalho árduos no Japão, faziam com que a entrevistada também cultivasse um sentimento negativo em relação a este país. Relata que tinha ódio quando via alguma reportagem na TV sobre o Japão, ou sobre os *dekaseguis*. Mudava de canal na hora. Não respondia quando algum parente perguntava sobre os pais dela – se estavam bem, ou se tinham telefonado recentemente.

Um pouco antes de completar dezoito anos, após o término do ensino médio, Mônica decidiu ir para o Japão, trabalhar junto com os pais. Mas relata que todos foram contra, inclusive os avós, que se opuseram firmemente, alegando que a permanência dos pais no Japão visava,

justamente, garantir seu ingresso na faculdade. Sem contrariar a família, desistiu temporariamente da idéia e ingressou na faculdade de direito. Contudo, sua visão negativa em relação ao Japão parecia ter aumentado ainda mais. Afinal, se os pais não queriam que ela se submetesse à experiência, era porque realmente a vida no Japão era muito ruim.

Ao concluir o segundo ano da graduação, dessa vez apoiada pela família, embarcou como *arubaito* para o Japão onde permaneceria por três meses, durante as férias da faculdade. Em julho de 2006 quando realizamos a entrevista, ela já estava há sete meses no país e pretendia ficar até o final do ano, para retomar os estudos no Brasil no ano letivo subsequente.

Ao ser questionada sobre sua visão atual do Japão, ou melhor, sobre a vida como imigrante naquele país, a resposta foi de certa maneira inesperada: *“Dá para acostumar a viver aqui, eu já me acostumei”*.

Esse “acostumar”, revela aspectos muito importantes para a compreensão do movimento *dekasegui* e da crescente inserção, no mesmo, do segmento abordado. Isso porque o lugar “Japão” e a conduta de suportar as adversidades decorrentes da imigração, (no caso do movimento *dekasegui*) envolvem elementos simbólicos, afetivos e identitários dos nipo-brasileiros.

Do conjunto de relatos ouvidos durante a pesquisa – através dos quais revelam-se parte das motivações subjetivas, circunscritas ao movimento *dekasegui* – selecionamos alguns trechos de entrevistas que exprimem, a nosso ver, as representações dos envolvidos sobre o movimento migratório estudado. Além de alguns jovens universitários, parte do segmento abordado, também incorporamos à análise – com o objetivo de retratar alguns acontecimentos do passado – a voz de um imigrante japonês que chegou ao Brasil na década de 1930.⁶⁹ Como lembra Ocada (2006), para se compreender a migração atual de descendentes *nikkeis* ao Japão, é preciso retomar a história dos imigrantes japoneses e de seus descendentes no Brasil, pois a migração contemporânea atualiza, ainda que de um modo invertido, um projeto formulado pelos japoneses que chegaram ao Brasil no início do século XX.

⁶⁹ Entrevista com o Sr. Yamada, realizada em novembro de 2007, na casa do entrevistado (avô de conhecido do pesquisador).

Os *elementos invisíveis* abordados neste capítulo, não dizem respeito somente ao segmento específico focado no trabalho – o jovens universitários. Estão relacionados a todos os envolvidos no movimento de kasegui. Contudo, possuem um valor especial para o segmento estudado, pois este representa uma parte da geração mais jovem de descendentes dos imigrantes japoneses no Brasil – resultado de um processo mais aprofundado de aculturação, miscigenação e incorporação de elementos da cultura brasileira. No decorrer da história dos imigrantes japoneses no Brasil, foi perdido pela maioria dos descendentes ao longo do tempo, por exemplo, o domínio do idioma japonês. Mas alguns valores e representações ainda encontram-se vivos e atuantes na estruturação de uma “identidade” dos nipo-brasileiros.

Em outras palavras, mesmo entre os jovens universitários nipo-brasileiros da atualidade, geração menos conhecedora da história e da vida dos antepassados imigrantes, existem, ou melhor, persistem elementos que impulsionariam a busca por um lugar idealizado chamado Japão, e ajudariam a compreender um certo conformismo com relação às adversidades que encontram neste lugar, ao conhecê-lo de fato.

Como lembra Carignato (2002), tais como seus pais que vieram para o Brasil, os *niseis* – filhos dos imigrantes japoneses (e acreditamos poder incluir também aos *sanseis* – netos desses imigrantes) emigraram para o Japão com a intenção de ganhar dinheiro o mais rápido possível, retornar à terra natal, comprar propriedades ou abrir novos negócios e ter uma vida mais segura e confortável.

Também como aconteceu com os pais e avós, seus desejos não se realizaram, embora muitos tenham conseguido alcançar o objetivo de ganhar dinheiro. Determinados e perseverantes, como seus pais e avós, trabalharam, trabalharam, trabalharam, vivendo situações extremamente estressantes. Como seus antepassados, economizaram o máximo, chegando ao máximo de suas forças. Todavia, diferentemente deles, retornaram para descobrir que o lugar de origem é uma construção imaginária. Diferente dos pais e avós, **algo a mais** que a crise econômica e a aventura os levou ao Japão. Alguma coisa que permaneceu oculta e obscura influenciou as suas decisões.

(Carignato, 2002:88).

Para Ocada (2006), há uma imagem idealizada do Japão, que sobrevive no imaginário do grupo, mantendo em estado latente o desejo de retornar à terra natal.

Numa outra perspectiva, mas pertinente à nossa discussão, Sayad (2000) lembra que para o imigrante, a tentativa de retornar ao ponto inicial da partida é uma necessidade inerente à sua condição de imigrante, e representa uma tentativa de retornar a si próprio, às suas origens, ao tempo anterior à imigração inicial.

Ao longo de uma pesquisa realizada na França sobre as condições de retorno, (...) um pesquisador-investigador recebeu uma resposta muito procedente de um dos seus entrevistados (...): “Você quer retornar para sua terra, para seu país?” A resposta foi: “É o mesmo que perguntar a um cego se ele quer a luz!”

(Sayad, 2000, p. 11).

O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquilha nostalgia ou saudade da terra.

(Sayad, 2000, p. 11)

Em verdade, a nostalgia não é o mal do retorno, pois, uma vez realizado, descobre-se que ele não é a solução: não existe verdadeiramente retorno (ao idêntico). Se de um lado, pode-se sempre voltar ao ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo de partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares e os homens que se deixou, tal qual se deixou.

(Sayad, 2000, p. 12).

De acordo com Ocada (2006), a constatação do “mito do retorno”, enquanto elemento estruturante do movimento de kasegui revela, não apenas a continuidade de uma luta por melhores condições de vida, mas também, o desdobramento de um antigo projeto de retorno, trazido no bojo da imigração japonesa, no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial.

Através da análise de relatos obtidos, torna-se possível constatar que, entre os imigrantes que chegaram ao Brasil no período que antecedeu o final da Segunda Guerra Mundial (1908-1941) a imigração para o Brasil era percebida como uma experiência transitória; que somente se tornou definitiva, em razão do desfecho da Segunda Guerra Mundial; ainda que forçados a permanecerem e se integrarem à sociedade de adoção, o desejo de retornar não deixou de existir; encontrando condições favoráveis de vir à tona, dentro de uma determinada conjuntura histórica de reestruturação mundial do capitalismo.

(Ocada, 2006:26)

Seria, portanto, o movimento dekasegui , o “retorno” dos imigrantes japoneses, que a partir das primeiras décadas XX vieram para o Brasil?

3.1 – Movimento dekasegui: o “retorno” dos imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil a partir das primeiras décadas do século XX?

Entre os diversos elementos destacados por autores que estudaram o movimento dekasegui, a discussão sobre o “retorno” ou “mito do retorno” pode ser observada:

Kawamura (1999), escreve: “o fracasso com trabalhadores do Oriente redirecionou a busca de mão-de-obra dentre japoneses emigrantes e seus descendentes, o que, de acordo com o imaginário japonês, seria o retorno dos semelhantes física e culturalmente condizente com a valorização da consangüinidade na definição do parentesco e nacionalidade” (Kawamura, 1999, p. 36).

Para Sasaki (1999), “se é ida ou retorno, depende do ponto de vista de quem está escrevendo. Indagar se é uma migração de ida ou de retorno significa indagar sobre onde é o homeland dos dekaseguis: Brasil ou Japão?” (Sasaki, 1999, p. 253). Uma das possibilidades apresentadas pela autora é a de um duplo retorno nessa mesma migração, isto é, o dekasegui teria dois homelands como referência, que seriam percebidos em momentos diferentes na experiência migratória. “Num primeiro momento, antes de partir, o país de destino é pensado pelo dekasegui como a terra de seus ancestrais e, em algum lugar no seu imaginário, ele tem um sentimento de pertencimento em relação ao Japão, bem como a possibilidade do mito do retorno à sua origem étnica. Mas, num segundo momento, quando ele chega ao Japão e, mesmo sendo um japonês radicado no Brasil (ou um descendente), percebe-se como estrangeiro. Nesse caso, o país de origem (ou o homeland) é o Brasil” (Sasaki, 1999:254).

A autora lembra que é comum ouvirmos relatos de brasileiros, descendentes de japoneses, de que “no Brasil se sentiam japoneses, e no Japão, brasileiros. Isso nos faz indagar: a partir de que critérios um descendente de japonês pode se considerar brasileiro? Por ter nascido no solo brasileiro (critério jus solis), ele tem a nacionalidade brasileira. Mas pelo critério jus sanguinis japonês, este tem o ‘sangue’ do sol nascente, e portanto, sua porção de japonicidade” (Sasaki, 1999:268). A autora acredita ser muito complicado, portanto, afirmar “eu sou um brasileiro” não apenas para um descendente de japoneses, porque a própria definição, se é que existe, é

controversa. Mas esse “ser brasileiro” vem à tona quando se tem uma relação de contraste, de diferença com o “outro”, diz.

Sasaki, acredita que o jogo de diferenças ocorre pelo fato do brasileiro com rosto de japonês não ter o mesmo espírito, valores e condutas socioculturais que os do japonês do Japão. “Se os japoneses radicados no Brasil e seus descendentes cultivavam a ‘japonicidade’, ela acabou sendo posta em questão no momento em que eles entraram em contato com os ‘japoneses do Japão’. O que se pretendia ‘ser japonês’ para os nikkeis no Brasil já não o era ao chegarem à terra de seus ancestrais” (Sasaki, 1999:269).

Sakurai (2002) acredita que a indagação sobre a ida dos imigrantes japoneses para o Japão como uma migração de retorno, ou como uma nova migração, “é uma questão que fica no ar”, porque diante de uma história que conta quase cem anos:

Até que ponto é possível se afirmar que os quase 250 mil dekasegui (atualmente já são mais de 300.000) são ainda japoneses para vê-los como migrantes retornando ao país de origem? Do meu estrito ponto de vista, os cem anos de vivência no Brasil tornou o nipo-brasileiro um migrante com traços particulares dentro do Japão. Mas não se trata de um retornado. Pelos laços de sangue o dekasegui é considerado japonês, mas culturalmente, é fruto de todo o processo descrito neste artigo, um cidadão com duplas raízes.

(Sakurai, 2002, p. 10)

Na nossa interpretação, se levarmos em consideração as diferenças sócio-político-econômicas que envolvem os dois momentos, ou melhor, a vinda dos imigrantes japoneses e a partida dos nipo-brasileiros; e se levarmos em consideração o processo de enraizamento dos nikkeis no Brasil, talvez não possamos falar em retorno. Mas, se numa outra perspectiva, levarmos em consideração a realização (satisfação) dos imigrantes japoneses que vivem no Brasil, proporcionada pela experiência de seus descendentes no Japão, o movimento dekasegui parece se configurar sim, como a concretização do sonho desses imigrantes japoneses de voltar para a casa, sufocado no passado, pelas dificuldades enfrentadas no Brasil.

O esforço, o desafio dos nipo-brasileiros no Japão, é muito valorizado pelos imigrantes japoneses que vivem no Brasil. Apesar do estigma do movimento de *dekasegui*, esses *iseis*⁷⁰ parecem sentir orgulho dos seus filhos e netos que trabalham arduamente no Japão, como se estivessem lembrando de suas próprias dificuldades no Brasil.

Essa valorização do esforço, o incentivo à persistência diante das dificuldades, muitas vezes encaradas como normais, e outros aspectos relacionados, fazem parte dos próprios valores cultivados pelos imigrantes japoneses, e que em certa medida foram transferidos para os seus descendentes que hoje emigram para o Japão.

Esses valores fazem parte do “espírito *gambarê*” que, na definição de Sakurai (1993), significa ter força para suportar com perseverança e resignação todas as adversidades impostas pelo destino, a fim de que cada indivíduo possa dar a sua contribuição para, coletivamente, atingir a harmonia.

Essa expressão, segundo Ocada (2002), define um *ethos*, um valor da cultura japonesa que permeia todo o conjunto das relações sociais, atribuindo um sentido causal às ações individuais e coletivas.

De acordo com Sakurai (1993), o confucionismo no qual este princípio está baseado, ensina que o homem deve buscar estabelecer uma relação de harmonia com o universo. A aceitação das adversidades, aliada à vontade de vencer, é uma das virtudes que conduz o homem à harmonia. “Para os japoneses esta aceitação tem um significado positivo, pois é considerado um sinal de maturidade. Este caminho para a maturidade prevê o aperfeiçoamento das virtudes pessoais. Esta noção, contida na idéia de ‘*gambarê*’ é fundamental para se compreender a motivação subjetiva dos japoneses no Brasil, pois foi sobre este *ethos* que se fundou a decisão dos imigrantes de aqui permanecer e lutar por condições melhores de vida” (Sakurai, 1993).

De acordo com Ocada (2002), “embora os filhos e netos tenham assimilado valores da cultura brasileira, o comportamento segundo o *gambarê* não deixou de existir, pelo contrário, encontra-se vivo e atuante, como *habitus*, entre os descendentes dos imigrantes japoneses que

⁷⁰ Iseis: os próprios imigrantes japoneses, ou seja, aqueles que possuem a nacionalidade japonesa; os niseis correspondem aos seus filhos e os sanseis aos seus netos.

hoje ‘retornam’ ao Japão” (Ocada, 2002, p. 9). No atual contexto produtivo, as empresas japonesas incorporariam este espírito em favor do aumento da produtividade, silenciando o cansaço e legitimando o domínio do capital.

Para o autor, a análise deste aspecto da cultura japonesa é de grande relevância na medida em que contribui para elucidar a forma como a cultura perpassa a experiência, norteando, juntamente com uma série de outros fatores, as motivações subjetivas do consentimento e da legitimação. Afirma que, desse modo, torna-se possível compreender as razões da aceitação resignada dos postos de trabalho caracterizados pelo trinômio “sujo, perigoso e pesado”. As adversidades, decorrentes do processo migratório seriam percebidas como uma contingência do destino. “O sofrimento decorrente do trabalho e da migração não deixa de existir e nem chega a ser superado, ele simplesmente é suportado em silêncio, muitas vezes até o limite da exaustão e o ato de suportar calado é uma conduta orientada pelos valores culturais” (Ocada, 2002, p. 10).

Catânio (2000), em seu estudo, também chega à constatação de que, para os nipo-brasileiros que têm se dirigido ao Japão, além das motivações econômicas, existem evidências de outras motivações de caráter identitário e cultural. Estes imigrantes, segundo o autor, partem como se estivessem buscando “*algo que se perdeu pelo caminho*”.

Ocada (2006), lembra que as raízes históricas deste comportamento, ou seja, deste “desejo” de conhecer o país ancestral, estão relacionados a fatos do passado, guardados silenciosamente na memória das gerações mais velhas – imigrantes japoneses que se viram, em determinado momento, obrigados a abandonar, ou melhor, a silenciar a idéia de retorno ao Japão.

A chegada e os primeiros anos no Brasil foram para os imigrantes japoneses, desde o início, tempos de muito sofrimento. A primeira leva (1908) encontrou um país agrário que vivia o declínio da expansão cafeeira e com traços de uma sociedade escravista, onde os fazendeiros, afeitos ao tratamento autoritário, procediam com os imigrantes quase da mesma forma que procediam com os escravos.

A maioria dos autores consultados, se referem à primeira leva como uma “história de fracasso” dentro da história da imigração japonesa no Brasil. Tomoo Handa, imigrante japonês que chegou ao Brasil em junho de 1917, autor de “O imigrante japonês – história de sua vida no

Brasil” (1987), apresenta as causas do “fracasso”, do ponto de vista dos imigrantes e do ponto de vista dos fazendeiros.

Entre as causas do fracasso, vistas pelo prisma dos imigrantes, está o fato dos mesmos terem vindo com o objetivo de rapidamente fazer fortuna. Para tanto, sacrificaram-se demasiadamente com empréstimos a juros elevados para despesas com a passagem. E não se pode economizar na fazenda de café desde o primeiro dia de trabalho. Soma-se a isso, o fato de ter sido feito sem muito cuidado o arranjo das famílias – disfarçadamente constituídas, somente para cumprimento das exigências para a imigração. Além disso, havia o fato de haver famílias cujos membros não eram lavradores, ou que não tinham aptidões para a agricultura. Tal gente não conseguiu suportar o trabalho no Brasil, principalmente sob os olhos do fiscal e em “regime de escravidão” (Cf. Handa, 1987).

Já as causas do fracasso, vistas pelo prisma dos fazendeiros eram: o desconhecimento quase total pelos imigrantes, da situação interna das fazendas de café: sua estrutura, regime, condições de vida dos trabalhadores, etc; o fato da convocação dos imigrantes ter sido feita por gente que não conhecia o Brasil, através de eloquentes propagandas em diversas localidades e a pouca compreensão dos japoneses a respeito do que é um imigrante. O imigrante, ou a atividade de imigração, na visão dos fazendeiros, pressupõe o surgimento de dificuldades, e dificilmente se consegue ganhar dinheiro nos primeiros anos, algo que os japoneses objetivavam desde o início (Cf. Handa, 1987).

Sob fortes dificuldades, os primeiros anos de vida no Brasil serviram, contudo, para redirecionar os imigrantes para outras estratégias – estas, a partir de um planejamento que exigia um período maior no país.

Como lembra Ocada (2006), apesar de todas as dificuldades vivenciadas pelas famílias de imigrantes japoneses no Brasil, o período que antecedeu o advento do Estado Novo (1937- 1945) e o início da Segunda Guerra Mundial foi, contudo, um momento de relativa tranquilidade, se comparado às dificuldades que estavam por vir, como decorrência da política de assimilação de estrangeiros empreendida pelo governo de Getúlio Vargas, e pela guerra. “Neste período, os imigrantes japoneses tinham, ainda, a esperança de retornar ao Japão, razão pela qual nem se importavam em fazer com que os filhos estudassem em escolas brasileiras. A dificuldade de

acumular riquezas, juntamente com as medidas restritivas da política de assimilação, no entanto, tornavam cada vez mais distante o sonho de voltar para casa” (Ocada, 2006:113).

Para Sakurai (1993), a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial marcou definitivamente o fim das esperanças de retornar para a terra natal. A derrota do Japão, representou para os imigrantes japoneses – que até então acreditavam na ascendência divina do imperador e na invencibilidade do exército imperial japonês – um duro golpe, o “desmoronamento de um sonho”.

A partir do momento em que o imperador japonês declara a rendição do país, pedindo que seus súditos “*tolerassem o intolerável e suportassem o insuportável*” (Morais, 2000), o desejo de rever a terra natal, que ainda continuava vivo no imaginário dos imigrantes, apesar do processo de enraizamento no Brasil, é silenciado.

O relato do Sr. Yamada, imigrante japonês nascido na Província de Ishikawa, no dia 20 de agosto de 1925, que chegou ao Brasil no navio *Montevidéu Maru*, em 1936, junto com seus pais e quatro irmãos (no Brasil, nasceram mais quatro irmãos) expressa o papel da derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial na inviabilização do projeto de retorno dos imigrantes japoneses ao Japão:

“ Nossos pais não ficavam falando em voltar para o Japão. Eles só falavam que o Japão era um lugar bom. Só que mesmo sem falar, hoje eu sei que eles queriam, voltar para lá, porque lembro que meu pai sempre acompanhava as notícias do Japão e escrevia para os parentes que moravam lá. Meu pai trabalhou muito no Brasil, viu... Mas ele nunca reclamava. Ele era bravo, mas sempre cuidou bem da minha mãe e de todos os filhos. Quando o Japão perdeu a guerra todo mundo ficou muito triste. Minha mãe ficou até doente de tanta preocupação com as irmãs dela que moravam no Japão.

Mesmo que o Japão não tivesse perdido a guerra, talvez não voltaríamos mais para lá, porque nós, os filhos, já tínhamos acostumado a viver no Brasil. Quatro irmãos, inclusive, nasceram aqui, e mesmo com cara de japoneses, também eram brasileiros.

Quando o tenno-heika (Imperador japonês) anunciou a rendição do Japão, acho que os japoneses aqui no Brasil ficaram com vergonha, porque todos acreditavam que o Japão sairia vitorioso e que após isso, o Imperador mandaria buscar os súditos que estivessem sofrendo fora do Japão, principalmente nos países inimigos durante a guerra.

(...) Para mim, não é que os japoneses não voltaram mais para o Japão porque o Japão perdeu a guerra. A guerra não ‘matou’ o retorno dos japoneses. Os japoneses permaneceram no Brasil por vários fatores. Mas acho que ela afetou a esperança deles voltarem. Mesmo que os japoneses soubessem que voltar para o Japão era difícil, ainda assim, tinham aquela vontade dentro deles. Só que depois da guerra, ter essa vontade fazia sofrer ainda mais, por isso não se falava mais nisso.”

Na realidade, de acordo com Sakurai (2000), o retorno durante o período da Segunda Guerra já não estava mais nos planos das famílias japonesas, pois elas já estavam solidamente instaladas no país, o que revela, segundo a autora, um processo de reenraizamento. No entanto, aquele desejo de rever a terra natal ainda continuava vivo em seu imaginário. A respeito da situação do imigrante que parece provisória quando na realidade é permanente, o estudo de Sayad (1998) mostra que uma das características fundamentais do fenômeno da imigração é que ele contribui para dissimular sua própria verdade, engendrando uma contradição na qual o sujeito nunca sabe ao certo se vive um estado provisório, ou uma situação duradoura.

Para Ocada (2006), do ponto de vista simbólico, o desfecho da guerra significou para os imigrantes japoneses a derrocada definitiva da esperança de retornar para casa. “A ilusão de uma estada provisória se desfez a partir de então. A permanência, a partir de agora, tornava-se definitiva. Havia chegado o momento de permanecer para sempre no Brasil, o que implicou numa mudança de planos” (Ocada, 2006:141).

Portanto, os imigrantes japoneses, baseados no princípio do gambarê “trabalharam arduamente para buscar um padrão de vida mais elevado e lutaram para dar aos filhos condições de vencer no Brasil, mesmo à custa de abrir mão de ser um ‘genuíno’ japonês” (Sakurai, 1993:58)⁷¹.

De acordo com Demartini (1999), com a derrota do Japão na guerra, e a impossibilidade de retorno ao Japão, o investimento prioritário dos pais passa a ser o de preparar os filhos para

⁷¹ Além do gambarê, valores como a honra e a lealdade; e características como respeito à hierarquia e preservação (valorização) do nome da família, além de outros valores culturais, também foram transmitidos e cultivados, em menor ou maior grau, pelos descendentes dos imigrantes japoneses, chegando, a nosso ver, ainda que muitas vezes “camuflados”, às gerações atuais de nipo-brasileiros. E compreender este aspecto, no contexto do que vem sendo discutido, é fundamental para compreender os elementos subjetivos que alicerçam a postura dos trabalhadores dekaseguis de imigrar para o Japão e de suportar o trabalho árduo nesse país.

ocuparem uma posição social digna na sociedade brasileira. “O projeto das famílias pauta-se em dar a melhor educação, que pudesse permitir os melhores cargos e profissões aos filhos, processo que se observa tanto entre famílias de origem rural como entre as mais urbanizadas e que leva a geração dos jovens nisseis e sanseis aos níveis mais elevados de escolaridade do país” (Demartini, 1999:14).

A autora lembra ainda que, entre os imigrantes japoneses a família tem uma importância muito grande, tendo esta sido reforçada no período do pós-guerra pelo papel que passou a desempenhar na preservação da cultura japonesa, à medida em que o culto ao Imperador, especialmente nas escolas japonesas, foi perdendo sua importância com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial.

Sobre este aspecto, o sr. Yamada relata:

“Os japoneses, principalmente os mais velhos como eu, não são como os brasileiros, que abraçam, beijam e fazem carinho publicamente nas esposas e nos filhos. Mas mesmo assim, se preocupam muito com a família. Para mim, a família é a coisa mais importante. Quando todos os filhos são trabalhadores, não tem nenhum que faz coisas erradas, que todo mundo respeita, daí o pai pode morrer sossegado. Não precisa ser rico, ter um monte de dinheiro. O importante é família unida, sem briga entre os irmãos e todo mundo respeitando uns aos outros”.

Para Ocada (2006), os imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil, ao mesmo tempo em que assimilaram a língua e interiorizaram aspectos da cultura brasileira, também conservaram ao longo do tempo, o sentimento de pertencimento étnico ao povo japonês. “Ainda hoje, entre muitos integrantes da comunidade nipo-brasileira, é comum o uso dos termos distintivos: ‘nihonjin’ e ‘gaijin’, para designar respectivamente o ‘eu’ e o ‘outro’. Do ponto de vista do ‘outro’, ou seja, do brasileiro ‘gaijin’, os nipo-brasileiros também são considerados ‘japoneses’ devido aos seus costumes e traços físicos” (Ocada, 2006:151).

De acordo com o autor, a partir do conhecimento da dinâmica das recriações simbólicas de práticas sociais e culturais vinculadas ao país ancestral, torna-se mais fácil compreender as imagens que povoam o imaginário das famílias de imigrantes japoneses, instaladas já há muitos

anos no Brasil. “Este retrato fotográfico de um outro tempo e de um outro lugar encontra-se gravado na memória e no inconsciente coletivo, constituindo parte integrante da formulação identitária do grupo, que diferencia o ‘nós’ e os ‘outros’. É preciso considerar, fundamentado no estudo de Pollak (1992), que a memória é, em parte herdada; e não se refere apenas à vida física da pessoa. (...) Em todos os sentidos, a memória é um fenômeno socialmente construído. Os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. A memória pode fazer parte da herança da família com tanta força que, de acordo com Pollak (1992), se transforma em sentimento de pertencimento” (Ocada, 2006:162).

O “sentimento de pertencimento” em relação ao Japão, contudo, às vezes é questionado no contato efetivo dos nipo-brasileiros com a terra natal dos ancestrais, como revela o relato do entrevistado Marcos:

“Parece que existem dois tipos de japoneses, os japoneses do Brasil e os japoneses do Japão, que são completamente diferentes. Eu sou japonês do Brasil. Quer dizer, no Brasil eu sou japonês, mas aqui eu sou brasileiro. Ah, sei lá. Não sei explicar direito; (...) é que eu pensava, antes de vir para cá, que o Japão era um país diferente, com aquelas tradições antigas. Mas aqui é pior que no Brasil, tem um monte de jovens rebeldes, que matam os pais, uma sociedade extremamente consumista e alienada. Além disso, não nos tratam como japoneses. O pior de tudo é que na verdade não nos tratam nem como brasileiros (os que têm rosto de brasileiros, quer dizer, que não são descendentes de japoneses), pois muitos brasileiros que vêm para cá a turismo também são bem tratados. Os que vêm aqui para trabalhar são considerados, tipo, uma classe rebaixada. Eles nos suportam, mas não nos tratam nem como japoneses, apesar de nossa fisionomia, nem como brasileiros não descendentes, quem eles pensam ser turistas sempre.”

Mesmo sem o reconhecimento desse suposto “pertencimento” por parte da sociedade japonesa, os nipo-brasileiros mantêm a disposição de continuar no Japão, enfrentando as adversidades decorrentes da condição de imigrante, no país que, para eles, deveria recebê-los melhor.

Se o que os leva ao Japão, como já mencionado anteriormente, é (além das motivações econômicas) a imagem interiorizada que possuem do país, a permanência e a aceitação resignada

dos postos de trabalho 5 K's é, como também já mencionado, uma conduta orientada por sentimentos e valores vindos do passado, dos pais e avós, imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil a partir das primeiras décadas do século XX.

Como lembra Ocada (2006), a dimensão simbólica, estruturada pelos acontecimentos do passado, tem implicação sobre o consentimento da exploração e da dominação, subjacente à condição social do imigrante, na medida em que a sociedade receptora se apresenta como um lugar que suscita curiosidade e desejo.

Para um descendente de imigrantes japoneses, que herdou um conjunto de valores dos avós imigrantes que sofreram e suportaram as adversidades no Brasil, suportar as dificuldades no Japão parece tornar-se algo natural, nada além do que era esperado que fizesse.

Essa análise faz o pesquisador lembrar das próprias experiências no Japão, quando se submeteu ao trabalho no país, por um período de 13 meses. No cotidiano do trabalho industrial, da vida como operário no Japão, o tempo da vida é o tempo da fábrica. Não somente pelas jornadas imensas a que o trabalhador está submetido, mas pelo conjunto de regras e situações que atingem também a vida fora da empresa. A dominação da vida do trabalhador pelo processo produtivo se dá também pela localização da moradia do operário –muitos alojamentos ficam nas dependências da empresa, ou melhor, num mesmo terreno, para evitar desperdício de tempo para a locomoção –; pelas preocupações permanentes com as metas de produtividade estabelecidas pela empresa; pelas dores físicas constantes, em decorrência do trabalho exaustivo; pela própria rotina criada no interior de uma vivência bastante depressiva e desumana, onde o Pedro não é o Pedro, e a Maria não é a Maria (trata-se do funcionário da linha 1, da funcionária da linha 2 e assim por diante). A repetição contínua de uma seqüência de operações mecânicas, durante longas jornadas de trabalho cria pessoas adestradas física e emocionalmente ao processo produtivo.

Durante a experiência imigratória no Japão, o pesquisador trabalhava de 72 a 84 horas semanais. Mas desistir e retornar ao Brasil antes do período estipulado nunca foi um pensamento atuante, pois existia por trás de tudo aquilo, uma satisfação pessoal pelo “orgulho” e admiração suscitados na família que ficou no Brasil, principalmente nos avós japoneses.

Muitas famílias incentivam os filhos e netos a emigrarem para o Japão, pois para elas tal experiência é percebida como um aprendizado, um desenvolvimento de valores importantes para a vida.

A entrevistada Mônica explicita esta expectativa familiar:

“Da primeira vez, quando eu quis vir para o Japão, a minha família foi contra, ninguém me apoiou. Mas da segunda vez, quando eu já era maior de idade e já estava engajada nos estudos, todos me deram a maior força. Alguns tios me deram malas de viagem, dinheiro e é claro, muitos incentivos. Percebi claramente que meus avós também ficaram contentes. (...) Quer dizer, eles ficariam com saudades, mas eles diziam que seria importante para mim conhecer o Japão, experimentar ganhar o meu próprio dinheiro, além de passar um tempo com meus pais, que não via há muitos anos”.

Além do trabalho árduo, certamente existem muitos sofrimentos que se revezam no posto de principal para os trabalhadores dekaseguis. O entrevistado Paulo, entre outros sofrimentos, menciona a saudade da família e dos amigos:

“(...) Já meio encaminhado, fui à uma empreiteira indicada por minha prima fazer a entrevista. Metade foi em português e metade em japonês. Até que consegui me virar, mas não entendi tudo. E no dia seguinte já comecei a trabalhar. Trabalhei em mais de uma empresa: Bridgestone, Yasaki, Fuji e a Tostem, onde fiquei a maior parte do tempo. Realmente não foi fácil. Trabalhei duro e muito. Pude presenciar tudo que tinha ouvido falar e mais um pouco. Morei só. Mas na maior parte do tempo foi mais positivo do que negativo. Optei por ficar na Tostem pois além de ganhar mais, não tinha troca de turno, folgava todo domingo e às vezes sábado, e tinha horas extras. A comida do refeitório era muito boa e um ponto em comum de todas as fábricas onde trabalhei foi o comportamento dos japoneses em relação aos brasileiros. Por sorte, todos eles nos tratavam muito bem, desde aquele que fazia o mesmo trabalho que nós, até o chefe que só ia no local duas vezes por mês. Fiz muitas amizades por onde passei, tanto com brasileiros como japoneses. A relação com eles não era igual, meio fria, mas agradável. Muitas vezes essa amizade não saía do local de trabalho, mas já ajudava a quebrar o cotidiano com conversas durante o serviço. Mesmo assim isso não preenchia o vazio que a saudade da família e amigos no Brasil deixava. Não tinha como pegar um feriado e ir visitá-los, muito menos final de semana... A saudade era demais!

Mesmo apontando as dificuldades, percebemos que o Paulo menciona em determinado momento que “na maior parte do tempo foi mais positivo do que negativo”. Em outros trechos da entrevista ele também diz que “valeu a pena”, “vale a pena conseguir algo com seus próprios méritos” – que revelam os traços de um pensamento orientado pelos valores mencionados anteriormente, e que contrastam com os valores de jovens japoneses a quem Paulo intitula “nippo-ocidentais”:

“Os japoneses em geral, são muito esforçados. A maioria começa desde moço numa empresa e fica até se aposentar. Mas também, o salário e benefícios são mais que suficientes para o sustento, mesmo para aqueles com pouco estudo, ou seja, sem o nível superior.”⁷² Mas essa nova geração vem sofrendo mudanças. A maioria dos jovens de hoje não quer saber de trabalho, de estudo, responsabilidades... (...) Chamava-os de nippo-ocidentais. Eles vivem na rua, só querem se divertir, vestem roupas extravagantes, pintam os cabelos, são muito materialistas... se bem que o mundo inteiro é assim, mas me assustei por ser um país de tradições e educação tão rígidas”.

Essa nova geração a quem o Paulo se refere, talvez seja a “geração Shinjirui” de japoneses, mencionada por Ortiz (2000):

Shinjirui. A palavra surgiu em meados dos anos 80 e se aplica a uma nova geração de jovens. O termo tem uma clara conotação depreciativa. Cunhado pela mídia, ele significa uma nova “raça” ou “espécie” humana, como se os que a ela pertencessem fizessem parte de uma natureza alienígena. O que os mais velhos reprovam no comportamento shinjirui? A preguiça, a falta de entusiasmo pelo trabalho, o egoísmo, o descompromisso em relação à família e aos patrões, o desrespeito aos idosos, a apatia política. Com suas vestimentas esportivas, coloridas, roupas de couro, cabelos pintados, tatuagens no corpo, as moças com seus saltos estridentes, esses jovens contrastam com o conformismo módico e conservador de se vestir dos empregados de escritório, sempre com seus ternos surrados e gravatas opacas. À primeira vista, eles parecem “desafiar” as normas estabelecidas.

(Ortiz, 2000, p. 95).

⁷² Vale lembrar que esse imaginário corresponde a um outro momento da história econômica do Japão. Conforme lembra Osawa (1993), desde meados da década de 1970, o Japão vem passando por várias mudanças estruturais em sua economia. O emprego vitalício e os benefícios trabalhistas não abrangem parcela tão grande da população, como na década de 1950.

Na realidade, essa característica “shinjrui” não se aplica atualmente somente aos japoneses. Podemos encontrar jovens com tais características em todos os lugares, inclusive no Brasil. Quando falamos de contrastes com aqueles valores herdados pela geração de jovens nipo-brasileiros é no sentido de enfatizar que o “modelo de japonês” foi herdado dos imigrantes das primeiras décadas do século XX, e não da atual sociedade japonesa.

E este é um aspecto importante para se compreender a frustração de muitos nipo-brasileiros ao conhecerem a realidade atual do Japão que, assim como outros países, também apresenta casos de violência e barbárie – desconhecidos pelos nikkeis antes da partida do Brasil.

O entrevistado Marcos diz:

“Conforme já disse antes, eu não pensava que o Japão era desse jeito. Fiquei assustado outro dia com uma notícia de que um grupo de jovens tinha espancado um velho de oitenta e poucos anos com um taco de beisebol. Também teve o caso do rapaz que explodiu o carro do pai com gasolina porque ele não queria levá-lo para não sei onde... No Brasil tem muitos crimes, roubos, assassinatos, enfim, muita violência, mas aqui as coisas são bizarras, não dá nem para acreditar.”

Outro problema que tem permeado a experiência dos nipo-brasileiros no Japão diz respeito a distúrbios emocionais sofridos pelos imigrantes. O percurso realizado pelos imigrantes de kaseguis, ao invés de levá-los a um “reencontro” efetivo com as origens, pode levá-los a sofrer distúrbios emocionais sérios, como relata a entrevistada Mônica:

“Conheci vários casos de gente que se separou, perdeu contato com a família e que dizem ouvir vozes aqui no Japão. Também tem os casos de suicídio, mas não conheci ninguém pessoalmente, ainda bem. Eu acho que não teria esse problema, porque sei que em breve vou embora, tenho uma perspectiva e um objetivo na minha vida, além disso estou aqui com meus pais, e quando cheguei eles já tinham tudo, já sabiam como tudo funciona. Mas fico imaginando o caso daquelas pessoas que vêm para cá sozinhas, que a única coisa que fazem é trabalhar, trabalhar, trabalhar, que sofrem pressões no serviço, que não sabem se comunicar por onde andam. Nesses casos, realmente dá para enlouquecer. Tenho até um caso na

família, mas graças a Deus ele já está melhor agora.(...) Não sei bem do que se trata, mas disseram que era uma tal de síndrome do regresso”.

Norteados pelo mito do retorno e pelos salários relativamente elevados, os dekaseguis deparam-se com uma sociedade de consumo avançada, alicerçada sobre uma realidade de intensa exploração do trabalho. Desse desencontro, vêm emergindo profundas contradições, traduzidas pelos inúmeros casos de famílias desagregadas, delinquências, doenças psicossomáticas, mortes por excesso de trabalho, etc (Cf. Ocada, 2006:247).

Contudo, dentre os jovens dekaseguis entrevistados durante a realização deste estudo, a maioria predominante manifestou o desejo de um dia retornar ao Japão, tomados por uma espécie de “missão” de concretizar algo que ficou pendente. Aprofundar o conhecimento do idioma japonês, conhecer outras regiões do Japão, enfim são várias as motivações individuais, que na verdade talvez tentam alimentar a esperança de um reencontro melhor, mais feliz com a terra do sol nascente – embora já enxerguem positivities na experiência atual.

Um aspecto interessante a se notar também, são as diferenças das perspectivas dos nipo-brasileiros, quando estão no Japão, em relação ao momento em que retornam ao Brasil. Podemos constatar que, enquanto os nipo-brasileiros estão no Japão, parece ocorrer uma reafirmação do Brasil enquanto lugar de origem – a terra natal, o “lar doce lar” –, enquanto o Japão é a terra dos antepassados, o lugar de ganhar dinheiro e conhecer coisas novas. Mas, quando retornam ao Brasil uma saudade nostálgica parece tomar conta dos mesmos. Isto justifica o fato de que, nas entrevistas realizadas no Brasil, aparecem muito mais aspectos positivos da experiência como dekasegui do que nas entrevistas realizadas no Japão.

Quando estão no Japão, passando pela experiência, relatam os problemas do trabalho, o cansaço físico, o desgaste emocional e muitos outros aspectos negativos. Quando chegam ao Brasil, no entanto, parecem relativizar um pouco tais sofrimentos, valorizando em suas falas a experiência de ter conhecido o Japão, viajado para um outro país, ganhado dinheiro, etc.

Este aspecto reforça a idéia de que os trabalhadores dekaseguis brasileiros possuem laços identitários com o Japão.

Quanto ao segmento que estamos enfocando neste estudo – os jovens universitários – existem ainda outros elementos que os envolvem numa identidade particular.

Mesmo hoje, cem anos após a chegada dos primeiros japoneses ao Brasil, parece que parte significativa dos jovens da comunidade nikkei, embora inserida, adaptada e atuante na sociedade brasileira, ainda reforça e preserva aspectos da cultura japonesa – ou o que eles entendem por essa cultura, – por meio da composição de grupos bastante fechados. Talvez, mais do que afinidade de pensamentos e gostos, este aspecto possa ser o resultado de uma estratégia de sobrevivência e resistência empreendida no passado pelas gerações mais velhas de imigrantes japoneses no Brasil.

Em outras palavras, grande parte dos jovens nikkeis procura manter, ainda hoje, sua sociabilidade com outros jovens nikkeis. São inúmeros os exemplos que poderíamos mencionar para ilustrar esta constatação. Os clubes que freqüentam, os grupos que formam, as atividades que desempenham, etc.

Se observarmos a proporção de jovens nipo-brasileiros, por exemplo, no curso de engenharia mecatrônica, bem como em toda a escola politécnica da Universidade de São Paulo, ou se observarmos por exemplo colégios como o Etapa (Unidade Vergueiro – Próximo ao centro da cidade de São Paulo), perceberemos que “coincidências” não cabem às justificativas de tamanha concentração.

Fora do âmbito dos estudos, no lazer também podemos observar essa característica. Diversas são as associações esportivas e eventos culturais promovidos pela geração atual de jovens nipo-brasileiros para os jovens nipo-brasileiros.

Foto cedida por entrevistado

Foto 18 – Jovens nikkeis comemorando o ingresso de membros do grupo na universidade.
São Paulo, 2007.

Foto cedida por entrevistado

Foto 19: Jovens universitários nipo-brasileiros comemorando o aniversário de um membro do grupo.
São Paulo, 2007.

Isso torna mais fácil a transmissão e manutenção de representações em relação ao Japão que têm ajudado a garantir a continuidade do movimento dekasegui.

Essa continuidade vem sendo questionada nos últimos tempos, pois a atual geração de jovens nipo-brasileiros é a última que, pelo critério de consangüinidade, possui o direito de imigrar para o Japão. Os *yonseis* – bisnetos de japoneses – pela atual legislação japonesa, conforme vimos anteriormente, não têm o direito ao visto para trabalhar no país.

Seriam os jovens universitários nipo-brasileiros da atualidade, portanto, os representantes da última fase do movimento dekasegui? Ou melhor, os últimos ingressantes no movimento?

Na nossa interpretação a resposta é não.

A hipótese que formulamos ao concluir esta pesquisa poderia ser assim expressa:

O momento atual do fenômeno dekasegui não marca o fim do movimento de trabalhadores brasileiros em direção ao Japão. Na realidade, tudo indica que ele antecede a inauguração de um novo período, de uma nova fase, onde a consangüinidade poderá ser relativizada, para ser valorizada a qualificação do imigrante.⁷³

A fase atual do movimento dekasegui, com a participação crescente de jovens universitários, mais instruídos e com qualificação superior à de seus antecessores (que ainda continuam imigrando para o Japão), no movimento, parece compor uma estratégia do Japão, nação preocupada com o envelhecimento de sua população, e com a manutenção das conquistas proporcionadas pelo desenvolvimento econômico das últimas décadas.

Dessa forma, temos a convicção que o “capítulo imigração”, do livro que retrata a história do relacionamento entre o Brasil e o Japão, iniciado há um século atrás, ainda possui muitas páginas a serem escritas.

⁷³ Aliás, esta parece ser uma tendência mais geral. De acordo com informações encontradas no site do Parlamento Europeu (www.europarl.europa.eu/news), em outubro de 2007 a Comissão Européia propôs a criação do Cartão Azul, destinado a atrair trabalhadores qualificados de várias partes do mundo, para a União Européia. Esse cartão, segundo informações do site, deverá funcionar como autorização de residência e de trabalho, durante um período renovável de dois anos. Os membros da família do detentor do cartão também terão direito de entrada na União Européia e poderão se beneficiar da livre circulação de pessoas no espaço europeu dois anos após a concessão do Cartão Azul.

Considerações finais

O movimento de kasegui, atualmente dinamizado pelos universitários nipo-brasileiros – parte da geração mais jovem de descendentes dos imigrantes japoneses no Brasil – representa a continuidade de uma história iniciada há um século.

O contexto sócio-político-econômico diferenciado e as próprias transformações no mundo do trabalho, conforme vimos anteriormente, talvez não nos permitam dizer que o movimento de kasegui seja o retorno dos imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil a partir das primeiras décadas do século XX. Mas no plano simbólico, esse movimento representa sim a continuidade da trajetória iniciada em 1908, configurando, num certo sentido, um “retorno simbólico”.

De qualquer maneira, vale lembrar que esse “retorno simbólico” não significa o tão esperado êxito daqueles que partiram, mas a continuidade da luta por melhores condições de vida – entendida em suas múltiplas formas.

Ao longo desses cem anos de relacionamento, Brasil e Japão inverteram os pontos de partida e chegada de seus imigrantes, mas parecem manter determinadas oposições, que acabam aproximando os dois países.

No início do século XX, o Brasil necessitava de mão-de-obra para a lavoura, principalmente a cafeeira, e o Japão, entre outros aspectos, buscava uma solução para aqueles que ficaram “à margem da modernização” (Handa, 1987) no país. Houve, portanto, um encontro de interesses entre as partes que culminou com o início da imigração japonesa no Brasil.

Em meados da década de 1980, em meio à avassaladora crise econômica e ao crescente aumento do desemprego no Brasil, o Japão enfrentava sérias dificuldades oriundas da falta de mão-de-obra para o setor industrial em expansão no país. Houve, portanto, novamente um encontro de interesses entre as partes, que colaborou para o início do movimento de kasegui.

Atualmente, no Brasil, quase 54% da mão-de-obra desempregada encontra-se abaixo da faixa etária dos 25 anos de idade (Cf. Pochmann, 2001:89) – na qual se insere o segmento abordado neste estudo. Já no Japão, pode-se observar a carência dessa mão-de-obra, provocada

pela inserção cada vez mais tarde dos jovens japoneses no mercado de trabalho, devido, principalmente, ao elevado nível econômico das famílias japonesas, como também ao preconceito desses jovens em relação aos trabalhos considerados desqualificados (Cf. Kawamura, 1999:54). Portanto, mantêm-se as diferenças que têm reforçado, em cada momento histórico, o movimento migratório entre os dois países.

Falando em diferenças, elas também podem ser observadas na forma como os imigrantes na rota “Japão – Brasil – Japão” são vistos, em períodos distintos.

No início do movimento de kasegui, os nipo-brasileiros foram apontados como parte da solução para o problema da falta de mão-de-obra no Japão, e a Emenda Constitucional de 1990 “abre as portas” aos nikkeis do Brasil. Hoje, contudo, é possível observar um discurso muito forte sobre os problemas trazidos por esses mesmos imigrantes no país. Por isso, aumentam-se as restrições para a concessão do visto de longa permanência aos nipo-brasileiros.

Situação semelhante aconteceu com os próprios imigrantes japoneses no Brasil. Quando se inicia a aproximação do fim da escravidão, a questão da mobilização do trabalho se coloca de maneira premente e em certa medida angustiante no país que, para assegurar os braços para a lavoura, enxerga o imigrante japonês, entre outras nacionalidades, como o imigrado ideal. A defesa do braço estrangeiro emerge do conjunto dos debates e políticas a respeito da substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, da ocupação do território e da oferta de trabalho. Mas, a partir da década de 30, o discurso assimilacionista ganha grande impulso no Brasil, e esses mesmos imigrantes, cujas qualidades haviam sido ressaltadas no passado, aparecem como ameaça à pátria (Cf. Vainer, 2000:18).

Os imigrantes japoneses, contudo, superaram essa fase e alcançaram uma boa inserção na sociedade brasileira e, aos poucos – principalmente após a Segunda Guerra Mundial – foi diminuindo a estranheza que provocavam. Atualmente, mesmo mantendo vínculos com a terra natal dos antepassados, estão integrados à sociedade e à cultura brasileira.

Já os brasileiros no Japão, talvez não alcancem – pelo menos no mesmo intervalo de tempo – a mesma inserção e integração, sendo considerados *permanentemente temporários* (Beltrão & Sugahara, 2006) no país. Ao contrário dos imigrantes japoneses no Brasil, cuja

máxima valorização do estudo dos filhos possibilitou a ascensão social do grupo, a maior parte dos trabalhadores dekaseguis não têm garantida uma boa educação para seus filhos no Japão.

De acordo com dados do Ministério da Justiça do Japão, o número de crianças e adolescentes brasileiros no país entre 0 e 14 anos, subiu de 12.323, em 1994 para 45.990, em 2005. Atualmente são quase 50.000 brasileiros na faixa etária mencionada, residindo no Japão. E uma das maiores preocupações relacionadas a essas crianças é justamente a evasão escolar, além dos problemas surgidos pela inserção em instituições japonesas despreparadas para recebê-las ou em escolas brasileiras não regulamentadas e desprovidas das condições mínimas, como espaço físico apropriado, corpo docente preparado, proposta pedagógica compatível com a realidade dos alunos, etc.⁷⁴

Essa questão da educação das crianças e adolescentes brasileiros, filhos dos trabalhadores dekaseguis no Japão, é uma proposição de pesquisa bastante interessante, que nos chama muito a atenção, entre outros fatores, por também representar um aspecto atual relacionado ao movimento dekasegui. O estudo desse tema é um objetivo para trabalho futuro.

Em pouco mais de duas décadas de existência do Movimento Dekasegui, alguns períodos, ou melhor, alguns marcos, são destacados como os mais importantes na sua história. A realidade sócio-econômica diferenciada do Japão e do Brasil na década de 1980, por exemplo, conforme vimos, é considerada um dos fatores que levaram à gênese do movimento. Talvez seja unânime a opinião sobre a importância, também, da Reforma da Lei de Imigração do Japão de 1990, pois a partir da mesma houve a “massificação do movimento”.

Nos últimos anos, o novo marco que se estabelece para o movimento dekasegui é a inserção dos jovens universitários no mesmo. Talvez, no presente, não seja atribuída a esses jovens tal importância para o movimento, mas o papel dos mesmos na intensificação das redes entre os trabalhadores dekaseguis, na diminuição da importância das agências recrutadoras, no desenvolvimento de novas formas de inserção dos nikkeis nos postos de trabalho japoneses, bem como no surgimento de novas vagas de trabalho destinadas aos dekaseguis brasileiros, nessa primeira década do século XXI, certamente será, no futuro, reconhecido.

⁷⁴ Ver anexo 9 – Fotos de crianças brasileiras, em instituições japonesas e brasileiras, registradas durante o trabalho de campo realizado no Japão, em julho de 2006.

Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2005.

BAENINGER, Rosana e SALES, Teresa. “Migrações internas e internacionais no Brasil – Panorama deste século”. *Travessia – revista do migrante*. São Paulo. Publicação do CEM, n.º. 36, jan.-abr./2000, p. 33-44.

BOTELHO, Adriano. *Do fordismo à produção flexível: a produção do espaço num contexto de mudanças das estratégias de acumulação do capital*. São Paulo, 2000. (Dissertação de mestrado) – FFLCH/USP.

CARIGNATO, Taeco T. *Passagem para o desconhecido – Um estudo psicanalítico sobre migrações entre Brasil e Japão*. São Paulo: Via Lettera, 2002.

_____. “A simbolização das experiências de migração”. In: *Travessia – revista do migrante*. São Paulo: Publicação do CEM, Ano XVIII, n.º. 53, set.-dez./2005, p. 11-15.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CATANIO, P. A. G. *Dekassegui no yumê-ji (O caminho que o dekassegui sonhou): cultura e subjetividade no movimento dekasegui*. São Paulo, 2000. (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CORIAT, Benjamin. *Ohno e a escola japonesa de gestão da produção – Um ponto de vista de conjunto*. In: HIRATA, Helena (Org.). São Paulo: Edusp, 1993, p. 79-91.

COSTA, João Pedro Corrêa. *De decasségui a emigrante*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão – Ministério das Relações Exteriores, 2007.

DEMARTINI, Zeila B. F. “Vivências diferenciadas de três gerações de japoneses em São Paulo”. In: *Travessia – revista do migrante*. São Paulo. Publicação do CEM, nº. 35, set.-dez./1999, p. 10-16.

FARIA, Aparecido de. “Terceirização – Um desafio para o movimento sindical”. In: MARTINS, Heloisa de S. e RAMALHO, José R. (Org.). *Terceirização – Diversidade e Negociação no Mundo do Trabalho*. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 40-60.

FUGII, William K. *O pós-guerra e as salas de cinema japoneses no “ressurgimento” do bairro étnico*. Trabalho de graduação individual. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.

FUTEMA, Olga. “As salas japonesas do Bairro da Liberdade”. In: *Filme Cultura*, nº. 47, ago./1986. Rio de Janeiro: Embrafilme, p.79.

GAUDEMAR, Jean P. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

GEORGE, Pierre. *Geografia Urbana*. São Paulo: Difel, 1983.

GUIMARÃES, Lais de Barros Monteiro. “*Liberdade*”. Série: história dos bairros de São Paulo. Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, 1979.

HAESBAERT, Rogério. “Migração e desterritorialização”. In: PÓVOA NETO, H. e FERREIRA, A. P. (org.) *Cruzando Fronteiras Disciplinares*. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p.35-46.

HANDA, Tomoo. “*O imigrante japonês – História de sua vida no Brasil*”. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, 1987.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

HEIDEMANN, Heinz D. “Migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação”. In: *3º.Fórum Social Mundial*. Porto Alegre, janeiro de 2003.

HINATA, Noemia. Dicionário Japonês-Português. Japan: Kashiwashobo S.A, 1997.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos – o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KAWAMURA, Lili. “*Para onde vão os brasileiros?*” Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

LANGENBUCH, Juergen Richard. *A estruturação da grande São Paulo: estudo de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971.

MARTINS, Heloisa de S. “Os dilemas do movimento sindical em face da terceirização”. In: MARTINS, Heloisa de S. e RAMALHO, José R. (Org.). *Terceirização – Diversidade e Negociação no Mundo do Trabalho*. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 13-39.

MARTINS, Manoel Aparecido. *O impacto da difusão dos robôs industriais sobre o mercado de trabalho*. São Paulo, 2006. (Dissertação de mestrado) – FFLCH/USP.

MORAIS, Fernando. *Corações Sujos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NAGIB, Lucia. “O cinema japonês em São Paulo”. In: *Guia da Cultura Japonesa*. São Paulo: JBC, 2004, p. 179-187.

NAKAGAWA, Décio I. “Contribuição ao Estudo da Saúde Mental no Movimento dos Trabalhadores Brasileiros no Japão”. In: *Anais do Simpósio 15 anos do Movimento Dekasegui: Desafios e Perspectivas*. Realização: Consultores Associados para o Desenvolvimento de Projetos Sociais. Apoio: CIATE – Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior. São Paulo, 2001.

NINOMIYA, Masato. *A vida e o trabalho dos nipo-brasileiros no Japão e no Brasil*. Divisão de Coordenadoria do Departamento de Estabilização Profissional do Ministério do Trabalho do Japão. Tokyo: Nikkan Roodo Tsuushin Sha, 1994. 235p.

_____. “Centenário do tratado de amizade, comércio e navegação entre Brasil e Japão”. In: *Revista USP*, nº. 28, 1995/1996. p. 245-250.

OCADA, Fabio Kazuo. “A cultura e o habitus japonês: ingredientes da experiência”. *Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto, Minas Gerais, 2002.

_____. “ Migração e trabalho no mundo contemporâneo – uma experiência acerca da migração dekasegui”. *Travessia – revista do migrante*. São Paulo. Publicação do CEM, nº. 45, jan.-abr./ 2003, p. 37-41.

_____. *A tecelagem da vida com fios partidos: as motivações invisíveis da emigração dekasegui ao Japão em quatro estações*. São Paulo, 2006. (Tese de doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

OLIVEIRA, Adriana Capuano de. “Repensando a identidade dentro da imigração dekasegui”. In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa. *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999, p. 275-307.

OSAWA, Machiko. “Transformação Estrutural e Relações Industriais no Mercado de Trabalho Japonês”. In: HIRATA, Helena (Org.). *Sobre o Modelo Japonês*. São Paulo: EDUSP, 1993.

ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante. Japão e Modernidade – Mundo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

POCHMANN, Marcio. *O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo: Boitempo, 2001.

PÓVOA NETO, Helion. “A criminalização das migrações na nova ordem internacional”. In: PÓVOA NETO, H. e FERREIRA, A. P. (Org.). *Cruzando Fronteiras Disciplinares*. Rio de Janeiro: Revan. p. 297 – 310.

RODRIGUES, José Fioroni. “Panorama geral do cinema japonês e sua época de ouro”. In: *Revista USP*, nº. 27, set.-nov./1995, p. 164-169.

ROSSINI, Rosa Ester. “Retorno às origens ou a luta pela cidadania: o exemplo dos dekaseguis do Brasil em direção ao Japão”. In: *Revista USP*, nº. 27, 1995. p. 24-31.

_____. “O novo enraizamento: a conquista do espaço pelos nikkeis do Brasil no Japão”. *Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto, Minas Gerais, 2002. 18p.

_____. “A interculturalidade na metrópole: os velhos e novos migrantes internacionais”. In: *Geografias de São Paulo – Representação e Crise da Metrópole*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 343-368.

RUA, João. “Repensando a Geografia da População”. In: *Geo UERJ*, nº. 1. Rio de Janeiro, janeiro de 1997.

SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração japonesa*. São Paulo: Sumaré, 1993.

_____. “Imigração Japonesa para o Brasil: Um Exemplo de Imigração Tutelada”. In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 201-238.

_____. “Mais estrangeiro que os outros?” In: *Travessia – revista do migrante*. São Paulo. Publicação do CEM, n°. 44, set.-dez./2002, p.5-10.

SALES, Teresa. “O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais”. In: PATARRA, Neide Lopes. *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. Campinas: FNUAP, 1995, p. 89-103.

SALIM, Celso Amorim. “Migração: o fato e a controvérsia teórica”. In: *Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, v. 3. São Paulo: ABEP, 1992. p. 119-144.

SASAKI, Elisa M. “Dekaseguis: trabalhadores nipo-brasileiros no Japão”. *Travessia – revista do migrante*. São Paulo. Publicação do CEM, n°. 21, jan.-abr./1995, p. 20-22.

_____. “Movimento dekasegui e experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão”. In: REIS, Rosana Rocha e SALES, Teresa. *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999, p.243-274.

_____. “Por um breve panorama dos 20 anos do Movimento Dekasegui”. In: *Anais do Simpósio Internacional “20 anos do Movimento Dekasegui”*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 2005.

SAYAD, Abdelmalek. “O retorno – elemento constitutivo da condição do imigrante”. *Travessia – revista do migrante*. São Paulo. Publicação do CEM, Ano XIII, número especial, jan./2000.

SEABRA, Odete Carvalho de Lima. “Urbanização – Bairro e Vida de Bairro”. In: *Tavessia – revista do migrante*. São Paulo. Publicação do CEM, n°. 38, set –dez/ 2000, p.11-17.

SHINDO, Tsuguo. *Brasil e Japão: os 100 anos de Tratado de Amizade*. São Paulo: Associação Cultural Recreativa Akita Kenjin do Brasil, 1999.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. *O perigo amarelo em tempos de guerra (1939-1945)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

VAINER, Carlos. “Estado e migrações no Brasil – Anotações para uma história das políticas migratórias”. *Travessia – revista do migrante*. São Paulo. Publicação do CEM, nº. 36, jan.-abr./2000. p. 15-32.

_____. “Reflexões sobre o poder de mobilizar e imobilizar na contemporaneidade”. In: PÓVOA NETO, H. e FERREIRA, A. P. (Org.). *Cruzando Fronteiras Disciplinares*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p.275-296.

YOSHIOKA, Reimei. *Por que migramos “do” e “para” o Japão – Os exemplos das alianças e dos atuais dekaseguis*. São Paulo, 1994. (Tese de Doutorado em Geografia) –FFLCH/USP.

Jornais e Revistas

CARNEIRO, H. “Os japoneses da Liberdade”. *Revista Geográfica Universal*, nº. 22, julho de 1976.

NISHIMORI, L. e EMILIANO, L. “Crueldade marca início do bairro da Liberdade”. *Jornal Nippo Brasil*, 12 a 18 de novembro de 1999.

PADOVANI, W. F. “Manha na Liberdade. É o taisso”. *O Estado de São Paulo*, 18 de maio de 1986.

Sites consultados:

www.moj.go.jp – Site do Ministério da Justiça do Japão

www.europarl.europa.eu – Site do Parlamento Europeu

Outra fonte:

Arquivo Histórico Municipal. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, onde foram encontradas as seguintes reportagens apresentadas no trabalho:

“Inaugurado o Bairro Oriental”. Folha de São Paulo, 07 de novembro de 1974.

“Ao acender das luzes surgiu o Bairro Oriental”. Diário de São Paulo, 10 de novembro de 1974.

Anexos

Anexo 1

FORMULÁRIO DE PEDIDO DE VISTO PARA ENTRAR NO JAPÃO (preencher à máquina ou em letra de forma)		<div style="text-align: center;">foto</div>
Nome completo _____ <div style="text-align: right;">(sobrenome)</div>		
<div style="text-align: right;">(nome)</div>		
Outro nome _____		
Data e local de nascimento ____/____/____ <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> (dia/mês/ano) (cidade/estado/país) </div>		
Sexo _____ Estado civil: casado _____ solteiro _____ outros _____		
Nacionalidade _____ Nacionalidade anterior _____		
Finalidade da viagem ao Japão _____		
Tempo de permanência no Japão _____		
Provável data de entrada _____		
Aeroporto/porto de entrada no Japão _____ Cia. de transporte _____		
Passaporte (Se refugiado ou despatriado, nome do documento de viagem) _____		
Nº _____ Diplomático/Serviço/Comum/Outros: _____		
Órgão expedidor _____ Local _____		
Data de emissão _____ Válido até _____		
Antecedentes criminais: não _____ sim _____ Quais? _____		
Endereço residencial _____		
Cidade _____ Estado _____ Tel. _____		
Profissão ou ocupação _____		
Nome e endereço da empresa ou organização _____		
<div style="text-align: right;">Tel. _____</div>		
Cargo atual _____ Cargo anterior _____		
*Se dependente, nome e profissão do responsável (pai, mãe, cônjuge, etc.) _____		
Nome e endereço onde pretende se hospedar (hotel, casa de parente, amigo, etc.) _____		
Última viagem ao Japão (datas e duração) _____		
Garantidor ou referência no Japão: Nome _____		
<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> Endereço _____ Tel. _____ </div>		
Relação com o requerente _____		
*Observação (Circunstâncias especiais, se houver) _____		
Número de entradas no Japão: 1 entrada _____ 2 entradas _____ múltiplas entradas _____		
Quem paga as despesas da viagem? _____ Relação _____		
<i>Declaro serem verdadeiros os dados acima. Estou ciente de que o período e a condição de minha permanência no Japão, depois de ali chegado, dependerão das determinações feitas pela Imigração Japonesa, e que a posse do visto não é autorização automática de entrada no Japão.</i>		
Data: ____/____/____ Assinatura do requerente _____ <div style="text-align: center;">(dia/mês/ano)</div>		
*Preenchimento não obrigatório		
Preencher quando entrada por agência cadastrada Agência de viagem _____ Tel. _____ Responsável _____ Assinatura _____	Recebi o passaporte em ____/____/____ Assinatura _____ Preencher quando o passaporte for retirado por terceiro Nome _____ Relação com o requerente _____	

Anexo 2

Lista de documentos necessários para solicitação do visto de longa permanência na repartição consular japonesa de São Paulo – Niseis (filhos de japoneses):

- 1- Passaporte válido (e os passaportes vencidos);
- 2- Formulário de pedido de visto para entrar no Japão preenchido;
- 3- Uma foto 3X4 recente (tirada no máximo há 6 meses) com fundo branco;
- 4- Cópia autenticada da carteira de identidade do requerente;
- 5- Cópia autenticada da certidão de nascimento do requerente;
- 6- Cópia autenticada da carteira de identidade do pai ou da mãe descendente de japonês – caso seja (m) falecido (s), cópia autenticada da certidão de óbito;
- 7- Cópia autenticada da certidão de nascimento do pai ou da mãe descendente de japonês;
- 8- Cópia autenticada da certidão de casamento dos pais;
- 9- Cópia autenticada da carteira de identidade (RG ou RNE) dos avós japoneses – caso seja (m) falecido (s), cópia autenticada da certidão de óbito;
- 10- Cópia autenticada da certidão de casamento dos avós;
- 11- Original mais cópia do KOSEKI TOHON ou KOSEKI NO ZENBUJIKOSHOMESHU do avô ou da avó (validade de 1 ano) – documento que traz a árvore genealógica e informações da família (Província de origem, cidade...) e comprova a descendência japonesa, já que é expedido no Japão;
- 12- Árvore genealógica do cônjuge que tenha ascendência japonesa;
- 13- Documentos que comprovem que o requerente poderá se sustentar durante a sua estadia no Japão (Ex: contrato provisório de trabalho ou a garantia de pais, irmãos ou cônjuge residente no Japão);
- 14- Originais dos documentos abaixo, de um garantidor residente no Japão (validade de 3 meses):
 - a) Carta de garantia no modelo do consulado
 - b) Atestado de emprego
 - c) Comprovante de rendimento

- d) Atestado de residência
- e) Atestado de registro de estrangeiro emitido pela prefeitura
- f) Cópia do passaporte com todos os carimbos

Lista de documentos necessários para solicitação do visto de longa permanência na repartição consular japonesa de São Paulo – **Sanseis** (netos de japoneses):

- Todos os documentos solicitados para os niseis, mais :

15 - Certidão de antecedentes criminais emitidos pela Polícia Federal (validade de 90 dias);

16 - Atestado de antecedentes criminais, que em São Paulo é emitido pelo Instituto de Identificação Ricardo Gumbleton Daunt, da Polícia Civil, da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Também pode ser emitido nas sedes dos Poupatempo (validade de 90 dias).

17 – Fotos de infância e atuais, com os familiares japoneses – principalmente quando não tiver a fisionomia de japonês – o que ocorre bastante em função da miscigenação.

- Os itens 13 e 14 são fornecidos pela agência ou empreiteira contratadora quando o trabalhador dekasegui viaja através das mesmas.

Anexo 3

Parte da conversa pelo MSN (Messenger) com Angela:

angela* diz:
tudo bom?
william diz:
tudo
william diz:
como estão as coisas por aí ?
angela* diz:
tô bem cansada..hehehe...
angela* diz:
to trabalhando das 8 e meia da noite ate umas 10 e 30 da manhã
angela* diz:
yakin é muito cansativo... [yakin = período noturno)
angela* diz:
tô só o pozinhu,...mas o din din é bom...
angela* diz:
já terminei de pagar a passagem
william diz:
Tem conseguido economizar?
angela* diz:
que nada..nao ajuntei nada!
angela* diz:
esse mês que vou juntar um pouco...
angela* diz:
pagando passagem..não tinha como
angela* diz:
mas tb....gastei muito din din....comprei tudo que eu queria...hehe....
angela* diz:
e passeiiii muitooo
angela* diz:
ah nao tem como....se vc ficar só em casa vc morre...de vez em qdo tem que sair
angela* diz:
é que gasta muito...aqui principalmente com condução
angela* diz:
mas pelo menos....comprei as coisas que eu mais queria...
angela* diz:
meu notebook, ipod,...louis vuitton..hauhauha...
angela* diz:
aqui vc ganha dinheiro..mas não é facil
angela* diz:
dói tudo.....vc passa mal...
angela* diz:
eu aqui..nossa tenho varias crises
angela* diz:
me sinto muito burra...aqui vc fica alienado
angela* diz:
só trabalha, não sabe o que acontece no mundo
william diz:
como que você imaginava o Japão antes da viagem?
angela* diz:
eu imaginava..um pais bem diferente

angela* diz:
aqui em termos de tecnologia e qualidade de vida vc tem...

angela* diz:
mas eu tb achava que as pessoas aqui eram compatíveis com essa tecnologia...tipo eu pensava que a maioria dos japoneses eram dedicados a estudos e tal...eram inteligentes...

angela* diz:
eram uma sociedade mais educada e correta..

angela* diz:
e hj eu vejo aqui que não é bem assim...

angela* diz:
a parte mais jovem da população tá meio revoltada

wilian diz:
revoltada?

angela* diz:
tipo a educação... o que pode e não pode fazer foi tudo muito imposto pra eles...

angela* diz:
e eles se sentem sufocados...

angela* diz:
além de serem alienados...com marcas...beleza....estética...

angela* diz:
todo dia aqui no noticiário vc vê crimes bizarros de crianças de 12 a 20 e poucos anos que ou se matam ou matam pai, mãe,,irmão

angela* diz:
eu conheci uns japas aqui na roppongi..

angela* diz:
e agente ficou super amigos...

angela* diz:
sempre encontro com eles em tokyo....

angela* diz:
vixi frequento tudo aqui..huahauah

william diz:
e como são as pessoas que trabalham com você?

william diz:
como é seu trabalho?

angela* diz:
ah estressante..hauhau

angela* diz:
bom aqui vc vê de tudo.. pessoas que precisam muito estar aqui...e aquelas que nem sabem o pq de estarem aqui

angela* diz:
tipo.....aqui vc vê de tudo..gente que não tem estudo...gente que tem nível superior...cada um esta aqui por um objetivo

wilian diz:
existem brigas durante o trabalho?

angela* diz:
ah as vezes

angela* diz:
geralmente qdo as jornadas de trabalho são maiores os desentendimentos aumentam

angela* diz:
pq vc tem que conviver com pessoas mais de 13 horas por dia e muita vezes não são pessoas que vc tem afinidade

angela* diz:
to muito estressada,,,

angela* diz:
é estressante vc ficar 1 3 horas fazendo a mesma coisa...sem sair do lugar

angela* diz:
v fica alienado....e seu corpo já esta dolorido...suas mãos doem,..seu pé...

angela* diz:
 e principalmente a noite que vc tem muito sono..
 wilian diz:
 Até quando vc pretende ficar aí ainda? Você já está há quase 5 meses né?
 angela* diz:
 completei 4 meses dia 12 de julho
 angela* diz:
 eu pretendo ficar até fevereiro...acho que não agüento ficar mais que isso..
 angela* diz:
 mas também se me encher antes vou embora..
 angela* diz:
 estava pensando em ficar ate junho mas acho que o dinheiro que vou ganhar aqui não paga um semestre que vou perder na faculdade
 angela* diz:
 qdo cheguei pedia pelo amor pra ir embora...não aguentava ficar trabalhando ate a meia noite...teve dias que trabalhei 20 horas
 angela* diz:
 acho isso um absurdo..
 angela* diz:
 nao queria ganhar dinheiro assim
 william diz:
 quando vc estava aqui no Brasil muitas pessoas a chamavam de "japonesa". E aí no Japão?
 Você se sente japonesa?
 angela* diz:
 nao....aqui me sinto uma baiana
 angela* diz:
 hauhauah..
 william diz:
 por que?
 angela* diz:
 ah pq do mesmo jeito que nós temos preconceitos ai no brasil de nordestinos e tal...eles tem preconceitos aqui de brasileiros
 angela* diz:
 se vc vai em lojas aqui....muitas vezes eles ficam te vigiando
 angela* diz:
 sábado fui na prada, uma marca italiana, fomos em 3 amigas...mesmo bem vestidas e com acessórios caros que elas usavam tals....
 angela* diz:
 qdo chegamos na loja a vendedora foi simpática...
 angela* diz:
 depois que percebeu que falávamos português...ela fechou o rosto
 angela* diz:
 e ficou um segurança nos vigiando
 angela* diz:
 mas ela achava que nenhuma falava japonês ou entendia...mas tem uma amiga aqui que estudou aqui no japão..e fala , e le muito bem..e ela entendeu qdo a vendedora chamou o segurança
 angela* diz:
 isso aqui é comum...qdo percebem que vc é estrangeiro..e principalmente brasileiro...eles ficam ressabiados
 angela* diz:
 acham que são todos miseráveis
 wilian diz:
 por que principalmente brasileiros?
 angela* diz:

pq eles sabem que aqui tem muitos brasileiros e latinos americanos que vem pro japao trabalhar como operários..e pensam que todos passavam fome em seu pais por isso vieram pra cá

angela* diz:
 existe muito preconceito ..

william diz:
 acredito que sim...

angela* diz:
 só os americanos prestam aqui

wilian diz:
 e o que os seus pais têm achado da sua experiência aí no Japão?

angela* diz:
 aí vc pergunta pra eles neh... vc tá mais perto...

angela* diz:
 hauhauha

wilian diz:
 o que eles falam pra você?

angela* diz:
 que é pra mim voltar pra casa

wilian diz:
 tem conseguido alcançar seus objetivos aí?

angela* diz:
 sim....

wilian diz:
 você acha que um dia (depois que voltar para o Brasil) vai voltar pro Japão a trabalho?

angela* diz:
 so se for arubaito de novo

angela* diz:
 nada mais do que isso...eu me amo!

wilian diz:
 fez amizades com os brasileiros?

angela* diz:
 sim...

angela* diz:
 com brasileiros,peruanos, paraguaios, argentinos, filipinos, japoneses, romenos

angela* diz:
 egipcios

william diz:
 !

william diz:
 além do \$\$\$, tinha outro objetivo para alcançar aí ?

angela* diz:
 conhecer o japao

angela* diz:
 que hj pra mim é mais importante que o din din

william diz:
 por que vc queria conhecer o Japão? Vc acha que foi por causa da descendência?

angela* diz:
 eu queria pq era um pais de primeiro mundo...

angela* diz:
 onde tinha tecnologia, e coisas incríveis..é um paradoxo de mundo novo com mundo antigo

william diz:
 só por ser um país de primeiro mundo, você poderia ir para outros... Por que o Japão?

angela* diz:
 ah... eu tinha vontade de conhecer o Japão, aqui vc tem templos, castelos, um imperador que são coisas da idade media...e tem a tecnologia do século 21

angela* diz:

se vc quiser facilidade vc tem...se vc quiser coisas tecnológicas vc tem...mas se quiser conhecer algo que tenha uma historia como os templos de kyoto, ou as cidades dos samurais ..como sakura ...vc pode...conhecer isso...

angela* diz:

é um paradoxo..

angela* diz:

a descendencia ajudou muito...se não fosse descendente não poderia trabalhar aqui...tb....e com o dinheiro do meu trabalho posso conhecer o japao

angela* diz:

sempre participei de muitas coisas da comunidade japonesa...e sempre tive muitos amigos descendentes isso ajudou muito.

william diz:

e se você não precisasse do dinheiro... Mesmo assim visitaria o Japão?

angela* diz:

sim..

angela* diz:

eu nao vim aqui soh por dinheiro

angela* diz:

sendo sincera com vc

angela* diz:

vim pq queria sair do Brasil

angela* diz:

tava muito entediada ...e queria conhecer algo novo que nunca tinha visto...viver novas experiências..

angela* diz:

e o unico lugar onde eu poderia ..sair, viajar e sei que teria emprego garantido é aqui

Anexo 4 - Proposta de serviço da Sony

SAWATUR VIAGENS & TURISMO	www.sawatur.com.br TEL 11 3106 3045 FAX 11 3105 2251 AV LIBERDADE 65 CJ 1002 01503 000 SÃO PAULO SP
---	---

"SONY OMIGAWA"

LOCAL:
SONY EMS , REGIÃO DE CHIBA-KEN - OMIGAWA-MACHI

TIPO DE SERVIÇO:
MULHER/HOMEM: Controle de qualidade (kensa), montagem e fabricação e ajuste das lentes de câmera digital.

SALÁRIO:
MULHER/HOMEM ¥ 1.000 por hora.
Em caso de horário noturno a partir das 22:00 hs até 05:00, ou hora extra, será pago o adicional de 25%, ou seja, ¥ 1.250 por hora

HORA EXTRA:
Conforme a disponibilidade da empresa e das linhas de montagem.

HORÁRIO DE TRABALHO:
Trabalha-se durante o dia (hirukin) ou durante a noite (yakin). Conforme calendário da seção 5x2 ou 6x1 com folga aos domingos.
O horário e o calendário podem ser alterados conforme a disponibilidade da empresa.

MORADIA:
Valor do Aluguel: ¥ 30.000 por mês cada. É necessário dividir o apartamento com mais 1 ou 2 pessoas. Estarão inclusos no aluguel, as despesas de água, luz e gás. O apartamento já estará mobiliado com geladeira, fogão, máquina de lavar roupa, tv e aspirador de pó.
Casal: ¥30.000 por pessoa
Kit de cama: Futon, lençol e travesseiro. Será cobrado uma taxa de ¥ 5.000

CONDUÇÃO:
Por conta da firma, que geralmente empresta uma bicicleta para chegar até a fábrica. O A duração do trajeto do apartamento até a firma é de aproximadamente 15 minutos de bicicleta, dependendo da localização.

REFEIÇÃO:
Diurno / noturno no refeitório. O funcionamento do refeitório nos finais de semana depende da quantidade de pessoas.

INFRA- ESTRUTURA DA SONY:
A Sony dispõe de um refeitório, enfermaria, guarda-volumes e uniformes como macacão, toca, luva e máscara para trabalhar.
A Sony está cobrando de cada funcionário, o valor de 1.500 por mês, mas a Twenty First irá pagar 500 ienes e descontará o restante de 1.000 ienes por mês do salário do funcionário.

REQUISITOS:
HOMEM: 18 A 40 ANOS MULHER: 18 A 45 ANOS
Idioma japonês: 0%

Anexo 5 - Proposta de serviço da Sony para *arubaitos*

SAWATUR VIAGENS & TURISMO	www.sawatur.com.br TEL 11 3106 3045 FAX 11 3105 2251 AV LIBERDADE 65 CJ 1002 01503 000 SÃO PAULO SP
---	---

“SONY DE OMIGAWA ARUBAITO”

EMPRESA E LOCAL:
SONY SEM, REGIÃO DE CHIBA-KEN - OMIGAWA-MACHI

TIPO DE SERVIÇO:
Mulher /Homem – Controle de qualidade (kensa), montagem e fabricação de ajuste das lentes de câmera digital e filmadora;

SALÁRIO:
Mulher /Homem: ¥ 1.000 por hora.
Em caso de horário noturno a partir das 22:00 hs até 05:00, ou hora extra, será pago o adicional de 25%, ou seja, ¥ 1.250 por hora.

HORA EXTRA:
Conforme a disponibilidade da empresa e de setor.

HORÁRIO DE TRABALHO:
Trabalha-se durante o dia (hirukin) ou durante a noite (yakin). Conforme calendário da seção 5x2 ou 6x1 com folga aos domingos.
O horário e o calendário podem ser alterados conforme a disponibilidade da empresa.

MORADIA:
Valor do Aluguel: ¥ 20.000 por mês cada. É necessário dividir o quarto com mais 1 pessoa. Estarão inclusos no aluguel, as despesas de água, luz e gás. O apartamento já estará mobiliado com geladeira, fogão, máquina de lavar roupa, tv e aspirador de pó.
Kit de cama: Futon, lençol e travesseiro. Será cobrada uma taxa de ¥ 5.000. No caso de ARUBAITO de três meses não será descontado.

CONDUÇÃO:
Por conta da firma, que geralmente empresta uma bicicleta para chegar até a fábrica. O A duração do trajeto do apartamento até a firma é de aproximadamente 15 minutos de bicicleta, dependendo da localização.

REFEIÇÃO:
Diurno / noturno no refeitório. O funcionamento do refeitório nos finais de semana depende da quantidade de pessoas.

INFRA- ESTRUTURA DA SONY:
A Sony dispõe de um refeitório, enfermaria, guarda-volumes e uniformes como macacão, toca, luva e máscara para trabalhar.
A Sony está cobrando de cada funcionário, o valor de 1.500 por mês, mas a Twenty First irá pagar 500 ienes e descontará o restante de 1.000 ienes por mês do salário do funcionário.

REQUISITOS:
HOMEM: 18 A 30 ANOS MULHER: 18 A 40 ANOS
Idioma japonês: 0%

Anexo 6 - Proposta de serviço da Suzuki para arubaitos

SUZUKI – Arubaito 2005

LOCAL de TRABALHO	<i>Shizuoka-ken Kosai-shi</i>
TIPO DE SERVIÇO	<i>Montagem de carros em geral.</i>
SALÁRIO	<i>¥ 1250 / hora normal</i> <i>¥ 1633 / hora extra</i> <i>¥ 2.000 adicional por noite</i> <i>Prêmio de assiduidade mensal: ¥ 10.000 / mês se não faltar, chegar atrasado ou sair antes do horário.</i>
HORA EXTRA	<i>Conforme a necessidade no setor.</i>
HORÁRIOS de TRABALHO	<i>Das 08:00 ~ 16:55 (Diurno)</i> <i>Das 17:20 ~ 02:05 (Noturno)</i> <i>Havendo revezamento de turno será obrigatório participar.</i>
PERFIL do CANDIDATO	<i>HOMENS – issei, nissei, sansei ou mestiço.</i> <i>Idade – 18~38 anos</i> <i>Idioma – não há a necessidade de falar a língua</i> <i>Indivíduo saudável com disponibilidade para trabalhar</i>
MORADIA	<i>Alojamento masculino (ARAI) ou ACADEMY</i>
ALUGUEL	<i>Alojamento Arai 1 pessoa por quarto ¥ 30.000/mês ou 2 pessoas por quarto ¥ 20.000/mês. Já incluso despesas de água e luz. Quarto com beliche.</i> <i>Alojamento Academy ¥ 50.000/mês incluso refeições duas refeições ao dia (café da manhã + almoço ou jantar)</i> <i>Lavanderia: Coin laundry (Máquina de lavar roupas ¥ 150 a lavagem completa. Secadora ¥ 100 30 minutos)</i>
UNIFORME	<i>Serão fornecidos 2 conjuntos de uniformes e 1 boné no ato da admissão. Todos os materiais de segurança serão fornecidos conforme a necessidade.</i>
REFEIÇÃO	<i>Sob responsabilidade do consumidor, caso opte pela refeição no refeitório da fábrica, poderá utilizar o cartão magnético que deverá receber após duas semanas. As despesas serão debitadas no holerite.</i>
TRANSPORTE	<i>Ida e volta ao trabalho será feito gratuitamente via ônibus, microônibus ou perua exclusiva.</i>
SEGURO / IMPOSTO	<i>Seguro saúde em torno de ¥ 10.000 / mês.</i> <i>Imposto baseado na legislação japonesa. Em torno de 6% do salário.</i>
FINANCIAMENTO	<i>USD 2.400,00</i>

Anexo 7

Contrato entre dekasegui nipo-brasileira e agência recrutadora, no início da década de 1990.

TÉRMO DE COMPROMISSO
借用書

Valor financiado.
Y 392,000 us\$

Declaro que recebi o valor acima mencionado.
上記の金額を確かに借用致しました。

Portanto, o valor financiado é referente as passagen aéreas e outras necessidades.
但し内訳は旅行費代金とする。

Com referência ao valor acima, autorizo a deduzir dos meus salários em 3 ou 6 parcelas iguais, do qual fica ciente o meu avalista.
借用代金に関しては給料から3ヶ月～6ヶ月に分割し必ず返済致します。

Assumo esse compromisso impreritivelmente. Da minha devolução. Autorizo a quitar esse compromisso em yens e sendo este, a cota do YEN 140.
返済金は円レート(¥140)により円にて支払う事を約束を致します。

Para completar comprometo-me a permanecer o mais longo tempo possível nesta empresa, no mínimo um período de 12 meses.
尚念の為身上書を付け会社に長く勤務する事を約束致します。

No caso de minha demissão, deixo um aviso prévio de 1(um) mês, quitando minha passagem de uma só vez, incluindo minha multa.
退職の場合は1ヶ月前に申し出る。退職の時には借用代金。及び定められた金額を返金致します。

No caso de deixar o emprego antes dos 3 meses, pagarei uma multa de 300.000 yens, e se sair antes dos 6 meses, uma multa de 200.000 yens e antes dos 12 meses, seria uma multa de 100.000 yens.
入社3ヶ月前に退職する場合は300000yens
6ヶ月の場合は200000yensとする
1年未満の場合は100000yensとする

A fábrica se responsabiliza, e avaliza pelo visto de permanencia no Japão.
Ciente, de que se sair da fábrica em menos de um ano, além da multa, o meu visto de permanência será imediatamente cancelado.
ビザ申請に関しては会社が保証人となり 但し1年未満で退職の場合は調査費及び保証金が直ちに没収とする

Patricia Keiko Fujii

Anexo 8

Trechos da entrevista com Wilson, estudante do curso de Geografia da USP, que passou pela experiência imigratória no Japão:

Começo a minha história de ida ao Japão com os trâmites aqui no Brasil. Primeiramente caio no conto do vigário, pois a agência de viagem me prometeu ganhos rápidos e um emprego não muito perigoso. O problema é que eles me cobraram em torno de 2.700 dólares na época, enquanto a passagem não saía por mais de 1.000 dólares. Apesar de que isso é praticado por todas as agências.

O salário acordado no Brasil não era o mesmo no Japão, pois o valor não chegava a 70% do combinado. O trabalho era pesado e muito prejudicial à saúde, pois trabalhava com produtos químicos cancerígenos. A sorte foi ter um irmão no Japão que me convidou para trabalhar em Mie, e apesar de não saber quase nada de japonês, consegui um novo emprego na fábrica de fibra óptica, muito mais leve e menos prejudicial à saúde. Fiquei por seis meses lá, até que fui para a fábrica onde fiquei por mais tempo e consegui fazer laços de amizade.”

Como eram os trabalhos que você realizou?

O primeiro trabalho como já foi relatado era em uma empresa de beneficiamento de metais, que trabalhava com produtos químicos pesados. Neste emprego a minha saúde foi um pouco afetada. Após o 3º. mês de trabalho comecei a cuspir sangue e catarrar preto.

O segundo emprego era de fibra óptica, onde brasileiros e japoneses não se misturavam muito, salvo algumas exceções, mas o emprego era bem mais leve, mas existia ali uma pequena discriminação e xenofobia.

O terceiro foi o melhor, pois ali não existia discriminação e japoneses e brasileiros conviviam relativamente bem. Era uma empresa de peças de plástico para autos. Consegui fazer amizades tanto com brasileiros como com japoneses. Após algumas semanas, os chefes da seção que eram japoneses, saíam com os brasileiros para um happy hour. Os

funcionários do mesmo escalão iam jogar boliche, comer churrasco, entre outras atividades de entretenimento.

Então também existiam momentos de lazer?

Íamos muito a pesque-pague, jogar boliche, danceteria, cinema, shopping, jogar bola – tudo que desse para distrair. Talvez no começo não pude ir a muitos lugares, pois estava com uma dívida para ser paga, mas aos poucos consegui aproveitar muito a minha estada no Japão. Até andei de snow board. Sempre acompanhado de brasileiros e japoneses.

Então foi bom o seu relacionamento tanto com os outros trabalhadores brasileiros quanto com os japoneses?

No começo era muito difícil de me relacionar tanto com brasileiros quanto com os japoneses, pois estava em uma fábrica pequena e não existiam muitos brasileiros nela, mas com o tempo estudei a língua japonesa e pude me relacionar tanto com uns quanto com outros. Os relacionamentos não ficavam apenas no âmbito da empresa, mas criamos amizades de sair juntos e comemorarmos datas festivas juntos. Percebi que os japoneses não são tão frios assim, basta saber compreender um pouco da cultura deles para poder entrar em contato e criar um grande laço de amizade.

Você pensava que os japoneses eram frios?

Antes de ir ao Japão imaginava que os japoneses eram “metidos a besta” e que a população era muito fria e de difícil relacionamento. Imaginava que iria me dar muito mal com o Japão. Imaginava que não conseguiria me adaptar com as comidas do local. Aos poucos fui percebendo que seria um país onde queria trabalhar e morar o resto da minha vida. Consegui me adaptar muito bem a ele. Sinto que os laços de amizade que criei com os japoneses foram muito mais concretos que com outros brasileiros. Visualizo também a possibilidade de viver lá, pois aqui no Brasil vivemos em constante instabilidade financeira

e falta de segurança. Lá, a facilidade de adquirir bens é muito grande, mesmo sendo funcionário de fábrica, pois o salário é muito bom.

Então, pensa em retornar ao Japão?

A volta ao Japão está cada dia mais difícil na minha vida, pois tenho uma namorada com quem pretendo me casar, e acho que ela não conseguiria se adaptar lá, mas se não fosse por ela eu já seria um a mais na estatística dos que abandonam o Brasil. Poderia dar melhores condições de vida para meus futuros filhos. Não vejo grandes perspectivas no Brasil, mas ficamos por causa de circunstâncias muito importantes na minha vida.

Anexo 9 – Crianças brasileiras no Japão

William Fugii

Foto 20: Crianças brasileiras – Escola Alegria de Saber. Cidade de Toyota, Província de Aichi.
Trabalho de Campo, julho de 2006.

William Fugii

Foto 21: Jovens brasileiros – Colégio Pitágoras. Cidade de Hamamatsu, Província de Shizuoka.
Trabalho de Campo, julho de 2006.

Anexo 10 – Mapa político do Japão

Org.: Erick Fugii